



Alcione Nawroski

para
Cartas
Varsóvia

*Escritas
de Crianças
no Entreguerras*



Alcione Nawroski

Cartas
para
Varsóvia

*Escritas
de Crianças
no Entreguerras*

| São Paulo | 2024 |



DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

N329c

Nawroski, Alcione -

Cartas para Varsóvia: Escritas de Crianças no entreguerras / Alcione Nawroski. – São Paulo: Pimenta Cultural, 2024.

Livro em PDF

ISBN 978-65-5939-977-2

DOI 10.31560/pimentacultural/2024.99772

1. Pedagogia de Janusz Korczak. 2. Educação e Infância.
3. Direito das Crianças. 4. I Guerra Mundial. 5. II Guerra Mundial. I. Nawroski, Alcione. II. Título.

CDD: 370.323

Índice para catálogo sistemático:

I. Educação

II. Direitos Humanos

Simone Sales - Bibliotecária - CRB ES-000814/0

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2024 a autora.

Copyright da edição © 2024 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons:

Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0).

Os termos desta licença estão disponíveis em:

<<https://creativecommons.org/licenses/>>.

Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural.

O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

Direção editorial	Patrícia Bieging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patrícia Bieging
Coordenadora editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Assistente editorial	Júlia Marra Torres
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll
Editoração eletrônica	Andressa Karina Voltolini Milena Pereira Mota
Imagens da capa	rawpixel.com - Freepik.com
Tipografias	Abril, Acumin, PF SignSkrip,
Revisão	Alcione Nawroski
Autora	Alcione Nawroski

PIMENTA CULTURAL
São Paulo • SP
+55 (11) 96766 2200
livro@pimentacultural.com
www.pimentacultural.com



CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO

Doutores e Doutoradas

Adilson Cristiano Habowski
Universidade La Salle, Brasil

Adriana Flávia Neu
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Adriana Regina Vettorazzi Schmitt
Instituto Federal de Santa Catarina, Brasil

Aguimario Pimentel Silva
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Alaim Passos Bispo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Alaim Souza Neto
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Knoll
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Regina Müller Germani
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Aline Corso
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Aline Wendpap Nunes de Siqueira
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Ana Rosângela Colares Lavand
Universidade Federal do Pará, Brasil

André Gobbo
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Andressa Wiebusch
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Andreza Regina Lopes da Silva
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Angela Maria Farah
Universidade de São Paulo, Brasil

Anísio Batista Pereira
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Antonio Edson Alves da Silva
Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Antonio Henrique Coutelo de Moraes
Universidade Federal de Rondonópolis, Brasil

Arthur Vianna Ferreira
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Ary Albuquerque Cavalcanti Junior
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Asterlindo Bandeira de Oliveira Júnior
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Bárbara Amaral da Silva
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Bernadette Beber
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Bruno Rafael Silva Nogueira Barbosa
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Caio Cesar Portella Santos
Instituto Municipal de Ensino Superior de São Manuel, Brasil

Carla Wanessa do Amaral Caffagni
Universidade de São Paulo, Brasil

Carlos Adriano Martins
Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Carlos Jordan Lapa Alves
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Caroline Chioquetta Lorenset
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Cássio Michel dos Santos Camargo
Universidade Federal do Rio Grande do Sul-Faced, Brasil

Christiano Martino Otero Avila
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Cláudia Samuel Kessler
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Cristiana Barcelos da Silva
Universidade do Estado de Minas Gerais, Brasil

Cristiane Silva Fontes
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Daniela Susana Segre Guertzenstein
Universidade de São Paulo, Brasil

Daniele Cristine Rodrigues
Universidade de São Paulo, Brasil

Dayse Centurion da Silva
Universidade Anhanguera, Brasil

Dayse Sampaio Lopes Borges
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Diego Pizarro
Instituto Federal de Brasília, Brasil

Dorama de Miranda Carvalho
Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil

Edson da Silva
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil

Elena Maria Mallmann
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Eleonora das Neves Simões
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Eliane Silva Souza
Universidade do Estado da Bahia, Brasil

Elvira Rodrigues de Santana
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Éverly Pegoraro
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Fábio Santos de Andrade
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Fabrcia Lopes Pinheiro
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Felipe Henrique Monteiro Oliveira
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Fernando Vieira da Cruz
Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Gabriella Eldereti Machado
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Germano Ehlert Pollnow
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Geymeesson Brito da Silva
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Giovanna Ofretorio de Oliveira Martin Franchi
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Handerson Leylton Costa Damasceno
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Hebert Elias Lobo Sosa
Universidad de Los Andes, Venezuela

Helciclever Barros da Silva Sales
*Instituto Nacional de Estudos
e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Brasil*

Helena Azevedo Paulo de Almeida
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Hendy Barbosa Santos
Faculdade de Artes do Paraná, Brasil

Humberto Costa
Universidade Federal do Paraná, Brasil

Igor Alexandre Barcelos Graciano Borges
Universidade de Brasília, Brasil

Inara Antunes Vieira Willering
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Jaziel Vasconcelos Dorneles
Universidade de Coimbra, Portugal

Jean Carlos Gonçalves
Universidade Federal do Paraná, Brasil

Jocimara Rodrigues de Sousa
Universidade de São Paulo, Brasil

Joelson Alves Onofre
Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil

Jónata Ferreira de Moura
Universidade São Francisco, Brasil

Jorge Eschriqui Vieira Pinto
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Jorge Luís de Oliveira Pinto Filho
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Juliana de Oliveira Vicentini
Universidade de São Paulo, Brasil

Julierme Sebastião Morais Souza
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Junior César Ferreira de Castro
Universidade de Brasília, Brasil

Katia Bruginski Mulik
Universidade de São Paulo, Brasil

Laionel Vieira da Silva
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Leonardo Pinheiro Mozdzenski
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Lucila Romano Tragtenberg
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Lucimara Rett
Universidade Metodista de São Paulo, Brasil

Manoel Augusto Polastreli Barbosa
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Marcelo Nicomedes dos Reis Silva Filho
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Marcio Bernardino Sirino
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Marcos Pereira dos Santos
Universidad Internacional Iberoamericana del México, México

Marcos Uzel Pereira da Silva
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Maria Aparecida da Silva Santandel
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Maria Cristina Giorgi
*Centro Federal de Educação Tecnológica
Celso Suckow da Fonseca, Brasil*

Maria Edith Maroca de Avelar
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Marina Bezerra da Silva
Instituto Federal do Piauí, Brasil

Maurício José de Souza Neto
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele Marcelo Silva Bortolai
Universidade de São Paulo, Brasil

Mônica Tavares Orsini
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Nara Oliveira Salles
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Neli Maria Mengalli
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Patricia Biegging
Universidade de São Paulo, Brasil

Patricia Flavia Mota
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Raul Inácio Busarello
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Raymundo Carlos Machado Ferreira Filho
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Roberta Rodrigues Ponciano
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Robson Teles Gomes
Universidade Católica de Pernambuco, Brasil

Rodiney Marcelo Braga dos Santos
Universidade Federal de Roraima, Brasil

Rodrigo Amancio de Assis
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Rodrigo Sarruge Molina
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Rogério Rauber
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Rosane de Fatima Antunes Obregon
Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Samuel André Pompeo
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Sebastião Silva Soares
Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Silmar José Spinardi Franchi
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Simone Alves de Carvalho
Universidade de São Paulo, Brasil

Simoni Urnau Bonfiglio
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Stela Maris Vaucher Farias
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Tadeu João Ribeiro Baptista
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Taíza da Silva Gama
Universidade de São Paulo, Brasil

Tania Micheline Miorando
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tarcísio Vanzin
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Tascieli Feltrin
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tayson Ribeiro Teles
Universidade Federal do Acre, Brasil

Thiago Barbosa Soares
Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Thiago Camargo Iwamoto
Universidade Estadual de Goiás, Brasil

Thiago Medeiros Barros
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Tiago Mendes de Oliveira
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Brasil

Vanessa Elisabete Raue Rodrigues
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Vania Ribas Ulbricht
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Wellington Furtado Ramos
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Wellton da Silva de Fatima
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Yan Masetto Nicolai
Universidade Federal de São Carlos, Brasil

PARECERISTAS E REVISORES(AS) POR PARES

Avaliadores e avaliadoras Ad-Hoc

Alessandra Figueiró Thornton
Universidade Luterana do Brasil, Brasil

Alexandre João Appio
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Bianka de Abreu Severo
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Carlos Eduardo Damian Leite
Universidade de São Paulo, Brasil

Catarina Prestes de Carvalho
Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, Brasil

Elisiene Borges Leal
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Elizabeth de Paula Pacheco
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Elton Simomukay
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Francisco Geová Goveia Silva Júnior
Universidade Potiguar, Brasil

Indiamaris Pereira
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Jacqueline de Castro Rimá
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Lucimar Romeu Fernandes
Instituto Politécnico de Bragança, Brasil

Marcos de Souza Machado
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele de Oliveira Sampaio
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Pedro Augusto Paula do Carmo
Universidade Paulista, Brasil

Samara Castro da Silva
Universidade de Caxias do Sul, Brasil

Thais Karina Souza do Nascimento
Instituto de Ciências das Artes, Brasil

Viviane Gil da Silva Oliveira
Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Weyber Rodrigues de Souza
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil

William Roslindo Paranhos
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Parecer e revisão por pares

Os textos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação do Conselho Editorial da Pimenta Cultural, bem como revisados por pares, sendo indicados para a publicação.

SUMÁRIO

Agradecimento	12
Apresentação	13
Prefácio	16
CAPÍTULO 1	
Janusz Korczak entre as mulheres.....	23
CAPÍTULO 2	
A escrita dos diários.....	29
CAPÍTULO 3	
Mały Przegląd.....	46
CAPÍTULO 4	
A amizade	57
CAPÍTULO 5	
Dom Sierot.....	61
CAPÍTULO 6	
A casa da Rosinha.....	73

CAPÍTULO 7	
Nasz Dom.....	86
CAPÍTULO 8	
Órfãos - filhos da guerra.....	94
CAPÍTULO 9	
Os Adultos	111
CAPÍTULO 10	
A neve	121
CAPÍTULO 11	
A escola.....	125
CAPÍTULO 12	
Os professores	134
CAPÍTULO 13	
A Emigração.....	141
CAPÍTULO 14	
As Forças Armadas.....	172
CAPÍTULO 15	
Fábulas, Imaginação e Fantasia	178
CAPÍTULO 16	
Os animais	188

CAPÍTULO 17

Rei Mateuzinho I 197

CAPÍTULO 18

A infância de Henryk Goldszmit 201

Referências..... 208

Filme..... 209

Jornais 210

Índice remissivo..... 212

ALCIONE NAWROSKI

CARTAS PARA VARSÓVIA
Escritas de Crianças no Entreguerra



Meus amigos foram com seus familiares para o Brasil. Eles moram na cidade de Porto Alegre. Eles escrevem na carta dizendo que lá é muito triste. Então, eu mandei alguns recortes do *Maly przegląd* para eles; acho que eles vão gostar. Seria bom, se os leitores soubessem como nossos emigrantes estão vivendo lá fora.

Celina R., aluna do quinto ano.

AGRADECIMENTO

A concretização deste livro foi possível graças as muitas e muitas mãos que colaboraram nesse trabalho, ora de forma quase espontânea, ora sob a pressão dos prazos, uma vez que também fez parte das atividades desenvolvidas com os estudantes do curso de filologia de língua portuguesa da Universidade de Varsóvia, entre os anos de 2020 e 2022. Dessarte, evoco um especial agradecimento aos estudantes Aleksandra Węglarz, Aneta Tylek, Dominika Niestrata, Helena Dobak, Julia Bućko, Julia Tylman, Karol Zbrzeźniak, Karolina Kłobukowska, Katarzyna Lis, Klaudia Chrzan, Magdalena Witkowska, Marlena Ruskowska, Marta Litwinowicz, Mikołaj Pilecki, Sandra Spurek, Weronika Owczarek e Zuzanna Janiszewska que, sob minha coordenação, empenharam-se em passear e desvendar a língua portuguesa do Brasil ao praticarem a tradução da língua de partida (polonês), falada e escrita por crianças e adolescentes da década de 1920/1940, para a língua de chegada (português), falada e escrita pelos brasileiros nos dias de hoje, sobretudo, esforçando-se para manter a ternura dos escritos das crianças e adolescentes do período entreguerras.

A autora

APRESENTAÇÃO

O livro revela uma série de cartas escritas por crianças e adolescente ao jornal *Mały przegląd* (Pequeno Jornal) sediado em Varsóvia, no período entreguerras (1926-1939), organizado e dirigido inicialmente por Janusz Korczak e posteriormente pelo seu primeiro-secretário Igor Newerly. Dentre as várias ações pedagógicas coordenadas por Korczak, pretendemos dar especial atenção ao jornal *Mały Przegląd*, situado entre os anos 1926-1939, na rua Nowolipki n.º 7, em Varsóvia. Idealizado por Janusz Korczak, durante 13 anos, o jornal deu voz as crianças, inicialmente de Varsóvia, depois de toda a Polônia e mais tarde de vários outros países. Foram aproximadamente 50.000 cartas escritas autenticamente por crianças órfãs, filhos de trabalhadores, mercadores, industriais, intelectuais, judeus polonizados e ortodoxos.

As cartas, originalmente publicadas no jornal mencionado e atualmente compiladas no arquivo on-line da Biblioteca Nacional da Polônia, foram traduzidas por um grupo de estudantes-pesquisadores poloneses e brasileiros e compuseram a materialidade dos jornais que constituem um dos arcaibouços da imprensa pedagógica. O jornal *Mały przegląd* consolidou-se como um jornal escrito por crianças para crianças, mediados por uma equipe de adultos. Assim, evocamos as pesquisas sobre a imprensa na educação para o *nohall* deste trabalho, sinalizando que o jornal *Mały przegląd* constitui-se como um aporte da imprensa pedagógica, uma vez que entre as questões da sua realidade social, crianças e adolescentes abordavam, no tocante aos muitos temas, a pujante realidade social da escola à suas vidas.

Para Nóvoa, “a imprensa é, provavelmente, o local que facilita um melhor conhecimento das realidades educativas” (2002, p. 31). Como pesquisadora do campo da história da educação, compreendo que os jornais compõem uma materialidade instigante a ser desvelada, uma vez que constituem um dos principais arcaibouços da imprensa

pedagógica da primeira metade do século XX, quando a imprensa escrita, assim como os programas de rádio, era fortemente propagada. Ao se tratar do jornal *Mały przegląd*, também encontramos uma espécie de conteúdos de cunho pedagógico, sobretudo nas fábulas assinadas com pseudônimos, nas críticas encaminhadas pelos leitores e na troca de informações entre os leitores infanto-juvenis que cada vez mais encontravam-se sob as ameaças antissemitas.

À medida que nossas leituras se intensificaram, surgiu a ideia de compartilhar as escritas das crianças e adolescentes do período entreguerras, com o devido teor das alegrias e tristezas, com a comunidade de leitores da língua portuguesa. Assim, começou o interesse em traduzir alguns dos artigos, que escolhemos ano a ano, como forma de revelar o período entreguerras sob o olhar das crianças e adolescentes que encontravam na escrita e na leitura uma forma de manifestarem suas emoções, sentimentos e angústias. Vale a pena salientar que, à medida que as traduções progrediam, nossos sonhos e medos emergidos dos escritos coadunavam com as ondas fascistas e neonazistas pelo mundo nos últimos anos. A cada artigo que líamos, mais e mais emergiam os sentimentos de uma época que foi marcada por medos e angústias, mas também de esperanças. Ademais, os artigos encontram-se permeados de informações históricas, de sonhos e decepções, de vidas e mortes no período entreguerras. Para Janusz Korczak, as crianças sonham mais que os adultos e por isso não podemos deixar que seus sonhos morram antes do tempo. O educador acreditava que dar o poder de voz e de escrita às crianças era uma forma de dar sentido à vida àquelas que, dada as condições sociopolíticas, tinham pouco para acreditarem nela. Enfim, traduzir as cartas também foi uma forma de esperar (FREIRE, 2004) e alento em tempos marcados pela desesperança política e pela pandemia do Covid-19.

Na condição de idealizador e primeiro editor do jornal, durante a primeira edição, Janusz Korczak fez um convite às crianças descrevendo as instalações da sede do jornal, o qual funcionaria em uma grande casa de esquina, próxima a um parque infantil e um lago com

barcos e pedalinhos. No inverno, também haveria uma pista de gelo para patinação. Supostamente, nos arredores do prédio, haveria bicicletas, carros e aviões que entregariam as cartas vindas do mundo todo. A sede do jornal contava com 12 aparelhos telefônicos, para os quais as crianças poderiam telefonar para fazer perguntas e registrar reclamações. A partir deste primeiro convite à escrita, cada vez mais crianças foram sentindo-se impulsionadas a enviarem suas cartas e assim *Mały przegląd* conquistou leitores e escritores inicialmente de Varsóvia, depois de toda a Polônia e mais tarde de todos aqueles países que foram abrigo, principalmente para a diáspora judaica.

Alcione Nawroski

Florianópolis, 9 de outubro de 2023.

Haverá três editores - Um velho (careca, de óculos) para evitar a bagunça. Um jovem editor para atender meninos e uma jovem editora para receber as meninas. Assim ninguém vai sentir vergonha e todos podem falar de forma bastante honesta e em voz alta. O que estão precisando? O que está se passando com cada um de vocês? Quais são suas preocupações?

Quem quiser pode falar, quem quiser pode escrever na hora, na própria redação do jornal. Aqui tem mesas e colaboradores para auxiliarem vocês, além de gavetas para guardarem seus textos. Para aqueles que tem vergonha de escrever ou escrevem mal, os erros serão corrigidos e se caso não quiserem escrever porque tem vergonha da sua escrita, os colaboradores da redação poderão ajudar. [...]

Cumprimentos

JANUSZ KORCZAK

Varsóvia, 9 de outubro de 1926.

PREFÁCIO

Como bisneta da Senhora Zofia Sychotda, uma das pupilas de Janusz Korczak, que por muitos anos viveu no orfanato *Nasz Dom* (Nosso Lar), apresento com grande entusiasmo este notável livro de Alcione Nawroski, "Cartas para Varsóvia escritas de crianças no entreguerras", aos leitores brasileiros. O livro vai muito além de simplesmente celebrar os feitos pedagógicos de Janusz Korczak; é um poderoso tributo à essência duradoura e à permanência do seu espírito naqueles dedicados à nobre causa da educação e ao cuidado dos mais pequenos. Que as memórias e o legado de Janusz Korczak não se apaguem, mas que suas marcas permaneçam indeléveis assim como marcam a história de minha família.

Os olhos da jovem Zofia Sychotda, carinhosamente chamada de Zosia, percebiam o mundo de forma única, entretanto, talvez não tão diferente da experiência das crianças de hoje, sobretudo aquelas que vivenciam os contextos bélicos. Zosia veio ao mundo em 1907, nascida em uma modesta família de operários poloneses. Se o tempo da infância é o tempo do brincar, para Zosia foi um tempo diferente. Desde muito jovem, ela testemunhou eventos que ultrapassavam a inocência e a vivência típica de uma criança.

O início do século XX trouxe consigo desafios avassaladores para aqueles que habitavam as terras polonesas. A cidade de Łowicz, onde Zosia veio ao mundo, estava sob a égide do chamado Reino da Polônia, parte integrante do vasto Império Russo. Quando Zosia tinha apenas 5 anos, seu pai, Jakub, faleceu tragicamente em um acidente ferroviário, deixando-a órfã de pai. Dois anos mais tarde, a Primeira Guerra Mundial eclodiu, colocando as terras onde a pequena Zosia residia sob o jugo das ocupações alemã e austro-húngara. Assim, Zosia se viu imersa no turbilhão da Guerra desde muito nova.

Em 1915, os poloneses e outros grupos étnicos dessa região foram deportados para o interior da Rússia. A jovem Zosia e sua mãe Karolina, se uniram a mais de 200 mil refugiados do *béženstvo* - uma evacuação em massa ocorrida durante a Primeira Guerra Mundial.¹ Em meio ao caos, deixaram para trás o Reino da Polônia, cientes de que jamais retornariam. - Por que estavam fugindo? - Foi por coerção ou escolha voluntária? São questões que permanecem como enigma. Talvez Karolina, ao ter que criar seus filhos sozinha, tivesse ouvido rumores difundidos pela máquina da propaganda czarista, narrativas sobre alemães hostis que incendiavam vilarejos inteiros e dizimavam mulheres e crianças. Esses sussurros poderiam ter chegado até ela, através de camponeses ou de padres ortodoxos. Outra possibilidade seria que Karolina, trabalhava em uma das fábricas cujos donos ordenavam a fuga imediata para a Rússia. Rumavam para o leste não apenas trabalhadores, mas também funcionários públicos, banqueiros e acadêmicos. A fuga ocorria de várias maneiras - a pé, de carruagem, de trem e até por navio ou a cavalo. A escassez de alimentos era uma realidade constante. Doenças como sarampo, tifo e cólera se alastravam rapidamente.

A jovem Zosia não tinha noção do que o futuro lhes reservava - poderiam ir para qualquer parte do vasto território do Império Russo. Aqueles com mais sorte encontraram refúgio nas margens do Rio Volga; os menos afortunados foram ainda mais longe, ultrapassando os Montes Urais ou até mesmo chegando à Sibéria. Infelizmente, Zosia e sua mãe não tiveram sorte - nenhuma entidade polonesa de auxílio conseguiu resgatá-las a tempo para evitar a deportação delas para o interior da Rússia. Provavelmente desembarcaram na estação de Dawlekanowo, a cem quilômetros de Ufa, vindas de trem e seguiram a cavalo ou a pé até chegar a Ufa, na região oeste dos Montes

1 A história de Zofia Sychofda está baseada em seu deslocamento forçado para a Rússia, sua estadia lá e seu retorno à Polônia, que foi reconstruída com base nas informações sobre os deslocamentos contidas no livro de Aneta Prymaka-Oniszk, „Bieżeństwo, 1915. Zapomniani uchodźcy”, Wydawnictwo: Czarne 2022.

Urais. Lá, assim como outros refugiados, encontraram abrigos em escolas, mosteiros e sinagogas. Zosia, desde jovem, tornou-se uma pequena refugiada, carregando consigo a memória angustiante da fuga. Inicialmente, receberam ajuda dos russos. Entretanto, a partir de 1916, a situação começou a mudar gradualmente; os habitantes locais se tornavam cada vez mais desconfiados e a hostilidade aos refugiados tornou-se constante com o desencadeamento da Revolução Bolchevique.

Em 1917, a Revolução de Fevereiro surgiu como um desafio ao regime do Czar Nicolau II Romanov. Entretanto, a guerra civil, caracterizada por sua brutalidade, violência, hostilidade e fome, não atingiu a cidade de Ufa imediatamente, mas um ano mais tarde.

Embora ainda não compreendesse as grandes mudanças que estavam por vir, Zosia vivera o trauma devastador da guerra civil. Seus olhos presenciaram o indizível, algo que nenhuma criança jamais deveria testemunhar: a morte constante. Os corpos dos falecidos jaziam pelas ruas, uma visão que ficara gravada na memória da Zosia.

A conquista dos bolcheviques marcou o início de uma longa jornada de retorno à Polônia. Inicialmente, entre os anos de 1918-1919, os que estavam mais próximos das fronteiras foram os primeiros a retornar. Aqueles que estavam no interior só conseguiram voltar após o desfecho da Guerra Polaco-Soviética, em 1921. Zosia e sua mãe encontravam-se entre esses retornados. A última parada em solo russo foi em São Petersburgo, de onde partiram de trem para Varsóvia. As lembranças da antiga capital do Império Russo, devastada pela guerra, ficaram cravadas em sua mente. Após uma exaustiva jornada, a pequena Zosia finalmente regressou à Polônia libertada, carregando consigo as marcas de uma história de vida turbulenta.

Quando Zosia retornou à Polônia, já estava com 16 anos. A casa que habitava antes da deportação havia desaparecido, deixando apenas lembranças. Foi então que a sua mãe, Karolina, tomou conhecimento de *Nasz Dom*, em Pruszków, na região metropolitana de

Varsóvia, inaugurada em 15 de novembro de 1919, pelo Departamento de Assistência à Criança Operária. Mas, por que Karolina decidiu enviar sua filha adolescente para uma instituição de crianças órfãs? Não sabemos ao certo, mas naquela altura, sua mãe devia estar com 56 anos, a cidade estava em ruínas e faltavam estruturas básicas de educação, saúde e moradia. Contudo, o “Nosso Lar” prometia, nas palavras de Korczak, “uma sociedade infantil fundamentada em princípios de justiça, fraternidade, direitos e deveres.”²

Após a independência da Polônia, Janusz Korczak estava consciente da participação das crianças para uma sociedade mais democrática, e por isso acreditava numa autogestão infantil, onde desde cedo as crianças tomassem conhecimento dos seus direitos e deveres. Sobre essa questão, o autor tratou com bastante maestria na parábola, espécie de Peter Pan polonês, “Rei Mateuzinho I”, que era uma referência para seus pupilos. Curiosamente, os filhos e netos de Zofia também cresceram ouvindo a histórias do monarca Mateuzinho. A narrativa do pequeno rei trata de temas como liderança, responsabilidade e coletividade.

O “Nosso Lar” dirigido por Falska e Korczak operava sob diversas estruturas organizacionais - plantões, ajuda voluntária, responsabilidades laborais, tarefas práticas escolares. Zofia lembrava com orgulho sobre as suas responsabilidades como “plantonista”, sendo incumbida pela limpeza da casa, cuidado das crianças, preparação de refeições e assistência aos enfermos. Os plantões eram contabilizados como conquistas individuais, recompensados com um “cartão postal comemorativo”. Zosia acumulou até quatro desses cartões, um deles recebido no outono de 1922 por ter se levantado cedo durante 91 dias consecutivos.

Korczak enfatizava também a importância da autoavaliação e avaliação dos demais colegas. Conduzia plebiscitos nos quais os

alunos avaliavam os novatos, recém-chegados. Zofia participou de um desses plebiscitos sobre o indisciplinado Leonardo, onde corajosamente criticou o garoto por suas ofensas maliciosas e comportamentos inadequados na casa.³

Em 1925, o “Nosso Lar” estabeleceu um limite de idade entre 7 e 15 anos para a educação. Nesse momento, Zofia já contava com 20 anos. Para permanecer na instituição, ela teve que obter a autorização do Conselho da Casa. Matriculada em um convento de formação de professores para escolas primárias, seu pedido foi aprovado. Ela conseguiu permanecer por mais alguns anos. Em 1927, “Nosso Lar” foi realocada de Pruszków para o bairro de Bielany, em Varsóvia. Zofia continuou lá, contribuindo no cuidado das crianças. Semanalmente, Korczak os visitava para abordar uma série de questões relativas à educação dos pequenos. Foi em 1931, que Zofia se casou, iniciando assim sua própria família.

Quais eram as lembranças que Zofia tinha de Janusz Korczak? A imagem dele como um pai dedicado às crianças foi pintada com ternura e admiração nas suas memórias dos tempos que ela viveu no “Nosso Lar”. A abordagem amorosa e atenciosa dele, sua devoção incansável às crianças e seu comprometimento com a pedagogia marcaram suas memórias. Cada vez que Korczak visitava a casa, distribuía doces aos pupilos, os consultava, media e pesava, conversava com eles e dedicava bastante tempo a cada um deles. À medida que o tempo passava, Zofia compreendia cada vez mais a magnificência do pedagogo que Janusz Korczak era. O retrato que ela guardava dele não apenas revelava a profundidade de seu amor pelas crianças, pelas quais ele sacrificou a própria vida, mas também demonstrava sua habilidade excepcional de inspirar e moldar mentes jovens, mostrando-se como um modelo exemplar de educador.

3 A biografia de Zofia Sycholda, com base em sua estadia em “Nosso Lar”, foi reconstruída parcialmente graças ao livro de Maryna Falska „Zakład Wychowawczy Nasz Dom”, Książnica Pruszkowska, 2014.

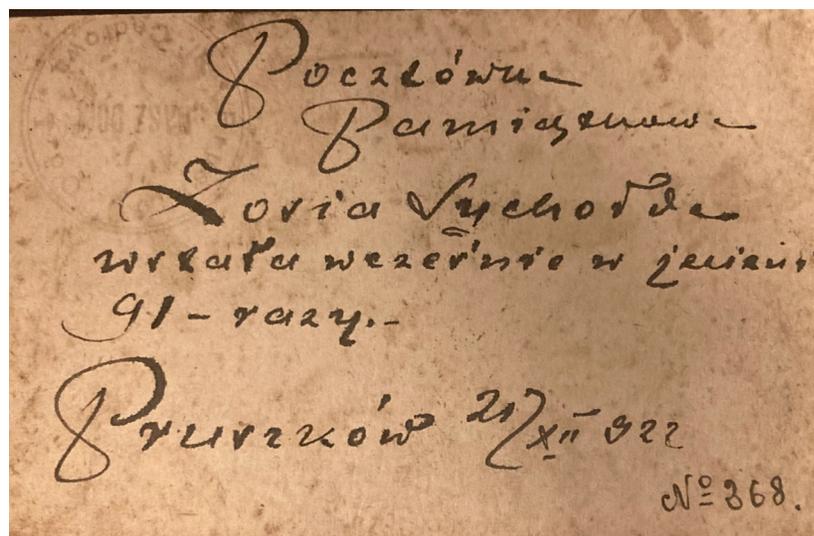
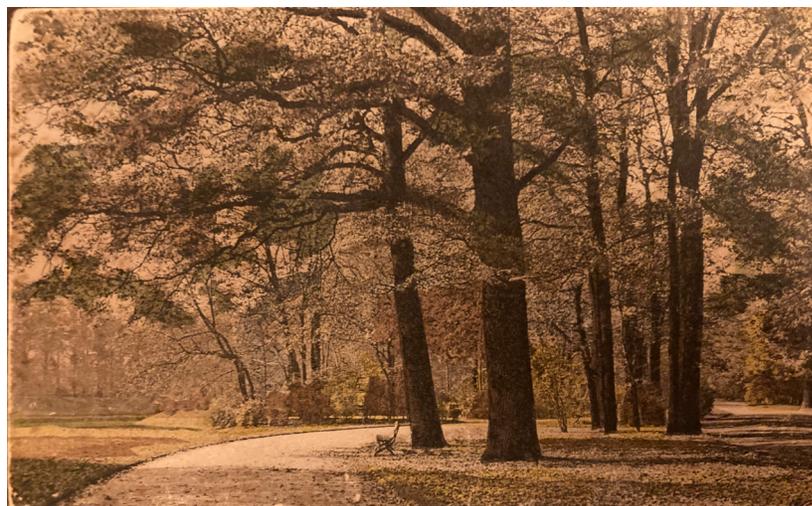
Como Janusz Korczak influenciou Zofia? Ela adentrou a vida adulta como uma mulher consciente, responsável e justa. Sua decisão de seguir os passos do seu mestre demonstrou a força e a convicção que ela absorveu da sabedoria dele. No período pós-guerra na Polônia, optou por dedicar-se ao ensino de matemática e história. Trabalhou na Escola Primária Pública n. 1, em Skierniewice. Durante seus 84 anos de vida, ela atravessou momentos desafiadores, sobrevivendo as duas Guerras, à tragédia da morte de Janusz Korczak e Maryna Falska, à Guerra Fria, à República Popular da Polónia, à lei marcial e às complexas negociações da Mesa Redonda em 1990. Zofia faleceu tranquilamente enquanto dormia em sua casa, no ano de 1991, pouco após a Polónia conquistar sua independência definitiva.

Interessante destacar que suas duas filhas também seguiram o caminho da docência e trabalho com crianças – Minha avó Wanda lecionou matemática e sua irmã Barbara tornou-se pediatra. Eu, como bisneta também escolhi a missão de ensinar – honrando e preservando a tradição feminina da educação iniciada por minha bisavó, Zofia Sychołda que foi influenciada por Janusz Korczak. Como integrante da quarta geração de Zofia que encontrou abrigo em “Nosso Lar”, sinto-me profundamente conectada ao legado deixado pelo educador. Em parte, devo a Janusz Korczak o lugar que ocupo hoje no mundo. Enfim, a história de Zofia não é apenas para elucidar uma homenagem a Janusz Korczak, mas também uma prova da continuação do seu legado. É com imensa comoção e gratidão que escrevo este prefácio, o qual permitiu recordar a história de minha bisavó e assim faço um convite caloroso para a leitura do livro.

Varsóvia, 23 de dezembro de 2023.

Agata Błoch

Figura 1 - Cartão postal recebido de Janusz Korczak por ter se levantado cedo durante 91 dias consecutivos.



Fonte: Arquivo da Família da Zofia Sychulda. Outono de 1922.



1

**JANUSZ KORCZAK
ENTRE AS MULHERES**

Em 5 agosto de 1942⁴, enquanto as crianças tomavam o café, o refeitório de *Dom Sierot* (Lar do Órfão) foi invadido aos gritos por um soldado alemão. Janusz Korczak, que estava na companhia das crianças, levantou-se e dirigiu-se até o soldado para pedir que se retirasse do recinto e conversassem lá fora. O diálogo ocorreu em alemão, para as crianças não entenderem do que se tratava. Minutos depois, Korczak adentrou o refeitório, dirigiu-se à senhora Stefania e em tom de sobreaviso, advertiu: - 15 minutos. A sra. Stefa (como era comumente chamada), dirigiu-se às crianças e avisou que vão fazer um passeio e por isso precisam vestir suas melhores roupas, pegar seus objetos pessoais e colocarem em suas mochilas: - temos pouco tempo, então precisamos ser rápidos, advertiu *Pani Stefa*. Não há um dado preciso, mas estima-se que nesse momento, Korczak e Stefa tutelavam cerca de 200 a 300 crianças judias, em sua maioria órfãs.

A passagem acima reconstitui uma cena do filme "As duzentas crianças do Dr. Korczak", dirigido por Andrzej Wajda, lançado em 1990, cujo título original é *Korczak*⁵. O filme se inicia pelo último dia no orfanato *Dom Sierot*, situado primeiramente num antigo bairro industrial de Varsóvia, onde funcionou até o outono de 1940, quando após sucessivos ataques nazistas, as crianças foram transferidas para o distrito central da cidade, cuja área era delimitada para aqueles que carregavam a Estrela de Davi no braço, conhecido mundialmente como o Gueto de Varsóvia.

Enquanto as crianças arrumavam suas mochilas, Janusz Korczak pediu que os soldados acalmassem seus cães, pois as crianças irão deixar o Gueto, enfileiradas, sem tumultos. A cena a seguir é controversa - no filme vimos crianças enfileiradas, cantarolando

4 Não se sabe a data ao certo, pois várias fontes preferem tratar das duas datas.

5 O filme foi indicado para concorrer ao melhor filme estrangeiro, mas não foi aceito, portanto, foi exibido fora da competição do Festival de Cannes. Um ano depois, em 1991, foi laureado com o prêmio alemão de melhor fotografia. Para alguns estudiosos como a historiadora de cinema Annette Insdorf, o longa está no mesmo patamar de "Cinzas e Diamantes" lançado pelo mesmo diretor em 1958 e tem como cenário o ano de 1945, período Pós-Segunda Guerra.

cantigas e acreditando que vão fazer um passeio de trem. Entretanto, críticos do filme de Andrzej Wajda, como o cineasta francês Claude Lanzmann descrevem a cena real como mais dura e cruel, apontando para uma realidade de marasmo, tristeza, fome e devassidão; quando naquele momento, as crianças de mais idade já haviam compreendido que aquela era a última viagem de trem.

Nas cenas descritas, Janusz Korczak está acompanhado da pedagoga Stefania Wilczyńska. Ambos, fundaram *Dom Sierot* em 1912, unidos, inicialmente, pela afinidade pedagógica, compartilhavam dos mesmos ideais em relação a educação das crianças e adolescentes, em que prezavam sobretudo a autonomia, a responsabilidade, o respeito e a liberdade.

Em que pese a elucubração de um herói como descrito na cena do filme, também reproduzido em arquivos, fotografias e livros, os feitos pedagógicos de Janusz Korczak, para Kicińska (2015), foram em grande medida, amparadas por mulheres, pedagogas que na historiografia do século XX, ficaram em segundo plano, sendo pouco mencionadas. Além do mais, não podemos falar de Janusz sem destacar o papel da sua mãe Cecylia, contagiada pelo tifo enquanto cuidava do filho; sua irmã Anna, com quem morou por alguns anos em Varsóvia; e por fim, as pedagogas Stefania Wilczyńska e Maryna Falska que estiveram ao seu lado na direção dos orfanatos *Dom Sierot* e *Nasz Dom*, respectivamente.

Apesar de não haver provas concretas de que houve uma relação de afeição maior entre Stefa e Korczak, como a possibilidade de um romance sondada pelas especulações de alguns pesquisadores, para Kicińska (2015), falar sobre Korczak sem mencionar a senhora Stefania empobrece o trabalho do médico e pedagogo, uma vez que a Sra. Stefa foi a última a embarcar no trem, juntamente com o Sr. Korczak e as crianças em agosto de 1942. Entretanto, o maior elo encontrado entre os dois era do compartilhamento dos mesmos princípios de educação, onde identificamos a intensa dedicação de Stefa para o funcionamento do orfanato *Dom Sierot*.

A senhorita Stefa nunca se casou, mas ao invés de senhora com o passar dos anos, preferiu ser chamada de senhora, justificando que no período entreguerras era muito difícil para uma mulher solteira ter um “lugar de respeito” na sociedade varsoviense. Assim, ao invés de Panna (senhorita), a escritora Magdalena Kicińska tituló seu livro de Pani (senhora) Stefa, onde tenta revelar a participação da senhora Stefania desde a ideação até os últimos anos de vida atuando junto com Janusz Korczak no orfanato *Dom Sierot*, no atendimento a centenas de crianças judias-polonesas órfãs. Assim, enunciamos que ao lado de Janusz Korczak, havia um trabalho primoroso na educação e desenvolvimento das crianças realizado pela pedagoga Stefania Wilczyńska, a qual embarcou junto com Korczak e as crianças para o campo de extermínio em Treblinka.

A falta de visibilidade da presença feminina na literatura é notória no campo pedagógico. Assim sendo, ainda que nos atentamos em retratar os feitos de Janusz Korczak, não podemos deixar de mencionar as mulheres que participaram intensivamente das suas realizações pedagógicas, mesmo que historicamente suas atuações foram secundarizadas na produção bibliográfica. A jornalista Magdalena Kicińska destaca que tomou interesse pela vida de Stefa, quando em 2012, durante um passeio pelas ruas de *Wola*, bairro de Varsóvia, parou para descansar por alguns minutos em frente ao portão de *Dom Sierot*, lhe surtiu uma questão: - como um orfanato deste porte, com tantas crianças, pôde ser conduzido por Janusz Korczak? Quem eram as outras pessoas que estavam junto dele? As questões suscitadas reverberaram no livro publicado em 2015, e que colocaram a Senhora Stefa no centro do funcionamento do orfanato.

Stefania Wilczyńska nasceu em 1886, em Varsóvia, em uma família judia assimilada tendo como sua primeira língua o polonês. Para as crianças do orfanato, lia poemas de Maria Konopnicka e cantava o hino da Polônia com pitadas de canções judaicas. De 1906 a 1908, estudou ciências naturais e médicas em Genebra e Liège, se dedicando especialmente ao pensamento do pedagogo alemão

Friedrich Fröbel. Em 1909, retornou à Varsóvia, onde solicitou um estágio no lar de crianças judias, lugar em que conheceu o médico Henryk Goldschmidt. Na época, ele trabalhava como pediatra no Hospital Infantil Bersohn e Bauman e começava a se interessar mais pelos métodos pedagógicos, além de intensificar os escritos sob o pseudônimo de Janusz Korczak.

Stefa gostava de contar sobre as descobertas de Darwin, distribuía livros didáticos de botânica e contava histórias sobre a natureza durante os passeios na casa de verão, a Casa da Rosinha. Quando brava preferia resmungar em francês, para as crianças não entenderem. Kicińska (2015), conclui em seu livro que uma mulher com vestes pretas ficou à sombra de Korczak. Entretanto, sua presença foi marcante para as crianças que a conheceram, como aquela senhora que “segurava as pontas” no orfanato, mas também segurava o molho de chaves do *Dom Sierot* situado inicialmente na antiga Rua *Krochmalna* n.º 92, atualmente Rua *Jaktorowska* n.º 6⁶. Mulher que gostava de vestir roupas pretas, de nariz grande, bochechas enrugadas, olhos profundos e uma mecha de cabelo curto sobre a testa, carregando um molho de chaves pesadas, conferindo a limpeza e a ordem da casa, de pouca risada e fala dura. Assim foi descrita por algumas crianças que sobreviveram ao holocausto, possivelmente porque deixaram o orfanato antes de agosto de 1942.

6 Após o aniquilamento de praticamente 80% da cidade de Varsóvia durante a II Guerra, com exceção da principal área comercial, conhecida hoje como Cidade Velha (*Stare miasto*), que após a Guerra foi reconstruída respeitando sua originalidade, as demais partes da cidade não mantiveram seus traços, linhas, ruas e arquiteturas originais, portanto, o nome da rua em que está situado o orfanato *Dom Sierot* foi alterado.

Figura 2 - Janusz Korczak e Stefania Wilczyńska em Goctawk.



Fonte: Arquivo da Família da Zofia Sychulda, 1936.

Desde jovem, por volta dos 19 ou 20 anos, Henryk Goldszmit começou a participar de concursos literários, o que o motivou a fazer uso de um pseudônimo. Ao escrever sua primeira peça teatral, aproveitou a obra “A história do belo ferreiro Janasz Korczak” (tradução literal) retirada do livro de Józef Kraszewski para assinar sua primeira participação literária sob o pseudônimo de Janasz Korczak. Curiosamente, quando o tipografo copiou os nomes dos ganhadores do concurso, trocou uma vogal do nome Janasz e assim surgiu Janusz Korczak. Janusz é o diminutivo de Jan (João), o qual em português, podemos traduzir facilmente por Joãozinho.

O médico Janusz desde cedo interessou se pela vida das crianças, registrava tudo. No sótão de *Dom Sierot*, quando as crianças já estavam a dormir, conferia as anotações do peso e medidas das crianças recolhidas naquele dia até reflexões mais teórico-pedagógicas. A compilação de seus diários foi publicada postumamente, em 1958, pelo seu pupilo Igor Newerly, onde também retrata a labuta diária do educador por comida para as crianças, as quais, desde o início da Guerra, encontravam-se mais magras. Pessoas pelas ruas morriam de fome todos os dias; a perseguição e o fuzilamento de judeus eram constantes; além da frequente circulação de estelionatários e contrabandistas pelas ruas do Gueto.

As crianças andam em círculos. Só a sua epiderme parece normal. Mas debaixo dela só há cansaço, desalento, cólera, revolta, desconfiança, pesar, saudade (KORCZAK, [1958], 1986, p.105).

Janusz escrevia sempre, quase todos os dias. Destes escritos, publicados postumamente, os quais foram traduzidos no Brasil por "Diário do Gueto", encontramos:

Os diários íntimos são uma literatura sinistra. Eis um artista, um cientista, um político ou um militar que entra na vida transbordando de projetos ambiciosos, que se embrenha em uma série de manobras poderosas, provocantes, hábeis, faz prova de uma capacidade de ação surpreendente. A ascensão continua: ele vence os obstáculos, alarga a suas zonas de influência e, sempre mais farto de experiências e amigos, vai passo a passo em direção a seus objetivos previstos no início da sua jornada. Isso pode durar dez, vinte ou trinta anos. Depois... Depois vem o cansaço, diminui o entusiasmo [...]

O que fazer? É a velhice.

Alguns resistem, retardam o prazo, trabalham como que pelo passado, às vezes até mais, forçando seu ritmo por medo não dar conta de tudo. Para encarar melhor, se alimentam de ilusões ou revoltados, são envolvidos pela fúria. Outros, resignados, vão renunciando pouco a pouco e começam a aceitar a aposentadoria. (KORCZAK, [1958], 1986, p. 5-6).

Para Janusz, o teatro, o rádio, a literatura, os jornais e a escrita eram recorrentes em seus feitos pedagógicos; comumente, a cada ano, as crianças ensaiavam alguma peça de teatro. Já no Gueto, vimos um Korczak mais reflexivo, sobre a sua vida, mas também sobre a dos outros e principalmente dos seus pupilos. Em relação a sua própria vida, a compara com a cidade de Varsóvia que, após o Acordo de Versalhes, em 1919, a capital polonesa começou a se organizar por meio de associações e movimentos populares para impulsionar o crescimento e passar

a viver sua independência, uma vez que por mais de um século esteve à mercê do Czarismo Russo, e por isso não desfrutava dos prestígios de uma capital. Se a II Guerra, além de aniquilar muito mais vidas humanas e destruir aproximadamente 80 por cento da capital polonesa, a I Guerra alavancou a fome, a miséria, o desemprego e as doenças epidemiológicas, além da morte. Importante ressaltar que ambas as Guerras tiveram a cidade de Varsóvia como epicentro do holocausto.

Varsóvia pertence a mim e eu lhe pertenço. Digo mais: eu sou esta cidade. Dividi com ela minhas alegrias e minhas tristezas; o seu tempo era o meu, a sua chuva e a sua lama também. (KORCZAK,[1958], 1986, p.33).

Na véspera do seu aniversário, em 21 de julho de 1944, Janusz escreve, não sei se amanhã faço 63 ou 64 anos. Korczak brincava com sua idade, justamente por não ter certeza se nasceu em 1878 ou 1879. Essa dúvida sempre o acompanhou e era motivo para divertir-se com as duas idades. Isso aconteceu por ser registrado anos mais tarde e estima-se que o pai tenha ficado em dúvida entre o calendário judaico e o calendário cristão católico, fato que marca a sua biografia. Por outro lado, muitas vezes manifestou seu incômodo por tamanho relapso de um pai que era advogado. Aliado a esse fato, Korczak, em alguns de seus escritos, evidenciou que em muitos momentos da sua vida, sentiu-se um órfão mesmo com o pai vivo.

Na ausência do pai, a literatura e o teatro foram seu conforto. O médico e pedagogo acreditava que o teatro era uma boa estratégia pedagógica para trabalhar com o imaginário das crianças. Para o ano de 1944, havia escolhido a peça *Dakghar* (Agência de Correios) do indiano *Rabindranath Tagore*. A peça foi apresentada pela primeira vez em abril daquele ano e as demais apresentações da peça ocorreram até o dia 18 de julho de 1944. Dois dias mais tarde, as deportações para o Campo de Treblinka haviam se intensificado e não ocorreram mais novas apresentações.

Figura 3 - Janusz Korczak com as crianças numa apresentação de teatro.



Fonte: Instituto de História Judaica, 18 jul.1942.

No dia que antecedeu a última partida de trem, escreveu pela última vez em seu diário:

Reguei as flores, pobres plantas deste orfanato (...). O soldado atrás do muro está vigiando meu trabalho. Será que estou o irritando ou ele está apreciando meu trabalho pacífico às 6 horas da manhã (...). Minha careca na janela é um bom alvo? Ele está com um rifle. - Por que será que ele está parado, olhando calmamente? Ele não deve receber ordens. Ou, talvez ele tenha sido um professor em uma escolinha do campo; um escrivão; um varredor de rua em Leipzig ou um garçom em Colônia? O que será que ele faria se eu acenasse com a cabeça para ele? Ou se eu estendesse a mão amigavelmente? Talvez ele não saiba como é isso aqui? Talvez ele tenha chegado ontem de algum lugar distante ...”.

Último registro de Korczak, escrita na manhã de 4 de agosto de 1942. (KORCZAK, [1958], 1986, p.129).

Entre as últimas anotações nos diários, destacamos com frequência a palavra “morte” – pois, em sua volta, tudo morria. Mesmo assim o educador não deixava de almejar a vida, acreditava que a morte era superada pela vida e assim continuava a fazer planos para depois da Guerra. Janusz, assim como muitos ativistas da sua geração, participaram ativamente dos históricos conflitos militares, como a Guerra Russo-Japonesa; a Grande Guerra; a Guerra Polonesa-Soviética e a II Guerra Mundial. A incerteza política era certa, do resto, Korczak e seus interlocutores buscavam apostar na formação humana por meio de uma educação progressista - de amor e afeto - para com as crianças e adolescentes, as vítimas mais desassistidas das catástrofes humanas.

Janusz já havia superado outras guerras e está era mais uma que, de acordo com seus escritos, deveria ser passageira, por isso, até os últimos dias de sua vida, fez questão de vestir a antiga farda do exército polonês. Defensor da nação polonesa, buscava na educação humanizadora o caminho para a liberdade constantemente ameaçada pelos países vizinhos. Escrever era uma forma de esperar e queria passar isso para seus pupilos como podemos ver na carta de Ester de Łódź que era ainda jovem e estava descobrindo o sol por traz da janela, que sempre aparece depois da tempestade.

Meu centésimo dia no trabalho

É um dia qualquer de verão, infectado por pessoas ansiosas e febris. Fora da janela, o zumbido irritante da cidade, dos carros, dos bondes e táxis. Na sala estão sentadas algumas garotas concentradas no seu trabalho. Agulhas passeiam pelas mãos tremulas, vestidos e roupas infantis. Enquanto trabalham, as meninas conversam e riem alto.

Estou sentada na máquina de costura enfiada no canto da sala. A lançadeira da minha máquina está coberta por um tecido azul. As pernas se mexem constantemente: pernas... arranhões... rodas... agulhas...

Vejo uma fileira de crianças para quem estamos costurando as roupas: grandes e pequenas que reluzem a luz do sol, vestidos curtos e brilhantes, uma fileira de cabeças menores e maiores, crianças pobres e ricas, tristes e felizes.

Estou com o pensamento fincado em uma garota que estava aqui a pouco, de aproximadamente quatro anos.

A mãe da menina ficava repetindo constantemente a mesma coisa: – “Vejam como a minha filha é uma criança fantástica!”

– “Lizenko, querida, diga-me.”

– Quem é Hitler?

“Hitler é...” a criança começou a gaguejar baixinho.

“Bárbaro, querida ...” a mãe confirmou.

A menina enfim se satisfez.

– “E o que Hitler faz?” continuou a mãe a indagar.

– Ele bate nos Judeus.

“Eu não disse?” gritou a mãe triunfante.

“Vejam como ela já conhece bem a política.

Em seguida contou uma longa história em que fez questão de dizer quão grandiosa é a inteligência da sua filha.

– Vejam que criança maravilhosa. Ela cumprimenta quase todo mundo na rua. Afirmou a mãe alegremente.

A máquina em que eu costurava desapareceu por um momento. As rodas giravam cada vez mais e estavam cada vez maiores, por fim desapareceram, comecei a diminuir a velocidade. A lançadeira branca da máquina

de costurar se perdia no tecido azul. Aos poucos fui parando, até me acalmar.

Sobre o tecido azul, parou um raio de sol. Somente agora me dei conta quanto da luz do sol se espalhou pela sala. Começo a pensar que as janelas fecham a vida para as pessoas. Do lado de fora da janela moradores perambulam pelas ruas. O ar circula sorrindo. A roda que move a lançadeira volta a girar lentamente. A agulha volta a perfurar o tecido e repete a palavra áspera:

– Vida, vida.

Memórias vem a minha cabeça. Pensamentos rodopiam e atingem as sombras do meu pensamento. Novos fatos reverberam memórias antigas, familiares, dispersas pela realidade, mas como nuvens de fumaça começam a juntar-se e tornarem-se vivas.

As costas doem, a garganta está seca. Largue tudo isso e vai embora. Eu já não quero mais isso. Eu realmente não aguento mais. Olho para a minha vizinha mais próxima, futura amiga, também estudante. No início não dei muita atenção a ela, mas ela começou a falar sobre nós, jovens trabalhadoras.

– A decisão e força de vontade só depende de vocês. E se voltou para todas nós:

– As decisões de vocês não devem contribuir com este sistema nefasto e pobre. A sociedade precisa de pessoas inteligentes que falem e expressem o que sentem.

Por que será que ela está falando isso? – penso enquanto estou debruçada sobre o tecido azul em cima da máquina. Mesma coisa que meio ano atrás eu estava

pensando, mas eu fui honesta e continuei a trabalhar, mesmo que hoje já não estou mais aguentando isso. Por que será que eu penso assim? Será que preciso “amar” o trabalho já que não tem escola para mim. Será que só posso consertar roupas?

– A senhorita é um pouco ingênua – gritou uma jovem menina que estava sentada do outro lado da sala. Todas nós voltamos os olhares surpresos para a jovem menina. (Eu quase nunca faço isso, de me meter na conversa do grupo).

Antes de mais nada, vou precaver minha vizinha e futura amiga enquanto visto o manequim com o vestido azul. Não podemos assim, do nada, largar os nossos trabalhos. É a única coisa que nos resta. Nós simplesmente não temos outra saída. Ou você acha que só a qualificação será suficiente para conseguir um emprego melhor? Bom seria se isso acontecesse. Eu mesma, sou jovem, tenho saúde, formada no liceu e no ensino profissionalizante do qual gosto muito, mas vou conseguir um emprego melhor? Quantas assim como nós estão sem trabalhar.

Antes do almoço terminei o trabalho, respirei aliviada e saí. Rapidamente corri pelas ruas, elas quase não mudam. A aparência das ruas muda raramente. As lojas estão organizadas quase sempre do mesmo jeito.

Eu olho para as pessoas quase com indiferença. Anos atrás era diferente. Uma imagem nebulosa aparece diante dos meus olhos. Eu sou uma garotinha. Sempre paro na rua cheia de esperança e expectativa, porque a qualquer momento poderá aparecer no meio da multidão um herói que me pegará pela mão e levará para longe

desta cidade, onde há campos de florestas e pássaros. Ou enquanto caminho na noite e ouço meus passos fazendo barulho pelos becos, atravessando os obstáculos e espinhos das ruas e dou de cara com o rosto de uma senhora, posso até ver seu pescoço e suas mãos. Quando me dei conta estava no portão em frente ao prédio onde moro, dei risada de mim mesma, pois lembrei que preciso subir até o quarto andar.

ESTER

Łódź, 1 de setembro de 1939.

O artigo de Ester foi publicado no último número de *Mały przegląd*. Em seguida, no outono de 1939, a sede foi fechada pelos nazistas. Não sabemos quantas cartas deixaram de ser publicadas, estima-se que milhares, mais elaboradas, mais reflexivas e menos esperançosas do que aquelas primeiras, em 1926. Os autores se multiplicavam, alguns multiplicavam seus artigos, que conforme a idade e os anos escolares se somavam, mais conteúdos traziam para o jornal. Ester, como vimos, relatou um dia do seu trabalho, onde mostrou as angústias de uma jovem que sonhava por um mundo melhor em meio as intempéries, às vésperas do início da II Guerra. Entretanto, nos diários publicados nos primeiros anos de funcionamento, conseguíamos enxergar mais vida, e sobretudo mais esperança, seja nas fábulas ou na chegada de um novo ano como podemos ver abaixo.

Algumas coisas que as pessoas perguntam

Quando se escreve um diário, deve-se fazer algumas perguntas, pelas quais as pessoas sempre passam..

Além das perguntas, como você se sente? Quando se é um ator de cinema ou vai ser. Os adultos, ficam especulando a vida porque acham que você tem muito dinheiro.

Meu Deus! Para que tanta especulação. - Eu nunca penso em dinheiro. Pelo menos até que alguém me pergunte, se é bom ser um milionário. Eu respondo dizendo que um cachorro bonito custa muito caro. Mas, falando entre nós, todos os cachorros que eu tive não custaram nenhum centavo. Acho que eram vira-latas, mas eram cachorrinhos agradáveis visto que o valor do cachorro consiste na afeição com o seu dono e não pelo quanto se paga por ele. Se o cachorro gosta de você e respeita suas ordens; se ele é esperto e consegue se comunicar com você, então é um cachorro amável. Por isso, não presto atenção na raça.

No capítulo 8, estava escrevendo um pouco sobre dinheiro, porém, quero acrescentar algumas coisas ainda para aqueles que estão falando que sou “afortunado”. Primeiro porque tenho sorte e segundo porque meu pai é o meu produtor. Sobre esse negócio de ator, escuta se frequentemente a palavra produtor. Não sabia o que isso significava e perguntei ao meu paizinho.

“Significa aquilo que o negócio exige de nós e nós damos a ele o que ele cobra de nós” disse meu estimado pai. Em seguida, fui acompanhar os cachorros pensativo.

Cheguei a conclusão de que a propaganda está acima de tudo, inclusive de fazer rir e por isso exige alguma coisa – vocês estão entendendo o que eu quero dizer. As mulheres gostam de chorar. Isto significa que, literalmente, elas não gostam de chorar, mas elas têm motivos, construídos socialmente, para fazerem isso. Os homens assoam seus narizes em vez de chorar. Mas é a mesma coisa. Quando vejo alguém da plateia tirar o lenço do bolso, percebo que toquei a sensibilidade desta pessoa.

Cinco anos atrás (em 1922, quando tinha 8 anos e meio) preparamos a peça chamada *Zmartwienie* (Preocupação). Provavelmente, é minha peça preferida porque tem muitas cenas cômicas e outras tristes, ou melhor dizendo, tocantes. Sim, essa é a melhor palavra. Nessa peça há uma cena em que um velho se aproxima. Eu visto nesta cena os piores trapos. Tento muito preencher essa cena com tristezas e alegrias. Estou certo de que as pessoas não sabem – se riem ou choram, então fazem as duas coisas.

A segunda coisa que eu gosto em "*Zmartwienie*" - são minhas roupas. Elas mostram, na verdade, o quadro de miséria e penúria, mas eu me sinto bem nelas. Não suporto fantasias. Nunca foi tão difícil de atuar no papel em *Niech żyje król* (Viva o Rei) porque tinha que estar enfeitado como um príncipe. Eu tinha 7 uniformes elegantes, todos quentes e alinhados, os sapatos envernizados, colarinhos altos, gorros do exército e espadas que me incomodavam.

O senhor Arthur Conan Doyle chegou ao auge da sua carreira, me lembro, quando fazia, *Niech żyje król* (Viva o Rei) – lembro ainda que era tão difícil de entender o que ele falava. Falava inglês perfeitamente, mas eu ouvia as palavras e, ficava perplexo quando eu entendia finalmente suas intenções. Em seguida, eu corria para a minha mãe.

“Olha filhinho, senhor Arthur fala inglês e nós falamos americano”- disse mamãe e me aconselhou a escutar cuidadosamente como fala o famoso autor do Sherlock Holmes. Voltei e comecei a falar sobre meu cachorro Butzi; como se perdeu, como encontrei-o, o quanto esperto ele é, etc. E sobre isso o Senhor Arthur não pode dizer nem uma palavrinha.

Senhor Arthur era um grande gentleman e estava feliz porque vestia roupas bonitas. Eu precisava falar para minimamente chegar a sua altura, visto que pegaria muito mal - um menino que veste trapos e não entende nada de nada.

Mamãe guarda todos os figurinos que eu uso nas peças, eles estão bem guardados no guarda-roupa. Um dos únicos figurinos completos, dos quais não faço questão de guardar é o figurino de *Niech żyje król* (Viva o Rei!), odeio ele. O pior de tudo era vestir aquilo no verão, quando seria bem melhor fazer uns buracos naquela roupara para refrescar o corpo.

Certa vez, eu encontrei mamãe perto do guarda-roupa, segurando o velho suéter que eu tinha usado para fazer o papel de *Bęben* (Tambor).

Mamãe, o que está fazendo aí? – perguntei. Parecia que mamãe estava chorando um pouco, agarrou-me e abraçou. Eu falei que não havia nenhum motivo para chorar. Mas ela respondeu que eu ainda era um pouco criança e não entendia isso. As mulheres as vezes tem dessas coisas.

Alegre ou pouco alegre, minha mãe é um milagre tanto como meu papai. Fiz um bom negócio escolhendo esses pais. Não encontrei semelhantes em qualquer parte do mundo. As pessoas sempre me perguntam se eles são rígidos comigo e eu responde que, às vezes sim, às vezes não.

Apenas agora, quando sou um pouco mais adulto, entendo como era inteligente meu pai quando se dirigia a mim e eu achava que ele estava sendo injusto comigo. Ele impunha várias regras inquebráveis que era preciso cumprir. Apesar de ele sentir se forçado a fazer isso, de me forçar a obediência, fazia isso com muita bondade.

Mamãe não era muito melhor. O que significava que eu não tinha permissão de gritar e correr até ela, queixar-se, fazer manhas. Impossível. Minha mãe era boa, mas sempre categórica, como se escreve nos livros. Cheia de graça, mas categórica. Sou feliz que fui tão obediente na minha estúpida cabeça e atendi as recomendações deles, do contrário poderia se tornar um fedelho terrível e estou C-E-R-T-O que não sou um desses.

Senhoras e Senhores, não pensem que sou um menino levado.

Varsóvia, 11 de janeiro de 1928.

Fábula criada sob o pseudônimo de Jackie Coogan.

Páginas de um diário

Tick-tock, tick-tock... O relógio soa à meia-noite, estou rolando-me de um lado para o outro sem sono. Na sala de jantar é possível ouvir o rádio. Os pais estão conversando.

O que é hoje? – me pergunto mesmo.

Ah, verdade! o primeiro dia do Ano Novo. O Ano Novo. A nova época da minha vida está começando. Os novos fracassos e preocupações, novas vitórias e nova vida. Este fato me faz chorar, mas eu não sei porquê. Se eu me arrependesse do ano que já terminou? Não sei. Imagino que a terra da felicidade é como rochas vazias, donde saltam veludos. Das montanhas está descendo uma senhora, que veste um veludo preto. Ela é uma rainha da felicidade. Eu adormeço lentamente.

Eu me levanto, pego o violino e vou para a casa da minha professora de música. Ela mora perto do colégio e é muito longe. Muito frio. A aula terminou e eu volto para casa. O almoço. Eu estou comendo silenciosamente. O rádio que meu pai comprou ontem tocou. Até 3 de janeiro são dias de folga, então eu não tenho que ir à escola.

O sol está se pondo. O brilho fofoso espalha-se por toda a cidade. Está nevando. Eu estou vendo os flocos de neve, enquanto voam constantemente. O vento brinca com eles.

À noite, eu visitei os meus vizinhos que moram no terceiro andar. Um menino e duas meninas. Ele tem 16 anos e chama-se Luś, elas se chamam Firka e Sanka. Os convidados chegaram e nós fizemos uma festa.

As pessoas dançaram. Um menino tocou piano. Eu estou lendo o segundo volume da “Selva”. Meus poemas e novelas foram lidos na festa. Eu fui convidado para dançar. Se havia ironia na voz deles, eu não sei. Embora eu não dançava. Eu fui para a cama muito cedo.

Acordei às 9 horas. Fiz minhas tarefas de casa. Eu e meus amigos andamos de trenó. À noite, encontrei de novo com eles. Às vezes sinto saudade. Nesse momento, eu quero ir embora. Aonde? Tanto faz, o mais distante possível da cidade.

Amanhã eu vou para a escola.

Eu estou estudando numa escola polonesa, sou o único judeu do terceiro ano. Hoje cantamos:

– Ei, ao trabalho, nós estudantes!

Há alguns meninos bons. Eu não faço amizades com qualquer um. Quando eu voltava para casa, chovia. Degelo. As temperaturas continuam abaixo de zero.

À noite eu joguei pingue-pongue na casa do meu amigo. Eu treino pingue-pongue como se fosse uma preparação para o tênis.

Na escola ensaiamos a “Arca de Noé”.

Eu li hoje em *Mały Przegląd*, os diários do Mendel. Eu tentava imaginar como ele é. Não consegui.

Eu pensava, o que eu vou estudar quando chegar à universidade. Provavelmente direito. Talvez meus diários sejam lidos por algum condenado inocente e ele não saberá que eu sou juiz... Quem sabe?!

Eu visitei a professora de música. Na verdade, eu prefiro mais piano do que violino. Eu não quero ficar melancólico. Por que mais o violino? E mais, eu escrevo poemas e não faço nada. Apesar de ser inverno, cheira como a primavera.

A escola. As aulas. Os intervalos. As sinetas. Os amigos. Tudo junto - caos e desordem.

Eu voltei para casa com a Sanka ou melhor, com a senhora Susan, porque ela já se tornou uma senhora. À noite eu os visitei, mas em breve eu fui chamado para voltar a minha casa. O que aconteceu? O Kiepura vai cantar às oito e meia da noite. Tanto barulho por causa de um concerto fraco. Eu não sou fã das suas músicas. Discretamente eu fugi novamente lá para cima. Apenas a finlandesa ficou. Ela me ensinou as canções. Depois - o jantar.

Depois eu fui para a cama. Acordei durante a noite. Escuro. O casaco se transformará em uma vaca, o armário - num dragão. A toalha está pendendo como uma cobra. Estou encharcado de suor. Os meus pensamentos se reviram.

Depois eu sonho sobre a minha terra de felicidade. Onde está? Entre as rochas. Quais? Afinal, quais?



3

MAŁY PRZEGLĄD

A década de 1920 foi peculiar para a restauração do país, com a Independência, a República da Polônia volta a se configurar como Estado e assim escolas, universidades, hospitais, parques, orfanatos e demais instituições governamentais voltam a funcionar na língua que o povo fez questão de deixar viva. Muitas placas de ruas, escolas e demais escritórios oficiais do governo substituem o russo e/ou alemão por placas polonesas. A escrita era um elemento importante nesse período. O médico Korczak dizia que não gostava da língua russa porque foi forçado a estudar na escola e por conseguinte, a escola era forçada a ensinar russo, tampouco fazia questão de falar alemão, preferia o polonês.

Como ferramenta de escrita, em 1926, Janusz Korczak e uma pequena equipe de jovens redatores, organizam um *Mały Przegląd* (Pequeno Jornal), escrito por crianças para as crianças. Durante 13 anos, foi um excelente material para crianças aprenderem a ler e escrever, a desenvolverem o pensamento crítico, mas sobretudo a tomar consciência do seu lugar no mundo. A última sexta-feira em que o jornal foi publicado, foi em 1 de setembro de 1939, exatamente no dia em que as tropas alemãs invadiram a Polônia.

Figura 4 - Janusz Korczak com os redatores do jornal *Mały Przegląd*.



Fonte: *The Ghetto Fighters' House, Izrael, 1930.*

Em 3 de outubro de 1926, Korczak publicou uma primeira chamada para as crianças e adolescentes, leitores e escritores da língua polonesa. Como forma de mobilizar, Korczak, o doutor careca de óculos, escreveu sobre suas experiências pessoais na primeira edição do diário como forma de angariar curiosos escritores em formação. Assim, aproveitara a primeira edição para apresentar a proposta do jornal e levantar alguns pontos que considerava ser relevantes para a fomentação de um jornal que se chamaria “pequeno jornal”:

- 1) O que você gosta de fazer?
- 2) Como você passa seu tempo livre?
- 3) Quais são seus jogos favoritos?
- 4) Você está enfrentando algum problema?
- 5) Você é uma pessoa calma?
- 6) Você vai bem na escola?
- 7) Alguém te chama de preguiçoso?
- 8) Quais aulas você frequenta na escola?
- 9) Onde e com quem você reparte a carteira escolar?
- 10) Você tem bons professores?
- 11) Seus pais gritam com você?
- 12) Quem são as pessoas da sua família?
- 13) Você tem irmãos?
- 14) Quem é a pessoa mais velha da sua família?

Desse primeiro movimento, em 9 de outubro de 1926, foi publicado pela primeira vez um suplemento do jornal *Nasz Przegląd*, um dos principais jornais judeus publicados em língua polonesa, pela comunidade judaica todas as sextas-feiras que se chamaria *Mały Przegląd*.

Primeiras Correspondências

Recebi 47 cartas. 31 cartas de meninos e 16 cartas de meninas. 40 são de Varsóvia e 7 de outras cidades. Além do nome e sobrenome, 32 delas constam de endereço. É melhor colocar o endereço porque os sobrenomes podem se repetir. Graças ao endereço, sei que Adam e Helena M. moram juntos, que o esperto Leon N. escreveu uma carta junto com seu irmão, e depois ainda escreveu uma outra carta sozinho. Quatro cartas estão assinadas somente com o nome, sem o sobrenome, e uma carta

com pseudônimo. – Recebi 27 cartas em envelopes, 9 em cartões postais e 11 em folhas de caderno escolar. Duas cartas foram ditadas por crianças que ainda não sabem escrever.

Todas as cartas foram numeradas e catalogadas, pedimos sobretudo a assinatura legível: porque se alguma letra não estiver legível podemos até adivinhar, mas se as letras realmente não estiverem legíveis corremos o risco de escrever o nome do autor errado.

Sabemos que cada um de vocês quer logo uma resposta para sua carta, mas isso é impossível. É preciso pensar bem como responder porque as respostas precisam ser inteligentes e não qualquer coisa como fazem esses jornais infantis.

Assim a redação escreve:

– Sua cartinha nos alegrou muito. Nos deixou muito preocupados. Estamos felizes porque nosso jornal te agrada.
– Ficamos felizes porque você está indo bem na escola. Ficamos preocupados porque você estava com dor de barriga. Nos escreva quando sua barriga parar de doer.

A redação ora fica feliz, ora preocupada. Na verdade, ela se esforça em demonstrar que se preocupa com todos os colaboradores desse jornal de forma séria e pede a Deus para protegê-los das dores.

Nós não vamos ser falsos e pedimos para que os leitores também não sejam. – Pedimos, para não escrever quem nos idolatra porque isso é um desperdício de papel. Também não precisa escrever, quem quer apenas que sua carta seja publicada.

Mozes escreve pouco:

“Quería saber sobre os aviões, telefone e rádio”.

S. Najdorf escreve:

“Quería saber sobre a guerra”.

Eluś Segal escreve:

“Quero saber se ‘*Mały Przegląd*’ será impresso com letras grandes”.

“Henio Justman teve que resolver um problema de matemática e não sabe nada”.

Um texto curto pode ser interessante e um texto longo pode ser chato. Muitas vezes de um livro grande a gente aprende muito pouco enquanto de um livro pequeno aprende muitas coisas.

Escreveram para o jornal: Miecio Klajnlerer, Samuel Mozes, Alinka Gerberbaum, Heniuś Edelsburg, Ludwik Sigalin, Mietek – Władysław, Felicja Zangerówna, Judyta, “o velho”, Leon e Z. Nissenbaum, Musiu Seeleufreund, Ch. Lewin, Sara Foremówna, Z. Bodkier, Madzia Markuze, S.Bieżuner, Hanna Frydmanówna, Jadw. Sieradzka, Boluś Jonas, Cesia L., Józef Ratusznik, Lutek, Leitora do passado, Marysia Bentmanówna, Adam Miński, Henio Justman, Rlimcia Rozenperl, S.Najdorf, J.Grundland, Dorka Hirszfeldówna, B. Mozes, Leon Kornic, Helena Mińska, Leon Nissenbaum, Oleś Wertheim, L. Zysman, Marek Merecki, Tołczyńska, M. Rendel, Beni. Berenius, Jasio, Jerzy Silherman, Kuba, Traub, G. Ber, Eluś Segal, Róża Gutmanówna.

Varsóvia, 9 de outubro de 1926.

Não demorou muito para o jornal dimensionar sua popularidade entre a diáspora judaica e assim, cartas de lugares mais distantes passaram a ser enviadas para Varsóvia. Um ano depois da abertura do Jornal, encontramos notícias do Brasil, como segue:

Uma carta de Varsóvia e três cartas do Brasil

Meus amigos foram com seus familiares para o Brasil. Eles moram na cidade de Porto Alegre. Eles escrevem na carta dizendo que lá é muito triste. Então, eu mandei alguns recortes do *Maty przegląd* para eles; acho que eles vão gostar. Seria bom, se os leitores soubessem como nossos emigrantes estão vivendo no exterior. Também estou enviando as cartas dos meus amigos de Varsóvia.

Celina R., aluna do quinto ano.

As crianças famosas

A moça com quem eu compartilho a carteira da escola, não vou falar, mas ela é bonita. Tem os olhos cinzentos, o narizinho pequeno, rosto desenhado, ao lado do nariz tem algumas sardas que não diminuem seu encanto. Nos olhos - razão. Quando está rindo, aparecem os dentinhos saudáveis e bonitos. Não é alta, muito ativa, seu rosto não é só bonitinho, mas atraente e amável. Ela é muito alegre. Ela dança bem. Em sua companhia, todos ficam alegres. Faz piadas muitas vezes, mas são brincadeiras, tem um bom coração e não faz mal a ninguém. Só tem um defeito, ela muda frequentemente os seus namoradinhos. Não é muito rápido, mas sempre está mudando. Ela sempre pode sair com todos. Todos gostam dela, só algumas meninas que invejam ela. As professoras gostam muito dela. Como não gostar

- é uma criatura tão agradável, sempre rindo, não faz mal a ninguém. Gosta de se apresentar no palco e tocar piano. Seu pai ama muito a sua única filha.

Varsóvia, 3 de dezembro de 1927.

As botas do condutor

Naqueles dias havia um grande feriado. Uma fileira de bondes movia-se entre os trilhos lisos e a multidão. Ao fundo, vinha o barulho de uma rua festiva.

Todos nós estávamos reunidos na parada. Fazíamos bagunça. O bonde 1 que estava voltando para o quartel dos bombeiros, acabou de chegar. Todos viraram suas cabeças para o bonde. E de repente decidi - não vou ser mais um qualquer desse grupo - vou subir e ficar do lado de fora.

Subi no bonde e fiquei na escadaria.

Enquanto o bando gritava, o líder do grupo gritou mais alto: - desce daí. Não reagi. O bonde começou a andar.

Já me arrependi de ter iniciado tal jogo, mas agora era tarde demais. O bonde já estava andando veloz pela rua Dzika.

Eu estava sozinho desse lado, além do condutor que estava na segunda plataforma mais a frente. Eu queria pular, mas estava com medo, porque pedras caíam atrás de mim, quando as luzes de algumas casas começaram a se ascender. Estava tremendo pensando que eu poderia me machucar. Pensava sobre minha mãe que está esperando por mim com o jantar e certamente já estava ficando preocupada.

De repente aconteceu o imprevisto. O condutor do bonde me vendo do outro lado do veículo e antes que

eu pudesse perceber, ele parou do meu lado. Levantou sua perna que calçava botas pesadas de cano longo e chutou-me. Eu caí direto na calçada tão violentamente que meu dente bateu no chão e quebrou.

Meu rosto estava sujo e ensanguentado. Mal voltei vivo para casa.

Eu bati timidamente na porta. Felizmente, a porta foi aberta pelo meu tio. Ele ficou apavorado quando me viu, porém assegurei-o que eu estava bem, só escorreguei e caí, falei. Ele me lavou à pia. Depois, adentrei no quarto onde meu pai e minha mãe estavam sentados. Fui jantar, mas o dente quebrado incomodava muito. De repente a porta se abriu e entrou o “bando” que estava no bonde.

Moniek, líder do grupo, falou à minha mãe:

— Viemos, senhora, anunciar que o seu filho foi escolachado do bonde pelo condutor, quase quebrando as pernas e os braços. Viemos dizer isso para a senhora, porque este sem noção poderia se quebrar e ficar doente. Adeus!

Fiquei branco como um giz. Só faltava isso — pensei. E ainda se justificam, canalhas, por se preocupar com a minha saúde. Quanta gentileza.

O que aconteceu depois — foi que desde então não posso mais andar de bonde.

Cwi Nechusztan.

Varsóvia, 11 de outubro de 1935.

Com o passar dos anos, ao fazer as leituras, observamos que nas primeiras edições havia poesias, fragmentos de contos de fadas, magia e fantasia. Era uma forma de provocar a imaginação e o encanto

das crianças, que começavam a ser substituídos por artigos mais longos e mais reflexivos a partir de meados da década de 1930, quando as perseguições aos judeus se intensificavam. Os próprios escritores assíduos, com o passar dos anos enviavam textos mais bem elaboradas, como resultados reflexivos sobre suas vidas, expondo os encantos e desencantos com os quais tinham que lidar diariamente.

Com a ascensão do nazismo na Alemanha, mais e mais famílias judias começavam a deixar a Polónia, emigrando para diferentes lugares, donde as cartas também começavam a chegar. Cartas da Palestina, do México, do Uruguai, do Brasil, da Bolívia e outros países europeus eram endereçadas constantemente a sede de *Mały Przegląd* em Varsóvia. Temas como a viagem, a escola, a vida num novo país, com novo horário, com nova língua, novas comidas e novos amigos. As cartas traziam o propósito que inicialmente Korczak elenhou por meio de algumas perguntas, as quais foram inspiradoras às crianças. Mas não só respondiam as perguntas levantadas pelo editor, uma vez que suas respostas se ampliavam e conseqüentemente seus problemas e preocupações também.

Entre os brasileiros, possivelmente, um dos autores mais assíduos e conhecidos de *Mały Przegląd*, foi o menino de 13 anos, morador de Poznan, Zygmund Bauman, que publicou em 3 de fevereiro de 1939, o seu último artigo "Um balde de água fria para Dyci de Zamość" solicitando uma defesa de Dyci, a quem teceu uma crítica, mas ao buscarmos pela réplica, constatamos que a resposta de Dyci nunca foi publicada, nem sequer sabemos se ela realmente chegou a ser escrita. Zygmund escreve que acompanha as publicações do jornal desde que aprendeu a ler e menciona em seu artigo que percebe que os escritos têm melhorado com o passar dos anos, pois escreveu um artigo em 1933, quando encontrava-se em processo de alfabetização. A exemplo de Zygmund Bauman, podemos ver que o jornal era fidelizado por seus leitores e conforme cresciam, ampliavam seu vocabulário e os textos ficavam mais longos e críticos.

Zygmund escreve uma crítica ao artigo escrito por Dyci, o qual na sua percepção, o autor se posicionou muito pouco, mas rasgou seda ao editor do jornal Janusz Korczak. Por fim, acenou que não se deve “puxar saco” ou bajular o organizador de um concurso literário, principalmente quando se quer apresentar uma ideia original.

Um balde de água fria para Dyci de Zamość

Passado (escrevo passado porque eu era um infeliz aluno do primeiro ano naquela época) quando foi derramado um balde de água fria em Aneri. Passou alguns anos, saíram os mais velhos, vieram os mais novos (inclusive você) e assim culminou que o balde vai cair agora em você.

Eu não posso negar que você tem um talento para a escrita. A sua resposta me agradou muito e me dói muito ter que fazer uma crítica (mas até os mais renomados escritores não escapam de uma crítica. E então o que dizer a você que está apenas começando e eu acho que você merece essa crítica.

Você não me chamou para a discussão, mas sinto que é minha obrigação responder a essa questão por aquilo que eu sinto. Claro que eu não precisava escrever, apenas lembrá-lo que não quero atacar o orgulho de quem sonha em se casar com a filha de um cedru libanês e pisoteá-lo antes do seu tempo. Também não quero plagiar o rabino Aquiba. Não é esse o caso.

Como já sinalizei, você tem um talento imensurável para a escrita. Mas o que está ruim. Por ter as mesmas habilidades que outros gênios, você não precisa escrever um texto com o título enaltecendo “Meus heróis”. A redação do jornal não premiou você com o primeiro prêmio, apenas mencionou você como um escritor bastante assíduo.

Mas eu (e acho que todo leitor que pensa de forma objetiva vai concordar comigo), sou da opinião que o trabalho do Wat é muito melhor, mesmo que a redação não estivesse interessada nesse tema. Acho que você está indo pelo caminho errado. Vejo que para você, Janusz Korczak é um homem genial e eu não vou desmerecer o seu herói. Mas o seu próprio bom senso deveria lhe avisar que não é bom mandar um trabalho para um concurso elogiando o fundador e redator do jornal que está promovendo o concurso. Não é sobre a redação dos seus escritos, mas como isso aparente aos olhos dos leitores.

Não quero te culpar e nem te fazer sentir-se culpado. Só chamar sua atenção para que você se posicione perante essa situação. Espero pela sua resposta.

3 de fevereiro de 1939.

Zygmunt Bauman (Poznań).



4

A AMIZADE

O tema da amizade era recorrente nos escritos desde os primeiros números do jornal. Portanto, merece um capítulo para ser melhor detalhado sob diferentes perspectivas como as críticas aos amigos escritores, a exemplo de Zygmund Bauman, de cartas curtas a amigos nominados ou simplesmente a exaltações dos melhores amigos da escola, do orfanato, do local de trabalho e também das ruas, como podemos ver a seguir.

A amizade para as crianças

Uma carta de Tadek

Vou para a nova escola, tenho muitos colegas e um amigo lá. Vocês querem saber qual é o nome dele? Seu nome é Tadeusz Rozenberg. Ele é meu melhor amigo. Brinco com ele o tempo todo, desde que comecei a ir à escola.

Na sexta-feira fizemos um acordo que eu topei, então tive que cumprir, porque acordo é acordo. Tadek começou a correr e, como sempre, puxou minha bermuda, até eu dizer a ele que o tempo se esgotou. Então Tadek diminuiu o ritmo e começamos a dar risada.

Quando estive na casa do Tadek, nesta sexta, fizemos um coração de madeirite e desenhamos uma rosa no meio, porque o nome da nossa professora é Rosa e o coração é para ela.

Daniel Klajnerman (7 anos)

O melhor amigo

Izio é mais velho que eu. Está no quinto ano da escola primária, é inteligente e agradável. Ele nunca aparenta que é mais velho do que eu e brinca comigo como seu eu fosse um menino da sua idade.

Quando vou na casa dele, ele me mostra seus livros e cadernos. Com frequência, falamos sobre matérias escolares e religião. Ele me conta lindas histórias da religião que eu ainda não conheço.

Às vezes, seus amigos vêm também e então brincamos de esconde-esconde juntos ou de polícia e ladrão. Nós só paramos de brincar quando tenho que ir para casa.

Quando estamos sozinhos, jogamos vários jogos como dominó, damas, ludo e muito mais. Na escola, nós gostamos da carpintaria, é o melhor lugar. Tem ferramentas próprias que são necessárias para as aulas de ZTP - aulas de trabalhos manuais. Lá tem alicates, martelo, serrote, pregos e madeiras compensadas. Colocamos as ferramentas na mesa e começamos a trabalhar. Serramos, martelamos pregos e pintamos. Uma vez, serramos quatro pernas, um encosto e um acento de madeira compensada, martelamos com pregos e conseguimos fazer uma bela cadeira. Antes de ir embora, Izio me deu essa cadeira. Estou muito grato a Izio por me proporcionar tantas coisas boas.

Marek Klepfisz (8 anos)

Confiável Mina

Eu frequento o terceiro ano da escola primária. Tenho muitas colegas e uma amiga. Eu gosto dela, porque ela é confiável e mantém o que digo em segredo.

Minha amiga Mina não vive em harmonia com todos. Mina e algumas colegas foram brincar no parque. Eu fiquei na janela do vestiário com as outras estudantes da escola, quando elas começaram a fofocar.

Lusia foi a primeira:

– Olha, olha, como ela é depravada!

E Niusia acrescentou:

-Sádica!

E eu fiquei ao lado delas e escutei toda a conversa. Finalmente, pararam de conversar. Eu rapidamente sai do vestiário e chamei Mina. Contei o que as meninas da escola estavam falando sobre ela. Ela manteve sua palavra e não contou a ninguém o que eu disse. De repente, o sinal tocou e voltamos para a sala de aula.

Varsóvia, 24 de fevereiro de 1939.

Sara Weinberg (8 anos).



5

DOM SIEROT

Figura 5 - Dom Sierot



Fonte: Nawroski, 2019.

Impulsionado pelas práticas pedagógicas de Johann Pestalozzi e Friedrich Fröbel, Janusz Korczak passou o verão de 1899, na Suíça, de onde intensificou-se o seu interesse pelas ideias progressistas em educação. Anos mais tarde, após o diploma de medicina, especializou-se em pediatria em Berlim e em seguida passou por Paris e Londres para visitar alguns centros de educação. Influenciado por Maria Montessori, John Dewey, Ovid Decroly e Leon Tolstói, Janusz Korczak, em 1909, se uniu a Stefania Wilczyńska, que compartilhava dos mesmos referenciais para a criação de um educandário.

Três anos mais tarde, fruto das doações de associações judaicas, foi inaugurado um dos primeiros prédios modernos de Varsóvia, na rua Krochmalna 92, projetado para receber aquecimento central, arquitetado por Henryk Stifelman. Construído numa região industrial que comportava em sua maioria trabalhadores das fábricas,

Dom Sierot funcionou neste espaço até o outono de 1940, quando após sucessivos ataques nazistas, as crianças foram transferidas para a região central da cidade, área delimitada para o Gueto de Varsóvia.

Dom Sierot visava comportar 107 crianças de 7 a 14 anos, mas nos anos que sucederam a inauguração do prédio, esse número costumeiramente ultrapassava seu limite⁷. Desde o início, o edifício foi projetado como uma instituição de ensino e pesquisa em educação, onde além de comportar a educação das crianças, também era um espaço para a formação de professores, especialmente pedagogos em formação que encontravam na instituição um espaço para estágios e monitorias.

Figura 6 – Janusz Korczak e Stefania Wilczynska rodeada pelos moradores do orfanato.



Fonte: Museu de Varsóvia, 1935.

7

Segundo Dąbrowska (2012), havia dois grandes salões onde, de um lado, dormiam os meninos e de outro lado, as meninas, cada qual com banheiro e no centro um quarto para o educador de plantão. No térreo, havia uma cozinha, um depósito para mantimentos, lavanderia e uma caldeira. No salão maior do prédio funcionava o refeitório e no sótão ficava o quarto de Janusz Korczak, local em que o educador escreveu boa parte das suas publicações, especialmente a noite, quando as crianças se recolhiam. Durante a II Guerra, parte do sótão foi destruída e não foi mais reconstruída.

De acordo com Dąbrowska (2012), as refeições no orfanato eram modestas, mas nutritivas. Korczak tinha como hábito medir e pesar as crianças e isso virou um hábito metrificado em gráficos, os quais serviam de parâmetro para o desenvolvimento físico das crianças. Do ponto de vista cognitivo emocional, o educador buscava amparo em Jean Jacques Rousseau, o qual era avivado por Johann Pestalozzi, que pode ser mais bem detalhada no livro “Como amar uma criança⁸”.

O ritual matinal de ir para a escola era marcante para as crianças que, após o café da manhã, desciam para o vestiário, limpavam seus próprios sapatos, vestiam seus casacos, colocavam sua merenda na mochila e despediam-se dos tutores. Na escola estudavam principalmente canto, artes, língua hebraica e aprendiam a tocar alguns instrumentos musicais.

Jean Piaget foi um dos educadores que visitou o orfanato e nas palavras do educador, destacou: “Fiquei impressionado, sobretudo com a organização do parlamento da justiça infantil, cujo funcionamento é totalmente assegurado pelas crianças” (Piaget, 1977, p. 101). O parlamento de justiça das crianças foi criado como forma de autogestão em que as próprias crianças deveriam tomar as decisões para o bom funcionamento de *Dom Sierot*. A ideia de um parlamento infantil está mais evidenciada no livro “Rei Macius (Mateuzinho) I”.

Com o passar dos anos, conforme as crianças cresciam, o educador via que a divisão do prédio em dois grandes dormitórios não possibilitava espaço de mais privacidade às crianças, principalmente para aquelas maiores. Então, decidiu colocar um grande armário no refeitório com muitas gavetas, onde cada criança teria a sua gaveta para guardar seus pertences. Guardavam os cartões postais, moedas que recebiam dos adultos por alguma recompensa na rua, seus dentes de leite, seus diários e anotações, além dos pertences

familiares, quando possuíam algum. Também não era permitido mexer na gaveta dos colegas, se isso viesse a ocorrer, o parlamento da justiça era convocado e as próprias crianças precisava decidir sobre a punição que deveriam dar a quem desrespeitou as regras.

Numa espécie de brigadas, as crianças se auto-organizavam com suas responsabilidades na casa sob a mediação dos tutores. Para os educadores da casa, essa era uma prática fundamental para a formação de adultos responsáveis. Do princípio de preparar crianças e jovens para o mundo adulto, atos controversos surtiem nas práticas desempenhadas pela pedagogia de Korczak, e aqui podemos citar a frustração dos seus ex-pupilos que, após completarem 14 anos, precisavam deixar *Dom Sierot* e lá fora, se deparavam com um mundo desumanizado, desempregado e antisemita, sem o funcionamento de um parlamento da justiça onde poderiam criar suas próprias punições. Muitos destes jovens continuavam a escrever para o jornal *Mały Przegląd* onde compartilhavam sobre as alegrias e frustrações de serem jovens judeus-poloneses em meio ao antissemitismo como os escritos de Mirjam que agora trabalhava num hospital.

Trabalho noturno

Belas parecem as luzes da cidade refletidas nas profundezas da água. A cidade toda está escura; as lanternas balançam; na frente do portão um policial vigiando, anda constantemente de um lado ao outro. É tudo que se vê da janela do quarto de vigilância. Observo a escuridão atrás da janela e penso que o hospital deve ficar sempre alagado durante as inundações – enfim está localizado na beira do Rio Vístula. No departamento cirúrgico geral, frente a frente com minha janela, acende-se uma lamparina e vejo um policial. É o assassino do Strelczuk, que ingressou no nosso hospital. Solto a cortina e me afasto da janela. São doze horas da noite. Silenciosamente, sem um ruído,

inspeto a sala. Nunca havia tanta gente. Todas as camas estão ocupadas. O Wacek de quatorze anos observa-me com seus olhos perdidos e inconscientes. Tem pus atrás da orelha, ainda não pode ser operado; o termômetro mostra 40 graus de febre. Levanto a cabeça dele, deramo com dificuldades um pouco de suco de laranja na sua boca. Está ardendo, por um momento segura a minha mão e sinto o pulso batendo nos seus dedos.

Não há graves incidente nesta ala. Deixo-a e, passando pelo quarto do cirurgião, entro na outra ala. Dormem pesadamente crianças doentes, sonham, talvez, com a primavera e o sol. São somente meninas, deitadas na mesma sala depois de terem sido operadas de apendicite. Arrumo as colchas, cubro os pés de algumas e sigo em frente. O corredor está iluminado com luzes brancas e quentes. Uma fileira de portas envidraçadas à esquerda e à direita vasos de flores nas janelas. Dei uma olhada em todas as salas e aproximei-me da sala 7. Deitado aqui está um russo, filho de um sacerdote ortodoxo, baleado com um revólver. Brincando com a arma, os amigos dele, deram um tiro. A bala entrou perto do baço e saiu nas costas. Os intestinos estão furados, o pus está drenando bem como uma corrente. A cada duas horas tenho que dar uma injeção de cânfora e assim mantém-se vivo.

Acendo a luz. Um doente, cansado mortalmente, dorme. Olheiras, o rosto pálido e a cabeça jogada para trás. Por um instante meu coração para, porque penso que já está morto. Depois me acalmo: o pulso está batendo, fraco e lento, mas batendo. Hoje, durante a troca de curativo, perguntou-me: “Irmã, quando morrerei?”. Meu Deus, ele tem somente quinze anos, quase meu colega, apenas dois anos mais novo, tão lindo, um grande menino,

filho único do seus pais. Saí do quarto, vou ter que voltar daqui há alguns minutinhos. Desço e dou uma injeção numa menina com meningite. Atrás da janela está um breu e a noite é impenetrável. Barulho de buzina. Uma ambulância apareceu no portão. Observo para onde está se dirigindo e peço a Deus que não vá para o nosso departamento. Mas passou por nós e seguiu para o departamento geral. O tempo corre. Sinto-me, como lá na sala 7, em cima da cabeça do menino, inclinado para a morte. Contudo, não para uma morte horrível como imaginamos, mas suave e tranquila, a mais gentil para aqueles desesperadamente doentes.

Nebuloso e obscuro é o amanhecer. Nuvens cinzas acumulam-se e dominam o céu. Então, cinco da manhã. O Grisza respira mais tranquilo. Os médicos disseram que se aguentasse até as doze, talvez sobrevivesse. Agora são cinco horas. Está aliviado o meu coração. Comecei a distribuição dos medicamentos e termômetros. O hospital está acordando. O dia está começando. Passou a noite, dura, triste noite, alguns levando o sono leve e aliviado, outros apenas a continuação do sofrimento. Sinto me cansada e penso com prazer no conforto da minha cama em casa.

Varsóvia, 5 de junho de 1936.

Mirjam.

Após o ano de 1935, com as “Leis de Nuremberg⁹” as perseguições aos judeus foram acirradas, sendo considerado judeus todo aquele que mesmo tendo passado pelo processo de aculturação

9

Conjunto de leis antissemitas criadas em setembro de 1935, pelo *Reichstag*, durante a reunião anual do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP) em Nuremberg. As leis previam sobretudo a separação de arianos e não-arianos que visavam sobretudo a proteção do sangue e da honra alemã.

tinha um avô de origem judaica. Assim, com o início da II Guerra, judeus até a terceira geração, eram marcadas com uma braçadeira estampada com a estrela de Davi, o que os condenava a discriminação, perseguição e extermínio.

Eu era judeu e ele polonês e católico. Ele estará um dia no paraíso; quanto a mim, com a condição de nunca pronunciar palavras feias e levar-lhe docilmente açúcar furtado de casa, poderei entrar após minha morte em alguma coisa que não é propriamente o inferno, mas é escura [...]. A morte – judeu – o inferno. O escuro paraíso judeu. Dava o que pensar. (KORCZAK, [1958], 1986, pp. 12-13).

Com o início oficial da Guerra, em 1939, todo judeu estava obrigado a usar a braçadeira, a qual foi recusada por Korczak, que o levou a ser preso e solto após pagamento de fiança. Entretanto, seus pupilos não foram poupados e, marcados pela braçadeira, eram impedidos de ultrapassarem os muros do Gueto. A vida aprisionada por muros era uma constância de sofrimentos e não compatível com os princípios da coletividade, solidariedade e democracia que as crianças aprenderam a exercer pela autogestão, a exemplo das leis do parlamento infantil publicadas no livro "Rei Mateuzinho I" (*Król Macius I*¹⁰), publicado por Janusz Korczak em 1922, que possibilitou pensar sobre os "direitos das crianças, momento em que a Polônia se reconstituía como Estado independente, impulsionada pelo Tratado de Versalhes.

Em 2019, quando visitamos o orfanato *Dom Sierot*, a instituição atendia 20 crianças, mesmo que seu espaço físico e histórico ainda comportaria aproximadamente 200 crianças. Contudo, a atmosfera da instituição estava permeada de marcas, sentimentos,

10 O Rei Mateuzinho I, conta a história de um garoto que herda a coroa após a morte de seu pai. Ele, ainda criança assume o trono e se esforça muito para fazer com que seus súditos vivam da melhor maneira possível, dando voz de participação às crianças, as quais tem idade próxima a sua, desestabilizando os parlamentares adultos.

lembranças de um tempo que marcou a história do mundo. Hoje, encontramos neste prédio um arquivo pedagógico, do qual foi possível coletar fontes para este livro. Um espaço para a reflexão de educadores e um laboratório sobre os feitos pedagógicos de Korczak, portanto, um espaço vivo da pedagogia. Entretanto, diferente do orfanato *Nasz Dom* (Nosso Lar), o orfanato *Dom Sierot* (Lar do Órfão) encontrava-se na mira das perseguições nazistas, por conta do atendimento, desde a sua origem, às crianças judias.

Sobre os moradores de *Dom Sierot*, destacamos a carta escrita por Chaim M., que escreveu sobre as artimanhas de um estudante para conseguir duas moedas que lhe foram solicitadas pelo rabino para o *Lag-Boemer*.

A história de uma złotówka

O Rabi¹ Lejb levantou-se da cadeira e disse: “Crianças, já estão liberados”. Só lembrem-se que depois de amanhã é Lag-Boemer²: cada um de vocês trará duas złotówkas³, alugaremos um carrinho e iremos à floresta, como fazemos há anos”. Como resposta, emergiu uma turma alegre e tagarela. Dez pares de olhos brilharam, dez pares de braços depressa fecharam os livros. Logo, cobriu a rua uma radiante criançada. Já era tarde. Ainda flutuaram no ar as vozes de alguns rapazes do cheder⁴. “Ah! Se o tempo no dia depois de amanhã for tão bom como hoje” – suspirou uma das crianças. No lado de fora da porta, a criançada dispersou-se – “Tchau garotos!” – gritou o mais rico da sala, Lejzer Mesil – “e lembrem-se de trazer duas złotówkas. Pois quem não trazer, não irá!”.

“Claro, não vamos esquecer” – e os garotos dispersaram-se para todos os lados.

Só um, Jankiel não estava com pressa. Porque – honestamente – não tinha para quê. Ele já sabia, que não ia ganhar duas złotówkas – no máximo uma. E por aquela złotówka precisava chorar muito. Bem... a casa é pobre, apesar dos pais trabalharem muito duro. Talvez, peça a segunda złotówka à irmã Dwojra? Ah, mesmo assim, essas duas złotówkas que ela traz cada dia pra casa, são tomadas pelos pais. Fazer o quê, então? Caem em vão as tentativas de uma criança dar algum jeito. De repente, Jankiel parou, veio à cabeça uma nova ideia: vender o seu chumasz⁵. Mas no mesmo instante, uma mágoa abraçou seu coração. Vender seu belo chumasz, impresso com letras douradas, do qual todos os amigos tinham inveja? Com um sorriso nos lábios, recorda Jankiel, como foi bonito o dia que que segurou esse livro tão belo. Comprou-o com o dinheiro de Chanucá (festa antes do Natal) – com duas złotówkas! Depois de amanhã, todos os garotos do cheder saberão, que o chumasz do Jankiel é o mais belo, e tudo mundo vai tentar sentar-se lado dele – “e este livro que devo vender?” – pensou o menino - “não farei isto por nada deste mundo!”. De repente, a mão de alguém tocou no ombro dele. Jankiel se assustou e olhou para trás: era um amigo dele - o Motel. Feliz, pois finalmente tinha a quem pedir um conselho, contou rapidamente sobre seu problema.

– O que você pensa, Motel – perguntou – vender o chumasz ou não?

– Não – respondeu seriamente o Motel – não faça isso. Um livro tão belo! Mas eu te darei um outro conselho: seus pais têm uma pensão, não é? Vá atrás do caixa e leve uma złotówka de lá. Ninguém perceberá, com certeza!

– Mas Motel – interrompeu com pavor Jankiel – isso caracterizaria um roubo!

– Não fale bobagens – riu Motel – que roubo! Dos próprios pais e ainda no Lag-Boemer. Te digo Jankiel, é o único jeito!

Quando Jankiel chegou em casa, a primeira sala estava lotada de gente e saía fumaça de grandes cigarros apodrecidos. Ao lado do caixa ficava a mãe, que tendo visto o filho chegar, chamou-o com um gesto impaciente - “cuide daqui por um momento” – sussurrou – “preciso ir para a outra sala um pouco”. O coração do garoto bateu. De uma gaveta entreaberta, seduziu-o algumas moedinhas de valor inferior. Eis, uma cinquentinha, umas de vinte... “Vou segurá-las somente na mão...” – pensou o Jankiel. Daí, da outra sala apareceu a mãe. Instintivamente o moleque botou a mão no bolso. Não sabia, como foi parar na frente de casa. Encostado num muro suspirou profundamente – “oxalá que a mãe não descubra isso”. De repente, o olhar dele focou-se no chão: aos pés dele havia uma carteira masculina. Pegou-a e olhou para dentro: estava vazia. Daí surgiu uma ideia: tirou da bolsa a zlotówka levada do caixa, botou-a dentro da carteira e gritou: “Mamãe, Dwojra, olhe o que achei!”. Algumas pessoas saíram correndo da pensão e rodearam o menino. – “Mostre o que tem aí dentro” – perguntaram um em cima do outro. Finalmente a mãe pegou a carteira, abriu-a e contou o dinheiro – “Mais que zlotówka” – expressou Dwojra e acrescentou – “Você tem sorte Jankiel, que bem que achou... Será útil para o Lag-Boemer. Tanto chorou que de verdade ele mereceu”...

Daí a porta da pensão abriu-se e entrou um bêbado.

– Será que alguém achou alguma carteira? – perguntou em voz baixa interrompida por soluços – devo ter perdido por aqui...

– Oh, aqui está, tome – interrompeu a mãe – e da outra vez tome cuidado, nem sempre vai encontrar alguém tão honesto...

– Obrigado – murmurou o homem. E voltou a sua sala. Todos dispersaram-se. Jankiel olhou ao seu redor, como se estivesse acordado de um sonho e as lágrimas explodiram...

Glossário

- ¹ Rabi – professor de cheder; é um título de honra atribuído por um cargo religioso.
- ² Lag-Boemer - um feriado religioso judaico de caráter festivo, celebrado após a Páscoa.
- ³ Złotówka - moeda da Polónia; literalmente uma moeda de um złoty; nome oficial da moeda polonesa, Złoty Polski – um złoty ou uma złotówka; é dividido em cem grosze (centavos), (pol., sing. grosz; pl. grosze). Em outros países poderíamos adaptar para 1 euro, 1 dólar ou 1 real.
- ⁴ Cheder - escola religiosa.
- ⁵ Chumasz - Livro do Êxodo constituído de vastos comentários - um Torá simplificado.

O artigo “A história de uma złotówka” foi escrito pelo Chaim M. em língua iídiche e depois traduzido para polonês.

Varsóvia, 3 de julho de 1936.



6

A CASA DA ROSINHA

Em 1921, Korczak recebeu a doação de um sítio de 5,6 hectares de terra na aldeia de *Czaplowizna*, atual bairro de *Wawer*, doado por Maksymilian Cohen e sua esposa, os quais queriam homenagear a filha *Róża* (Rosa), que falecera prematuramente e por isso, o lugar ficou conhecido por *Różyczka*, ou “Rosinha”, em homenagem à filha do casal. A Casa da Rosinha era perfeita para as crianças estarem em contato com a terra, principalmente no cultivo das hortaliças e na colheita das frutas, que ocorria a cada ano, sendo registrada a última visita das crianças de Dom Sierot, em 1940.

Assim como para seus principais interlocutores pedagógicos - Rousseau e Pestalozzi - para Korczak era importante ter um espaço onde as crianças pudessem estar em contato com a natureza, com o ar puro e a água dos rios. Uma condição bastante limitada para aquelas que vivam no orfanato e nos últimos anos, até andar pelas ruas de Varsóvia era perigoso, dada a crescente perseguição, especialmente pelos parques da cidade, onde não era permitida a circulação de judeus. Nesse sentido, era importante ter uma casa de campo para as crianças puderem desfrutar da natureza durante às férias de verão.

Defensor do contato com a natureza, em abril de 1927, a natureza apareceu de forma acentuada numa série de artigos publicados pelo jornal *Mały Przegląd* que, instigados pelo editor principal do jornal, trataram da primavera, como aquela estação alegre que anuncia a chegada do verão.

Primavera

Não se pode descrever a primavera inteira, é demasiada grande, demasiado difícil. É melhor descrever bem um detalhe do que descrever tudo, pouco a pouco e a partir do que se consegue ver.

Nachman não escreve sobre as cotovias, porque não consegue ver nem ouvir, não escreve sobre os campos e as florestas que estão muito longe. Ele encontrou em pequeno fragmento da primavera na Rua Ceglana e o resto floresceu em seu coração.

Nachman mencionou em sua carta que se as crianças quisessem saber mais sobre onde passam os pardais durante o inverno rigoroso, quando as ruas estão cobertas de neve, deveriam jogar mais comida para eles – a assim ouviriam o seu cantar, não só agora. Mas Nachman percebeu que os pardais cantam mais alegremente durante a primavera.

Não admira que em Otwock, Zamość, Tomaszów se possa ver mais coisas nesta primavera.

Não dos livros, mas do que os olhos veem, o que o coração sente.

Editor, O Velho Doutor.

A primavera na cidade

Os raios do sol acordam-me. Os raios são quentes, o sol verdadeiro esquentou a minha cara. Talvez esta é a continuação do meu sonho? Mas não! Está mais agradável, é mais realidade do que sonho.

Então, primavera, primavera, primavera!

Estou abrindo os olhos. Por que há outra razão para deitar-se na cama? É um desperdício de cada minuto, cada segundo. Preciso abrir a veneziana - não, melhor a janela inteira. As nuvens escuras fugiram e revelaram um céu

claro e azul. O mundo é o mesmo, o sol é o mesmo, mas está mais perto, aqui, ao meu lado - dentro de mim.

A primavera está em todo o lado, mesmo na cidade, com suas paredes espessas. O canto dos pardais tornou-se alto e alegre, por todo inverno foi com fome e frio.

O relógio desperta às sete horas.

Ainda não vou sair da janela. Tenho pena do sol. É como se eu quisesse voar até o céu e cantar como um pássaro, cantar em voz alta.

Sentimentos indescritíveis enchem-me o coração. Estou olhando para o sol. Ontem ainda estava frio, muito longe do calor. Tive de olhar para ver se o encontrava, eu olhava indiferente, - hoje sinto-o no meu rosto.

Estou fazendo uma inspiração profunda, para respirar mais forte, para apanhar algum ar de primavera. Nem uma caneta, nem um pincel vai colocar a primavera no papel. Só você pode falar-nos sem palavras. Olá, olá.

Nachman da Rua Ceglana.

Como chega a Primavera em Otwock

A Primavera está chegando muito festiva. As pessoas preparam mais coisas do que na Páscoa; pintam as pedras, que estão enfileiradas ao longo das avenidas, plantam árvores, pintam as suas casas. Em alguns lugares aparecem brotos nas árvores, o sol esquenta, os pássaros cantam. Eu não fui à escola hoje, porque estou resfriada.

A minha amiga veio me ver, segurando um ramalhete de flores. Ela diz que a professora disse para escrever a cada dois dias o que acontece com os brotos dos ramos das flores.

Eu fiquei feliz e escrevi esta carta para *Mały Przegląd*.

Miriam.

A primavera na escola

Os alunos sentados nas carteiras da escola. Alguns bocejam, outros olham pela janela. A sonolência prevalece. Oh! Como eu gostaria que as férias já viessem. O professor chama a atenção dos meninos para que prestem atenção. Em vão - nada ajuda! A aula dura muito tempo. Os alunos ficam impacientes: quando a sineta vai tocar? Finalmente, os estudantes saem da sala de aula aos gritos e fazendo barulho. Há alegria.

Jakób

A manhã de hoje estava muito linda. Saí para a escola bastante cedo. O céu estava limpo sem uma nuvem. Só um ligeiro nevoeiro. O céu tinha uma cor azul pálido e um rosa ao fundo, como um rosto cor de ouro rodeado de cabelo. Logo cedo, o sol ainda não era visível, porque as paredes das casas o escondiam, - só acima dos telhados se podia ver os primeiros raios que mais tarde chegariam aos quartos para fazer feliz o momento de se levantar para o trabalho.

As árvores ainda estão sem folhas; numa das ruas, aonde duas filas de árvores formam uma avenida, parecia

adorável. Eu pensei comigo, esta rua da esperança e no fim dela está a porta do paraíso. Vim para a escola. As aulas dentro das quatro paredes fechadas. O sol chegou à sala de aula de repente, não esqueceu de nós - apareceu a esperança.

Estas são algumas palavras, que eu estou enviando; duvido que sejam publicados. Eu estou sentido que eu não posso expressar a sensação que tive nesse dia. Todas as manhãs e os dias estão lindas agora. Mas neste dia eu senti algo mais forte.

Pola de Tomaszów

Fiquei à porta do nosso pequeno quarto e olhei pela janela, à distância. Havia um pouco de neve nos telhados. Como se fosse inverno, como se não fosse. Eu gosto do inverno, quando neva muito, mas não há nada além disso. Ao cair em si, senti uma bela primavera vir sobre mim. Eu olho para cima - ah! O sol mostra o seu rosto claro e dourado. Ainda envergonhado, está com medo: talvez seja mal-recebido; ele é um forasteiro, ainda não é o seu tempo, talvez estrague o encanto do inverno, enquanto as sirenes soam, a geada faz desenhos nas plantas e as janelas estão esculpidas pela neve. O sol parece tímido. O pouco de neve que há nos telhados começa a brilhar.

O mundo está claro e feliz. Estou levantando as mãos para o céu. Oh! O solzinho querido, eu quero ser bem-vinda pelas pessoas assim como você ilumina o mundo com seu olhar alegre e carinhoso.

Hania de Zamość

A primavera trouxe muitas cartas sobre alegria e saudade para *Maly przegląd*. Ela reavivou a ideia sobre felicidade em todas as pessoas.

A primavera alegre desperta o pensamento sobre a felicidade para os animais e para o povo.

Alguns temas das cartas tratam do amor e da beleza. Outros - fé, esperança e amor.

A Pola escreveu que está feliz. A carta dela - como primeiro broto - deixou o correio de *Maly przegląd* mais verde.

“Mais agora estou muito feliz, que a primavera chegará em breve” (Pola, 1927).

Varsóvia, 8 de abril 1927.

A chegada da primavera, pelos raios de sol, demonstrava o esperar, pois era assim que as crianças se referiam a chegada dela. Para as crianças de *Dom Sierot*, a primavera, também sinalizava a proximidade como o verão e com as férias escolares; para as crianças de *Dom Sierot*, o momento de viajar para a Casa da Rosinha, onde se passava momentos de intenso contato com a natureza. Em julho de 1927, antes de sair de férias, o editor principal escreveu para o jornal *Maly przegląd* uma carta com o título “despedida” contando um pouco mais sobre como funcionam as férias na Casa da Rosinha.

Despedida

Queridos leitores e leitoras.

Estou saindo para as férias de verão. Não muito longe: vou de bonde, depois mais uns 20 minutos de caminhada e já estarei no lugar. De um lado há salas de leitura

e do outro lado duas quadras de areia e uma mata. A mata é bonita. Mas para chegar ao rio é preciso andar 50 minutos de trem. É melhor ir no verão que o rio está mais baixo. Não há grandes obstáculos.

Estou indo para uma colônia de verão: 100 adolescentes que já vão à escola e mais 50 crianças. Vamos morar juntos.

Antes de eu sair, preciso agradecer a vocês pelas cartas encaminhadas para *Mały Przegląd*. Especialmente aos mais novos, para quem ainda é difícil escrever. No inverno tinham mais tempo, escreviam cartas longas, depois durante a primavera, começaram a escrever apressadamente e as cartas diminuíram de tamanho, mas mesmo assim escreviam, se algo interessante acontecia, se tivessem feito alguma coisa boa ou se tinham uma ideia interessante. Também, agradeço aos maiores, que não ignoraram os pequenos e também escreveram para *Mały Przegląd*. Enfim, agradeço aos mais velhos que ajudaram na edição, mesmo já lendo jornais de adultos e livros grossos. Até já fazem críticas aos jornais em geral. Dizendo que os artigos nem são mais tão interessantes.

Depois do meu agradecimento a todos, preciso agora me desculpar. Muitos leitores de *Mały Przegląd*, manifestaram preocupação comigo, mas eu não queria deixar ninguém preocupado. Nem todas as coisas vão bem, mesmo que se esforcemos. Estou com a consciência tranquila, porque não deixei de ler nenhum número do jornal, não me atrasei nenhuma vez para deixar o jornal pronto, mesmo quando estava com dor de cabeça ou quando estava com sono. Mesmo quando não estava muito a fim de escrever, escrevia dizendo que estava “difícil”. Os leitores aguardam, não podem ficar angustiados sem o jornal.

As vezes saía uma edição não muito interessante, escrito sob sonolência. Mesmo assim, peço para não ficarem preocupados.

Depois que agradei e me desculpei de todos, vou falar agora, o que vou fazer depois das férias: vou pensar, como podemos melhorar. Durante um ano, aprendi muitas coisas, porque cada um de vocês escreveu o que não lhe agrada, o que precisa mudar. Fizemos diferentes experimentos, mas tinha que ser feito às pressas, por isso nem tudo deu certo. Mas é assim mesmo, se no início não é encaminhado corretamente, depois é difícil consertar. Todos falam isso: mas, agora eu sei e por isso vou encaminhar diferente para o próximo ano. Então será assim.

Para terminar essa carta de despedida, vou pedir aos leitores que não se esqueçam durante as férias do jornal *Mały Przegląd*. Escrevam coisas interessantes, nem que sejam lembranças, nem que sejam sobre os títulos bonitos dos livros que vocês estão lendo.

E agora desejo para todos, boas férias, viagens agradáveis e bons banhos de rio. Brinquem bastante e que o verão seja bem aproveitado. Desejo isso pra mim também.

O prédio da Casa da Rosinha com duas grandes salas semelhantes ao Dom Sierot era propício para abrigar centenas de crianças. Atrás do prédio principal havia um parque infantil com estruturas de escalada, inclusive para as crianças bem pequenas. Em 1925, foi construído um novo pavilhão de madeira com uma grande varanda envidraçada, localizado perpendicularmente ao primeiro edifício. No pavilhão havia dois quartos para 30 crianças cada, além disso, mais de cem crianças poderiam dormir na própria varanda. Ao lado, havia um prédio menor de tijolos com uma varanda e cinco

quartos para os monitores que, em sua maioria, eram ex-pupilos de Dom Sierot. Mais adiante também havia uma casa onde morava o caseiro Sr. Koszur, o qual era o responsável pela manutenção do espaço durante o ano todo.

Figura 6 - Crianças no parque na Casa da Rosinha



Fonte: Benedykt Rotenberg/Benedykt Jerzy Dorys, 1928¹¹.

Sobre as férias na Casa da Rosinha, em 1935, o leitor de *Mały Przegląd*, Ludwig publicou um artigo sob o título "Os Jasmins".

Os Jasmins

Os Jasmins e a Casa da Rosinha.

– O quê?

Oh sim. Nem pinheiros, nem tuberculose, mas sim...
jasmins.

11

Fotografia feita por Benedykt Rotenberg, ainda no início da sua carreira. Durante a Guerra, Rotenberg permaneceu preso no Gueto de Varsóvia onde manteve um estúdio fotográfico entre os anos 1940-1942. Ao fugir do Gueto mudou seu nome para Benedykt Jerzy Dorys.

– Está surpreso, Querido leitor?

– Que você possa imaginar amigo, que você tem 15 anos e que estamos na primavera...

– Sente o cheiro do jasmim?

Então, foi assim:

O sol enamorado não era da cor de ouro, nem amarelo, tinha simplesmente a cor de sol... Era gentil e caloroso – era virginal. O sol de primavera é assim. Depois, ele está torrando a terra como as dores do parto, atormentando, gerando o grão, no fervor abafado e ociosos de julho... Mas nestes dias eu não pensei ainda o que vai acontecer. Deixo isso para depois.

O vento balançou os galhos dos abetos, que estão sussurrando. Sobre o que contam os abetos?... Sobre o aparecimento das folhas, que as folhas vão crescer. Vão crescer como eu. Sim, agora o abeto falou sobre mim, mas pode falar sobre você. Em todo o caso, sobre fala sobre a juventude.

Parecia que a floresta ficou em silêncio. De repente, uma canção tranquila começou a tocar que se transformou em grito de triunfo ou angústia, e depois acalmou.

Em seguida, luzia o sol de cobre. Queria gritar de felicidade. Os topos de árvores, casas – tudo ficou com cor de ouro... A floresta balançava com a hora do crepúsculo. Ainda mais calma do que antes da tempestade.

No quarto exalou o cheiro dos jasmims... os quais nos próximos meses... vão florescer.

A mão está segurando o lápis.

“A harpa ficou em silêncio.

Com a fragrância da corriola.

Vai perfumar – às cordas barulhentas.”

Eu quero terminar. São rimas ineficientes. – Não consigo!

Os Jasmins.

– Você não entende?

– O céu está perfumado e embaçado de cores.

A turquesa tem coloração prata, a cor de ouro troca lugar com o bronze, o bronze flui para bordô. Nos restos de azul claro, a lua está acordando. O esquadro da janela, onde me sento – está escurecendo, mas eu não me sinto triste, ou estou triste, mas sem amargura.

Está tranquilo. De longe pode-se ouvir o latido abafado do cachorro... A lua fica mais brilhante. O quarto está perfumado, intoxicado... Eu estou embalado e agitado.

Alguém começou a falar. Não foi um ser humano mau. Mas começou a falar sobre as pessoas e... os jasmins pararam de exalar seu perfume.

Na mesma noite eu acordei com um grito:

– Oh Jasmins!!!!!!?

Vão perfumar?

Entre as pessoas?

Nas terras altas da humanidade???

Apenas não deixe seu amigo esquecer – Deixe-o imaginar que era primavera e ele só tinha 15 anos...

Em setembro de 1939, toda a região de Wawer foi ocupada pelos nazistas, sob a tutela de Adolf Hitler e Heinrich Himmler que assistiam desde a torre da Igreja de Nossa Senhora da Coroa Polonesa (Matki Boskiej Królowej Korony Polskiej), um dos pontos mais altos da cidade. Apesar do bairro ser devastado, o prédio da Casa da Rosinha suportou a Guerra e permaneceu como espaço de cultura até o final da década de 1960, quando o prédio foi demolido. Atualmente encontramos no local, o centro poliesportivo "Syrenka" no bairro de Wawer, em Varsóvia.

Figura 7 - Janusz Korczak com monitores e algumas crianças na "Casa da Rosinha".



Fonte: Museu de Varsóvia, 1938.



7

NASZ DOM

Durante a I Guerra Mundial, Janusz Korczak prestou assistência médica às crianças, vítimas da guerra no exército do Czar em Kiev, onde conheceu a pedagoga e ativista polonesa Maryna Rogowska-Falska. A pedagoga que, após a perda do marido e da filha de dois anos, vinha dedicando-se ao ativismo das crianças polonesas, os então chamados filhos da Guerra, na capital Ucraniana, encontrou na parceria com Korczak a continuidade do seu trabalho em Varsóvia.

Após o fim da Grande Guerra, Varsóvia tentava voltar ao seu posto de capital do país e a cidade começava a se reerguer sob o aspecto de uma capital moderna da Europa. Muitas crianças órfãs foram trazidas para a capital, mas não havia espaço para abrigá-las. Portanto, em 1919, após retornar à cidade, Korczak reuniu forças com Maryna Falska e Maria Podwysocka para fundar um centro de educação para crianças, filhos e filhas de civis e militares poloneses, a quem a guerra tirou a vida. Diante desse contexto, em 15 de novembro de 1919, foi inaugurado *Nasz Dom* (Nosso Lar). Primeiramente em *Pruszków*, região metropolitana da capital e anos mais tarde, em 1927, a casa com apoio da recém primeira-dama Aleksandra Piłsudska, ganhou novo espaço num prédio novo de três andares no bairro de *Bielany* em Varsóvia, para onde as crianças foram transferidas.

Figura 8 - Nasz Dom em Bielany.



Fonte: Nawroski, 2019.

Semelhante a afinidade pedagógica com a Senhora Stefania Wilczyńska, Korczak impulsionou a criação de um segundo educandário com as mesmas intenções de Rousseau, Pestalozzi, Froebel e Montessori. A relevância da pedagoga Maryna Falska na organização de *Nasz Dom* tende a ser semelhante à da Sra. Stefa em *Dom Sierot*. De acordo com as inspirações pedagógicas, identificadas por uma pedagogia progressista, não queriam fundar um orfanato, mas uma casa que fosse uma espécie de centro de educação e acolhimento a quem precisasse de um lar.

No início da década de 1930, a função social de *Nasz Dom* foi motivo de divergências entre Maryna Falska e Janusz Korczak, especialmente no que tange a participação filantrópica da igreja, uma vez que Falska se declarava atea e não a aceitava. Se para Korczak a casa deveria ser um lar que se preocupava com a educação de um determinado grupo de crianças órfãs, para Falska, a casa deveria também acolher as crianças e adolescentes trabalhadores dos entornos de *Nasz Dom*, que ao meio-dia vinham até a casa pedir por comida. Mesmo assim, apesar das divergências e afastamento, nunca romperam com a relação de amizade.

Segundo o filme *Dr. Korczak* de Andrzej Wajda, em 1942, ao ficar sabendo da provável deportação das crianças de *Dom Sierot*, Maryna Falska ofereceu ajuda ao seu amigo, o qual recusou, mas aceitou que salvasse algumas crianças, dando acolhimento às crianças menores que ainda não estavam marcadas pela braçadeira com a Estrela de Davi. Dois anos mais tarde, em 1944, quando a pedagoga Falska recebeu o aviso dos nazistas de que precisava desocupar *Nasz Dom* junto com as crianças, em meio ao tumulto, veio a óbito em 7 de setembro, por conta de uma parada cardíaca.

Voltando a Varsóvia do início da década de 1930, apresentamos o artigo de um leitor da rua Waliców que escreveu para *Maty Przegląd* sobre os vendedores de rua.

Vendedores de rua

Os vendedores nas ruas diferem-se dos outros vendedores, porque eles têm um comércio pequeno: toda a riqueza deles, fica em um cesto, escondido da polícia; são pobres e alguns deficientes. A princípio, todos eles parecem iguais, mas notei que na verdade, cada um deles é diferente. Portanto, eu vou descrever alguns, que eu encontro e observo com mais frequência.

O Semente, ele está lá em pé, menino na idade de 15 anos, com um casaco destruçado, veste um gorro que fica inclinado. Na frente dele fica o Basquete, um homem muito alto, em frente ao Basquete há uma tabua; há também uma tabua em frente ao Semente que vende sementes. Ele carrega uma balança nas mãos. Mastiga algumas sementes lentamente. Se aparecem compradores, os olhos dele brilham, grita alegremente e bem alto:

Torrada! Crua! Pesa e alegra-se.

Quando está chovendo, os gritos deslizam mais profundamente pela sua garganta. Olha para o além e às vezes com os lábios frios, o grito pode ser ouvido no além, um grito que se transforme em um pedido resignado:

Torradaaa...

Frequentemente, quando ele ganha bastante dinheiro e está certo de que haverá um jantar, canta:

Comprem batatinhas.

Porém, a maior parte do tempo ele permanece triste.

Há o Tuberculoso. Na porta há um velho, magrelo judeu enrolado em uma capa. Ele veste meias em suas mãos, não grita, não elogia seus produtos. O mundo é tão triste e apático ... O velho judeu é um ser indiferente ao mundo. Por vezes os pulmões adoentados, sufocam a seca e grave tosse. O judeu cospe sangue. O Tuberculose. Sim, é uma vida de animal, a vida nesta porta ou provavelmente no porão desta porta, não deve ser saudável, especialmente para uma pessoa velha.

Extraordinária novidade:- Na esquina eu vejo uma multidão de pessoas. O que aconteceu? Nada importante.

Novo aparelho de ventilação! - grita um homem numa mesa de tábua.

O aparelho mede a capacidade dos pulmões. Nada complicado. É preciso soprar pelo tubo para dentro da máquina, o ar enche um balão pra cima, para as alturas, cada vez que alguém faz isso o balão sobe diferente.

Inacreditável!

Cada pessoa pode soprar um pouco, pagando 5 centavos. A novidade, os comércios estão indo bem: - as pessoas sopram e o novo empresário está sorrindo, o dinheiro zumbindo. Uma novidade – fazendo um sucesso incrível. Se o comércio continuar indo bem, haverá peixe no sábado.

Está assobiando alegremente, porque o aparelho trabalha sozinho. Seu companheiro que fica de guarda na esquina chega correndo e cochicha:

– Polícia!

O aparelho nas costas, a tábua debaixo do braço, começa a fugir para o outro lado da rua. Os curiosos supervisores já partiram. Em poucos minutos, pode ser ouvido novamente na esquina:

Quatro por dez! - Agora eles frequentemente gritam:

Quatro por dez!

Ou seja, só dez centavos por quatro caramelos.

O vendedor deve ser um menino com os pulmões fortes, porque é preciso gritar alto, muito mais alto do que o grito da concorrência no mercado. A mercadoria fica na cesta ou num carrinho. O grito do novo comerciante pode ser ouvido em toda a rua.

Quatro para dez! Dois para cinco!

O parceiro dele é um “passageiro” com carrinho que transporta os caramelos. Anuncia:

Fabrico “Martelos”! Apenas de leilão! por 20 e por 40!

Por fim, bancarrota! - Recentemente na rua apareceram os carrinhos com papelaria muito barata - 10 envelopes com papel por 10 centavos. As caixas são baratas também. O vendedor é um homem muito alegre e forte. Rege pela Rua Eleitoral, agrada todas as pessoas:

Uma vez por ano!

Somente da bancarrota!

Incrível ocasião - semi-gratuito!

Somente da bancarrota...

A balança - Esta máquina declina atualmente. No inverno, no outono e no início da primavera, quando as pessoas vestem casacos, ninguém quer se pesar. Talvez alguma criança vá se pesar com botas encharcadas de chuva e ficará feliz porque engordou. Além disso, a pesagem tem outros inconvenientes. Primeiramente, a balança é muito cara, nem todos os negociantes podem comprar; segundo, é muito pesada, não é possível fugir com isso nem esconder da polícia. Você tem que ficar com ela para que todos possam vê-la. No inverno, deve constantemente mudar o lugar em que ela fica, no outono fica molhada e no verão o sol a aquece. Muito ruim. Não é um bom negócio.

Fresco, noturno! - O “Bagelante” é difícil para descrever. Este tipo de comércio é ocupado pelos velhos e jovens, homens e mulheres. Eu vou descrever um deles. Perto da cesta com os bagels quentes, há duas meninas.

É frio, elas aquecem suas mãos, ocasionalmente comem os bagels. Mercadoria sempre atual, especialmente no inverno, mas apesar disso é preciso incentivar as pessoas. Portanto gritam intensamente com um sotaque muito característico:

– Bagels frescas para a noite!

Já está escuro, todos os comerciantes desapareceram, apenas as bagelantes ficam aí. Elas sempre, quase sempre são judias. Uma vez, na Rua Twarda, apareceu uma bagelante cristã, mas o sotaque dela era estranho e a voz era estrangeira e anunciava timidamente os bagels.

Este som não combinava com ela, mas não sei exatamente porquê. Então, o comércio de bagels permanece nas mãos de judeus. O bagelante pode ser encontrado em todas as ruas, porque cada pessoa gosta dos quentinhos e frescos para a noite.

Delicatessen é um pãozinho - Frequentemente é possível encontrar nas ruas mais ativas os comerciantes que têm uma panela especial para salsichas. Na água quente, elas são aquecidas. Um vapor de água lança quando se tira a tampa. O cheiro agradável se espalha. Com alguns centavos, você consegue comprar um pãozinho com salsicha quente, então as pessoas compram com muita vontade...

Delicatessen quentes!

Naturalmente, a pessoa que quer vender seus produtos, deve destacar-se das outras pessoas. Sendo assim, o proprietário das salsichas com pãezinhos tem os punhos brancos, e na sua mão direita está segurando um garfo. O rosto vermelho, quente como uma salsicha.



8

**ÓRFÃOS - FILHOS
DA GUERRA**

Janusz não gostava da palavra órfãos, argumentava que sabia muito bem o que significava ser órfão. Ele mesmo, em suas reflexões, se colocava no lugar de um órfão quando criança, mesmo com seus pais vivos. O menino Henryk Goldszmit não teve uma relação de proximidade com o pai em vida e por isso sentia se órfão dos carinhos e afetos paternos. Ele sabia o que significava ser uma criança, a quem os beijos e abraços do pai eram negados e por isso, nunca tentou faltar com o carinho de pai para aqueles que já não os tinham.

Sobre as crianças (filhos da Guerra), podemos ler uma carta escrita e publicada no jornal *Mały Przegląd*, contando com uma sequência de quatro publicações nas primeiras quatro edições do jornal durante o mês outubro de 1926.

Diário de uma órfã

Diário – Isso não é um romance. Diário – são aventuras e percalços da vida humana. Ninguém escreve pelo outro, mas cada um escreve por si. O diário é verdadeiro. Imprimimos de boa vontade essa história, a qual está escrita sob o seguinte título - “Uma pequena história sobre a minha vida”.

Finalmente, aos 14 anos de idade, decidi escrever sobre a minha experiência de vida. Desde muito cedo fiquei órfã. Não conheci meu pai. Até hoje não sei se o que eu vi, era um sonho ou realidade do dia que meu pai faleceu, eu tinha 2 anos. Não sei qual era sua aparência. Restou-me somente uma lembrança.

Era noite. Minhas irmãs e meu irmão dormiam, e eu não conseguia pegar no sono, desci da cama e fui para a cozinha. Lá estava minha mãe (da minha mãe eu lembro um pouco porque eu tinha 3 anos quando ela faleceu).

Em seguida, ao voltar pro quarto, parei em frente a porta do quarto dos meus pais. Na minha frente estava a cama, onde meu pai estava deitado. Só lembro da barba preta e o peito descoberto, empastado com alguma pomada. Anos mais tarde, quando contei essa cena para meu irmão, ele me falou que de fato, esse era meu pai. E agora fico imaginando que neste dia eu vi meu pai pela primeira e última vez.

O que fiz depois, se voltei para a cama, isso eu não lembro.

Com certa frequência, volto meus pensamentos para esse dia.

Me sinto bem, ao imaginar que uma garotinha de pijama parada no centro da porta, provavelmente torcendo as mãos e os olhos sonolentos.

Sei que meu pai faleceu de pneumonia e minha mãe de preocupação.

Sobraram 4 crianças órfãs. Um adolescente de 12 anos e três meninas.

Quando ficamos sozinhos, não tinha outra alternativa, se não ir para a casa dos parentes. Então, eu fui para a casa da minha tia.

Lembro quando meu irmão e minha irmã desciam as escadas. Meu irmão foi para Varsóvia e minha irmã para Lublin e a outra irmã para Minsk. Lembro que ao se despedir, meu irmão me deu um caramelo.

Eu dormia na cama com a ajudante da minha tia, ela era bastante suja. Eu sentia saudades e chorava porque queria ir para casa. Lembro que minha tia teve mais um filho

e quando eu tinha 5 ou 6 anos, fiquei sabendo pelas crianças do pátio que há uma escola pública e eu precisava estudar. Imediatamente corri com uma menina para essa escola. O professor era um jovem rapaz, provavelmente do quarto ano. Ele me aceitou e disse para voltar no dia seguinte. Voltei aliviada para casa.

No dia seguinte fui para a escola. Não falei nada pra ninguém porque eu estava orgulhosa de que eu encontrei uma escola sozinha. Queria fazer uma surpresa para a minha tia, mostrar que eu sabia ler e escrever.

Quando voltei, minha tia me esperava ao invés da minha mãe que provavelmente iria abraçar seus filhos e agradecer pelo nosso bom comportamento na escola. Mas minha tia com a cara amarrada, aos berros, me perguntou onde eu estava. Desconsidereei sua raiva e comecei a contar sobre a minha aventura.

Mas ela não queria nem escutar, me ameaçando com raiva, dizendo que se eu ainda voltasse para lá, iria me mandar embora da casa. – Agora eu preciso dar um jeito.

Lembro, que a titia me falou que se eu não fosse mais a escola, iria me dar um pão com manteiga. No dia seguinte, saí para o centro e eu não aguentei esperar, deixei o filho dela e a casa aberta, fui correndo para a escola.

Ao perceber que não levaria mais nenhuma vantagem comigo, minha tia decidiu me entregar ao meu tio. Talvez ela estivesse ressentida: afinal cuidou de mim tantos anos. Talvez agora meu tio devesse me aguentar um pouco. – Mas eu não entendia isso, me joguei no chão e não queria ir de jeito nenhum. Porque eu já estava acostumada aqui e eu tinha muito medo do tio (A história continua na próxima edição).

Diário de uma órfã. (continuação)

A tia me deu uma boneca e por fim eu fui embora com a sua ajudante. Mas meu tio não quis me aceitar, falou que não tinha lugar para eu dormir lá e não podia me ver assim tão mal-vestida, mas também não tinha dinheiro para comprar roupas pra mim. Por fim, retornamos para casa da minha tia, mas ela já não quis mais me aceitar, gritava com sua empregada e pediu para voltarmos e me deixar lá. Meu tio era mais rico que minha tia e isso a deixa mais furiosa ainda.

Chovia, fazia frio e eu estava com fome e cansada.

Por fim, chegamos na entrada da casa. Nem deu tempo de olhar direito e a empregada me largou sozinha ali e foi embora. Meu tio abriu a porta e começou a gritar: “– O que você está fazendo aqui até agora?” Assustada com essa recepção, não respondi nada. Ah, Meu Deus! Como eu chorei nessa noite. Da mesma forma que a chuva caia lá fora, caíam lágrimas amargas dos meus olhos e não havia ninguém para enxugá-las.

Permaneci encolhida na antessala da entrada, enquanto escutava da sala gritos de briga porque meu tio queria que eu ficasse enquanto sua esposa dizia que não permitiria que eu permanecesse nem mais um minuto aqui. Por fim, o táxi me levou novamente a casa da minha tia. Assim, pela segunda vez, voltei para o mesmo lugar.

Enfim, depois de algum tempo minha prima me acolheu. Aqui era melhor, eu dormia nas cadeiras do quarto, não me deu nenhum trabalho e começou a me ensinar. Mas isso não durou muito tempo. Sabia que eu deveria ir para Varsóvia, na casa de outros parentes. Ela começou a me preparar para a viagem.

Um dia antes de viajar, fui encontrar com a irmã que também foi mandada embora de Lublin e agora estava na casa do tio. Nos despedimos e nos separamos sem nenhuma de nos chorar. E por que iríamos chorar? Porque nem eu nem ela, lembrávamos quando foi a última vez que ficamos sob o mesmo teto. Ah! Eu aguardava ansiosa por esse momento de poder sair. Eu estava inquieta porque parece que minhas tristezas iriam acabar. Porque vai começar uma nova vida, vou poder estudar numa escola de verdade.

Ao chegar em Varsóvia, fui para a casa de um parente distante. Imediatamente meu irmão foi informado de que eu estava aqui. Entrei assim que a porta se abriu e encontrei um rapaz grande que era o meu irmão, o qual eu não reconheci imediatamente e ele também não me reconheceu. – Comecei a chorar. Chegou o dono da casa e meu irmão pediu para ele me acolher até encontrar um novo lar para mim. O pedido do meu irmão foi atendido e eu fiquei com ele por um tempo.

Só agora eu posso perceber que sou uma órfã solitária e que ninguém liga pra mim.

Os filhos do dono da casa me importunavam a cada farelo de pão que eu comia. Eu não via a hora de chegar à noite porque meu irmão retornava, me abraçava, brincava comigo e me animava para seguir em frente.

Eu já deveria estar aos cuidados de um internato, mas estava demorando para ser aceita. Enquanto isso, meu hospedeiro estava cada vez mais impaciente e as crianças aproveitavam toda trapaça para colocarem a culpa em mim.

Por fim, fui chamada para o internato. Meu irmão deveria pagar pela escola, mas estava dando um jeito para ser de graça. Ele ganhava pouco e mal dava para pagar as contas dele.

O orfanato ficava em Żyrardów. Finalmente acabou o meu martírio. Me acostumei rapidamente a conviver com as outras crianças e com os funcionários. Era mais fácil viver com estranhos do que com os próprios parentes.

Finalmente comecei a estudar com outras crianças.

Em Żyrardów, passei um ano quando o internato foi transferido para Varsóvia. (A história continua na próxima edição).

Diário de uma órfã. (continuação)

II.

Agora eu pensava em sair o quanto antes do internato. Em pouco tempo fiquei sabendo que começaria a trabalhar numa fábrica de espartilhos. Comecei a chorar e pedir para não me mandarem para esse trabalho, que eu preferia ir para uma costureira, onde essa palavra – espartilho – tinha sentido para mim, assim como calça. Estava envergonhada, mas me disseram se eu não aceitar, vão me colocar para fora do internato.

Mesmo sendo algo de boa vontade, são trabalhadores, cansados, com a voz sonolenta – e eu preciso ir nesse lugar – que eu não gostaria de estar. Mas pensando bem, se eu estiver trabalhando, vou ser independente.

Me mudei para um novo quarto perto do novo trabalho. No dia seguinte, desci as escadas com a carta de recomendações, cheguei no horário marcado. Minha responsável

me chamou para uma sala onde eu deveria trabalhar e para minha surpresa não havia ninguém ali.

Me falaram que eu deveria vir todos os dias às 9 da manhã, às três horas era o almoço e às dezenove horas vou poder voltar para casa.

No dia seguinte, recebi a ordem de varrer e limpar o quarto e me deram um espartilho rasgado. Essa situação perdurou por três semanas, até o quarto ficar totalmente polido, eu precisei limpar os móveis, estender os lençóis e o pior de tudo, lavar as janelas. Apesar da senhora me garantir que se eu me segurasse seria seguro lavar as janelas, mesmo assim eu tinha medo porque estava no terceiro andar. Diante da minha expressão de medo, a senhora me falou que eu poderia pensar até amanhã se ainda queria trabalhar neste lugar ou então, nem precisava vir mais, porque eu sou magra e eles estão precisando de meninas fortes. Por um longo tempo, andei pelas ruas e pensava no que eu poderia fazer, até eu ir à casa da monitora do orfanato, mas ela não estava em casa. Aproveitei o tempo para visitar os temas da escola, fiz todos os deveres, para a minha monitora não reclamar quando chegaria. Por fim, voltei mais alegre pra casa. Esperei por uma semana quando no escritório do internato fiquei sabendo que estavam procurando uma pessoa para trabalhar numa loja.

Cheguei numa grande loja de vestidos. Aqui trabalhavam muitas moças jovens. Eu circulava entre as vendas e a produção, mas não me era dado trabalho pesado.

Neste trabalho conheci uma professora que começou a me dar aulas. No final do dia eu reservava um tempo para as aulas. Só não fazia isso quando havia muito trabalho na loja.

No quarto, moravam duas, agora três moças. Éramos uma família.

Nesse tempo também voltei para visitar o internato. Os meus colegas estavam vivendo bem e sossegados. Mas me incomodava saber que daqui a pouco acabaria essa calma para eles também. Eles precisavam sair daqui e começarem a se virar por conta própria. As crianças ricas querem crescer e logo ficar grandes, mas nós não queremos deixar o conforto do orfanato. Lá fora, a vida é bem pior conosco.

Eu e minhas companheiras de quarto mudamos para um quarto maior. O proprietário era alguém sempre incomodado. Todos os sábados brigava com a esposa e conosco todos os dias. Não podíamos falar demais, nem muito alto. É meio óbvio que três adolescentes após um dia de trabalho gostariam de conversar um pouco e isso o incomodava. Além disso reclamava que gastávamos muito água para se lavar e muita querosene nos lâmpadas que ficavam acessos por um longo tempo.

O inverno era estridente, mesmo assim abríamos a janela do quarto todos os dias porque o quarto era muito pequeno, até a fechadura da janela quebrar. Daí começamos a fechar a janela com um prego. E quando estava mais quente, minha colega abria a janela só com uma cotovelada. O proprietário já não falava de nós pelas costas, mas dizia abertamente que éramos moças muito mimadas.

No verão, a loja era fechada porque todo mundo deixava a cidade. E para não perder tempo, eu ficava responsável por cuidar das penas e plumas.

Uma senhora mais velha, ficava sentada no centro, e cuidava do trabalho de todas nós, para que fossemos ágeis. E quem não era, ela perguntava:

– Meninas.. Tá difícil de se concentrar aqui?

Lembrei-me que me falaram uma vez que a música mais bonita é aquela cantada enquanto trabalhamos. (A história continua na próxima edição).

Diário de uma órfã. (continuação)

Eu ficava perto do fogão onde as penas ferviam. Trabalhávamos entre 20 meninas. A sala tinha cheiro de tinta fresca e por isso ficava com dor de cabeça frequentemente. Após passar três meses, eu pude voltar ao meu antigo espaço, das vendas.

Meu irmão raramente escrevia. Ganhava pouco, mas estava estudando. Não dizia nada nas cartas se estava juntando dinheiro para viajarmos e eu sonhava tanto com uma viagem.

No quarto com as colegas, ficávamos conversando até altas horas sobre nosso sonho de viajar. Iríamos à Paris, conheceríamos a cidade, aprenderíamos a língua e iríamos encontrar um trabalho. Era assim que planejávamos até chegar a primavera.

Oh primavera, quantos corações se alegram quando ela se aproxima, até as ervas daninhas, as lagartas e outros bichinhos ficam felizes. A senhora alegria se encontra em todos os lugares. Ela está por todos os lados. Ela está em todos os lugares, mas há um problema. E provavelmente ela vai estranhar ao saber que lá no quarto

andar há tristeza. E provavelmente vai se envergonhar de chegar lá.

Começaram a pintar a casa onde morávamos, foi colocada uma torra de madeira na nossa janela e por isso não podíamos mais fechar a janela.

E pra piorar, a primavera não foi generosa conosco. A chuva começou e durou por vários dias, até a minha melhor amiga ficar resfriada e eu comecei a tossir.

Passei a noite cuidando dela, ela me importunava muito por causa do seu estado. Assim que seu estado de saúde piorou, ela me falou que estava com pneumonia, infecção no sangue e assim por diante. Mas ela estava mesmo com febre. Imagina a minha situação. Finalmente, levei ela para o hospital. Fiquei sozinha no quarto, logo quando tinha mais trabalho na loja, mas o máximo que consegui foi chegar até a cama, onde passei a semana inteira.

Quando pensei em voltar ao trabalho, logo na entrada fui advertida, que trabalhadores doentes não podem trabalhar aqui.

Novamente voltou a preocupação.

Não sabia o que fazer comigo mesma. Entreguei ao carteiro a minha carta de demissão.

Voltei à casa da monitora do orfanato que buscou para mim um lugar para crianças, em que um médico garantiu que as crianças podem lá ficar por um longo tempo. Mesmo assim eu estava muito fraca.

Infeliz é o homem que luta contra a pobreza, mas mais infeliz ainda é o homem que luta contra a doença. Felizes são os que tem saúde.

Fui para Otwock. Oh, mas como estava sendo difícil sair daqui por todo o cansaço que eu estava sentindo. Apesar de estar feliz por ter um novo emprego.

Não tinha jeito, eu precisava ir até a prefeitura, lá pediram para eu aguardar. Fiquei lá sentada até o fim do dia. Um entra e sai de pessoas, mas ninguém falava comigo. Pelo menos poderiam dizer, onde vou dormir esta noite, mas nada. Alguém saí, fuma um cigarro e volta pra sala, mas ninguém fala comigo.

Já foi trazido a janta para mim, a luz nas principais salas já foi apagada, alguns cachorros soltos pela rua começavam a latir. E eu aqui sentada e esperando.

Eu não ganhei nenhum número. Ninguém se prontificou a me levar para casa. Vou ter que dormir aqui.

A filha do guarda enfileirou umas cadeiras e me deu uma manta. Volta e meia eu acordava e olhava para fora se já estava clareando. Fiquei com medo de adormecer e as seis horas da manhã começarem a chegar as primeiras pessoas para o trabalho.

Finalmente parece que já amanheceu. Levantei-me, me ajeitei. O relógio tocou pela primeira vez. Somente depois de quatro dias, fui dormir num novo pavilhão.

Fui me acostumando, e também fui conhecendo os novos moradores. Eu era uma das mais novas.

Mas por quatro semana me relutaram em me segurar no pavilhão porque me falaram que poderiam me manter lá somente por quatro semanas. Uma das monitoras falou que iria buscar trabalho para mim em Otwock. Mas o pior de tudo é que não havia trabalho para mim.

Por um acaso, alguém deixou 50 rublos para mim e então eu pude ficar mais um mês.

Mas o que será depois disso?

A única coisa que conseguia pensar até agora, é que eu não tinha o que fazer. Pensando sobre todo o meu passado, cheguei à conclusão de que eu estava muito doente. De que pessoas doentes ninguém quer. Que ninguém gosta de mim e ninguém se importa comigo. Estou abandonada, como uma maçã verde esquecida na árvore. Uma luta está sendo travada no meu coração.

O que me ajudou foi a oração.

Rezava pelos meus falecidos pais – apesar da recomendação do médico, eu deixei o pavilhão e fui andar pela chuva, até obter algum sinal. Enquanto isso eu continuava rezando pela saúde, para não ser um estorvo para ninguém. Crianças doentes nenhuma família quer.

Quando temos saúde e somos simpáticos, todo mundo gosta da gente. Quando estamos tristes, ninguém olha para nós, não emitem uma palavra.

Oh mães! Não deixam seus filhos endurecerem, sempre deem um sorriso para eles, especialmente para as crianças mais fracas. Porque vocês não sabem o peso que é não receber um sorriso.

Sei muito bem que as instituições para crianças precisam de crianças saudáveis, porque elas aprendem mais rápido e assim o professor vê logo o resultado do seu esforço. Principalmente essas crianças que as mães andam de mãos dadas. Mas quem tem culpa por eu ser assim. O que eu posso fazer?

III

Quatro anos já se passaram. Quando escrevi pela última vez. Quatro anos. Quantas mudanças.

Deus meu! Se alguém me dissesse naquela época que eu ganharia uma pensão para me aquecer, eu pensaria que estavam brincando comigo.

Muitas mudanças aconteceram. Já não escrevo mais como uma pessoa tímida e melindrosa, que ninguém gosta. Escreva, na verdade, como uma pessoa madura – que passou por sofrimento e tornou-se madura.

Se estou feliz? Não. Mas quando penso no que passei, nos meus objetivos, pelos quais eu luto – sinto que já tenho muito.

Hoje recebi a visita do meu tio (aquele que me acolheu a contragosto naquela noite fatídica). Me pediu desculpas pelo que ocorreu. Começou a perguntar o que eu estava fazendo. Se desculpou por não me comprar um presente, porque não sabia o quanto grande eu era. Mas perguntou se eu gostaria de ir com ele no cinema. Queria me dar 5 rublos. Agradei sorrindo.

– Obrigada, mas meu irmão me manda. Do resto, eu dou minhas aulas e tenho meu dinheiro.

Após ele despedir-se, comecei a chorar: tanta dor foi lembrada, tanta coisa do passado veio à tona.

O diário de uma órfã não foi assinado. Mas sua história revela a vida de uma adolescente de 14 anos que conta sobre os percalços vividos no período pós-guerra. A perda dos pais precocemente, a

passagem pela casa de vários familiares, a vontade de estudar, a vida nos internatos e a dureza de trabalhar desde muito cedo revelam a vida de muitas crianças órfãs do período entreguerras.

No ano seguinte, em março de 1927, a temática das crianças órfãs voltou a ser tema do jornal *Mały Przegląd*.

Mês do órfão

A ajuda da América

Depois da guerra, a América enviava dinheiro, comida e roupas. A América viu que a Guerra destruiu a Polônia, que muitas casas foram queimadas, que os exércitos espezinharam os campos semeados, que os famintos ficaram doentes e não podiam trabalhar.

As pessoas ficavam doentes e morriam. Os órfãos ficavam. A América enviou muito para os órfãos. Depois, a guerra terminou; a América disse:

– Já chega! Vocês têm que ser independentes.

Começou a enviar menos, todos os anos menos.

Os senhores chegavam da América, viam o que aconteceu conosco e diziam:

– Nós ajudamos os nossos, vocês ajudam os seus. Aqueles, que trabalham devem cuidar daqueles que não podem trabalhar.

Entende-se que mais difícil é para as crianças. Portanto, a América ainda envia dinheiro para as crianças, mas não muito.

As crianças infelizes

Há pessoas que perguntam por que querem saber. Há pessoas, quem não têm paciência para escutar e ainda ficam irritados quando dizemos algo diferente do que eles pensam.

Às vezes, não é mal quando alguém não sabe como está na verdade; mas é pior, quando ouviu uma fábula e acha que essa é a verdade, conta para os outros e fica mal porque ninguém acredita.

Há duas fábulas sobre os órfãos: uma fábula que a madrasta bate e não dá comida e a outra que o órfão morre na neve.

É verdade, há madrastas malvadas, mas há boas também. Sim, há órfãos pobres, mas há também órfãos ricos. Por vezes, a madrasta pode ser boa assim como a mãe e há crianças pobres que têm pais. Um exemplo: um menino tem pais, mas o pai não trabalha e a mãe está doente. Ou um filho está doente, embora tenha pais. Os infortúnios surgem de muitas formas.

Os órfãos

Os órfãos - são como as outras crianças. Alguns inteligentes, alguns estúpidos, outros bons ou maus, felizes, tristes, saudáveis e doentes, esforçados e preguiçosos, educados e malcriados também. Há pessoas diferentes no mundo.

Não é bom esperar que todas as crianças sejam iguais. Não se pode simplesmente gostar das melhores. Algumas vezes, fica-se irritado quando uma criança faz algo errado. Não tem importância se ela tem pais ou não.

Entre os órfãos estão alguns que fazem manhas para obter algo, mas há também muitos que são orgulhosos, outros envergonhados. Eles pensam que é errado cuidar deles. Há crianças também, que não gostam de receber dinheiro dos seus pais, mas outras nem se preocupam com isso.

Um favor?

A criança não é culpada pela morte dos pais. Não é culpada por ser pequena e fraca. Um filho não é culpado, porque não sabe ou não conseguiu fazer algo bom. Ele é inocente mesmo quando está errado, porque quer fazer reparações.

Os pais cuidam da criança e dizem-lhe o que deverá fazer. Quando não tem pais, alguém tem de cuidar dele. Por vezes, um órfão será cuidado por uma avó, um tio, uma tia. Mas, frequentemente não conseguem porque são pobres e já têm os seus filhos, ou são velhos, ou não são boas pessoas e não querem ter problemas. Alguém deve cuidar da criança e isto não é um favor, mas uma obrigação. Todos que trabalham devem lembrar-se que podem tornar-se órfãos. Todas as religiões falam, que é preciso ajudar, que é preciso ser bem e pensar nos outros.



9

OS ADULTOS

Em *Mały Przegląd*, os adultos eram os outros, aqueles que tinham pouco contato com o jornal, mesmo assim o jornal também tratava das pessoas adultas. O editor mor do jornal inclusive premeditava que *Mały Przegląd* para os adultos não passava de uma passagem de bobagens escritas pelas crianças.

Os pais e nós

Os pais — os grandes nós, e nós — os pequenos pais.

As meninas pequenas têm bonecas minúsculas. As meninas grandes têm bonecas grandes — bebês. Há uma diferença: as pequenas mãezinhas brincam com suas bonecas de acordo com sua própria vontade e as bonecas obedecem a tudo. As mães grandes querem fazer a mesma coisa com seus filhos, mas crianças — elas já são pessoas. Elas têm suas opiniões e é aqui que começam as disputas e os desentendimentos.

Quando um filho ou filha não pode satisfazer o desejo de um dos pais, ouve:

— Eu te criei. Custou-me tanto esforço e trabalho e é assim que você me trata?

Não entendemos o sacrifício dos pais? Entendemos. Somos gratos a eles por seu cuidado, sua preocupação e seu trabalho. Mas nem sempre podemos nos submeter à vontade deles, afinal, isso também nos machuca.

Na escola, várias cadeiras quebradas ou inteiras ficam de pé na sala de espera, cheia de mães e pais. Todos eles vieram para a entrega dos boletins.

Na porta, sentou-se uma mulher toda preocupada, malvestida. Ao lado dela, uma outra senhora rica com um casaco de pele.

— A senhora tem uma filha aqui?

— Pergunta a senhora rica.

— Sim, minha filha está no quinto ano.

— A pobre responde.

— A minha está no nono.

— Oh, será que minha filha poderá ir à escola até o nono ano... — suspira a mulher pobre.

— Por que ela não deveria ir?

— Por que? Porque tem que ter dinheiro!

— Se você é pobre, não precisa estudar — se intromete um marmanjo. — Eu também não terminei o nono ano e ainda estou vivo. Agora qualquer retardado, qualquer maluco, quer ser médico. Para quê? Para quê? Há tantos médicos quanto cães.

A mulher pobre não responde. Ela quer que sua filha estude. Ela sabe que a garota é talentosa nas letras e muito fraca para o trabalho manual.

A rica, por outro lado, retruca:

— Você tem que ser um estudioso, no entanto. Não custa nada ter completado pelo menos o 9º ano. Eu não consigo imaginar uma garota inteligente que não tenha terminado o ensino fundamental.

Um pouco mais adiante, falava-se de esporte. Os pais eram a favor de que a educação da juventude fosse endurecida.

— São crianças, no entanto. Quando eles vão se divertir, aproveitar, se não for agora.

— Mas os esportes são muito perigosos. — diz uma das mães. — Você não consegue ficar firme no gelo e eles são competitivos uns com os outros. O amiguinho do meu filho quebrou a perna no gelo e ficou na cama por dois meses.

— Esta perna nunca mais vai quebrar de novo neste lugar. — Confortou um pai.

— Eles nos deixam terrivelmente nervosos. A minha, eu lhe digo, nadaria o dia todo. Sempre falo:

— Você pode se afogar. Você pode ter apendicite.

Aff! Olha se formos pensar assim, caminhar na rua deveria ser proibido. Há poucos acidentes na rua?

De repente, um homem de talvez quarenta anos fala lá da ponta:

— Esportes como esportes, mas de onde conseguir dinheiro para isso? A escola custa dinheiro e aí vem a criança com novas demandas. Uma viagem, por exemplo.

— Os passeios são muito úteis.

— Assim como tapar o buraco de uma ponte.

Alguns falam sobre o progresso de seus filhos.

— Como eu gostaria que meu filho aprendesse bem. Mas, ele só está recebendo notas vermelhas.

— Talvez seja incapaz.

— Não. Preguiçoso.

— Minha filha é uma ótima aluna. Você já deve ter ouvido falar sobre ela — a primeira aluna da turma.

(menciona o nome).

— Ouvi dizer que ela não é boa... Mas, talvez eles estivessem falando de outra.

Quando as mães não trabalham, mas cuidam do lar, elas se interessam mais pelas nossas coisas, controlando o que lemos e com quem nos encontramos.

— Quantos anos tem seu novo amigo?

— A mesma idade que eu.

— O que faz o pai dela?

— Eu não sei.

— Você não sabe?

— Ele é um médico.

— Ela deve ser uma garota inteligente.

Ou:

— Qual é o nome dela?

— Goldberg.

— O pai dela é um comerciante?

— Eu acho que sim.

— Humm... Eu acho que ela é uma dos Goldbergs.

— Eu não sei quais.

— Da Rua Dzika.

A maneira como a maioria dos pais quer criar os adolescentes é ainda muito retrógrada. Eles não permitem que sua filha tenha um amigo ou que ele venha ao apartamento deles. Parece a eles que nada pode nos conectar, a não ser alguns flertes.

O pior é que os pais nem sempre avaliam nosso trabalho adequadamente. Para eles, parece que não fazemos nada, não pensamos em nada.

Alguns pais vão ler isto e pensar:

— Quanta arrogância! Mal acabou de sair das fraldas e já está nos criticando.

Eu não quero ofendê-lo e não posso orientá-los. Eu sei que nem todos estudam psicologia, mas é preciso conhecer a alma de uma criança. Não é uma coisa fácil. Mas, tentem nos entender.

Obs.: Não tenho escrito sobre pais trabalhadores ou jovens trabalhadores porque sei muito pouco sobre essa vida. Além disso, sei que o que escrevi também não esgota o assunto, que é complexo. Só quero mostrar que temos algumas palavras a dizer e que os pais possam tirar proveito dela.

Mesmo que o jornal não alcançava substancialmente o mundo adulto, seus artigos tocavam no seu mundo sob a perspectiva das crianças. Ademais, encontramos artigos, onde mencionam a vida adulta que se volta ao passado, mas também aquela que se projeta com um plano futuro.

Não é verdade que antigamente era melhor

Eu sempre achei estranho e me perguntava: - Como é possível que adultos falam de uma maneira dura e severa: - “Você não vai”, que castiguem e proíbem. Eles também já foram crianças ou pelo menos adolescentes? Será que eles corriam, brincavam e reivindicavam os seus direitos? Então, o que mudou? Por que eles não tentam entender os jovens? Por outro lado, por que retornam as memórias da infância, tantas vezes, em diferentes circunstâncias? E porque revivem os tempos velhos, agora, com prazer, quando são adultos e já sofreram tanto?

Fico atento quando eles conversam entre si:

– Não, isso não é o que era antigamente.

Na fala deles, há um saudosismo pela infância que já passou e isso me faz começar a pensar sobre os velhos e bons tempos.

Muitas vezes, converso sobre isso com minha mãe. Ela pensa, que após alguns anos, quando a gente passar a ter mais preocupações, responsabilidades e ansiedades, a infância vai parecer o período da vida mais agradável, mesmo que não era perfeito.

– Antigamente, não existiam as escolas primarias – disse minha mãe. Quem queria estudar, frequentava as escolas privadas. Mais quem tinha dinheiro para isso? Mensalidades escolares eram muito altos. Além disso, era difícil conseguir um emprego. Hoje, podemos adquirir conhecimento básico por uma taxa mínima. Mesmo que escolas são frequentadas por pessoas mais ricas, o restante tem possibilidade de obter escolaridades e reduções de custos.

Antigamente, as crianças que tinham 10 anos iam para o trabalho. Entenda, que aos 10 anos, elas deixavam de ser crianças. Não é verdade que a juventude do meu tempo era mais séria, não, parece que são assim porque eles foram ridicularizados através de disciplina severa.

Marysia, as crianças de hoje desfrutam de uma posição melhor do que antes, você tem que saber disso. Hoje, os pais são muito mais compreensivos, tentam entender os filhos – diz minha mãe – e mais do que isso, acompanham as mudanças do tempo. Antigamente, as crianças tinham menos em comum com seus pais, porque não era lhes dada nenhuma atenção. Além disso, eram hostilizadas, tudo era proibido para elas e não tinham ninguém para responder as suas dúvidas atormentadoras. Com quem podia conversar uma menina pequena e assustada, ou um garotinho miserável junto com todos seus “porquês”? Provavelmente não era com a pessoa que mantinha um sinistro chicote nas mãos ou com os pais que tinham um pensamento retrógrado. Mesmo alguns filhos de ricos frequentam só a escola- “cheder” onde aprendiam a rezar e era considerado suficiente.

Eu me lembro - mamãe não parava de falar. Uma manhã chuvosa, eu ia à escola. Eu estava compulsivamente segurando alguns rublos na minha mão que deveria ser o pagamento da escola. Estava com a cabeça nas nuvens, não olhava para baixo. De repente, escorreguei e relaxei meus dedos que seguravam o envelope molhada. O dinheiro chorado e minguido, se espalhou na terra. Imediatamente, um grupo de pessoas me cercou. Eles estenderam suas mãos e o dinheiro desapareceu rapidamente. Meus olhos se encheram de lágrimas. Limpei o envelope só para conferir se não tinha mais nada. Eu precisava pedir, esforçar-se e juntar de novo. A partir disso,

quero te-dizer que não concordo com as pessoas que tentam convencer outras falando que os velhos tempos eram melhores em todos os sentidos. Se os tempos tivessem sido melhores, se as pessoas tivessem um bom coração – Será que estendiam seus braços avarentos por alguns rublos de uma pobrezinha estudante?

Precisamos trabalhar

– Você tem que fazer suas malas – disse minha tia – Em dois dias, as aulas começam.

Eu olhei ao meu redor com tristeza. Vai ser difícil para mim deixar tudo isso que eu tanto amo; pinheiros altos e compridos, com pássaros que gorjeiam tão bonitinho todas as manhãs, o riacho prateado murmurando agradavelmente. Com toda essa amada liberdade que tenho aqui, provavelmente, o que mais vou sentir falta é da minha Janka loirinha. Nossa amizade dura três meses, desde que eu cheguei no campo.

Nos dois se amamos muito, mesmo que somos tão diferentes: ela é gentil - eu agitado; ela é tranquila - eu rude; ela é prudente - eu faço castelos no ar, como os velhos falam. Mesmo assim, nós nos amamos.

Quando eu penso sobre a separação, sinto vontade de chorar. Neste momento, percebi que Janka que está vindo em direção da varanda.

-Peguei a cesta e fomos para a bosque juntar pinhas. E não fiquei triste porque quando ela viu que eu estava ficando deprimido, me abraçou. Durante dois dias ainda podemos brincar muito. Feliz com esta boa perspectiva, eu pulei atrás de Janka.

Mas, no bosque não queríamos brincar mais. Sérios e silenciosos, sentamo-nos numa tora.

– O que você gostaria de ser quando crescer?

– Eu vou ser o que a vida me obrigar ser. Não quero sonhar, para poder se desiludir só depois.

– Eu tenho um sonho. – Eu a interrompi. Mas não sei se vai cumprir-se. Eu quero ser um poeta! Quero escrever para as pessoas sobre o brilho do sol nascente, sobre as ondas tempestuosas dos mares durante as tempestades. Quero escrever sobre o sofrimento e a alegria humana, sobre a paz e o amor. E além disso, quero fama. Você está me ouvindo?

Janka endireitou-se e olhando para mim com um olhar suave e puro, falou:

– Cabritinho, não é suficiente dizer “quero”, não. Nada vai cair do céu, temos que trabalhar.

Sem desviar do caminho escolhido uma só vez, sem suscetibilidade e tentação. Você vai atingir seu objetivo. Acredite em si mesmo firmemente, trabalhe e um dia você vai vencer.

Janka ficou em silêncio. Logo será noite. Estava numa reflexão profunda. Quando todas as estrelas acenderam e soprava uma brisa no campo, nos levantamos e fomos para casa. As árvores murmuravam, mas pensei que estavam cochichando.

– Para atingir seu objetivo, você tem que trabalhar, trabalhar persistentemente, acreditar absolutamente e estar focalizado.

Sentia saudade de algo distante, desconhecido, que você precisa obter, merecer, algo pelo qual você pode se conhecer melhor e se testar.



10

A NEVE

A espera pela neve e a sua chegada, presente no primeiro semestre escolar, o semestre de inverno, sinaliza como será o ano escolar, seja de espera, seja de magia como uma cobertura de penas que acabou de estourar ou de lama e morte de um velho senhor de três meses de idade, chamado outono.

A primeira neve

A lama

Os primeiros flocos de neve já caíram! Mas que neve! Pequenas estrelas cairão, ficarão ali estendidos por 15 minutos, derreterão e vai ter lama.

Eu vou para a escola e penso:

– Ah, como seria bom se já nevasse!

Eu estou sentado em casa. A chuva está constantemente batendo nas janelas. Eu continuo pensando na neve. Talvez haverá amanhã, ou ainda hoje.

Tímido

Todos na aula estavam felizes por estar nevando. Eu disse que a última neve foi no dia 21 de março. Um colega gritou que uma cobertura de penas foi furada e que por isso estava nevando. Hania percebeu uma mancha em seu caderno de anotações. Eu disse que um floco de neve caiu sobre o caderno e deixou uma mancha.

Não ficamos felizes por muito tempo. Parou de nevar. Gritavam: “A neve se foi!”

Algumas das crianças gritaram que a neve se assustou e fugiu.

Rostos sorridentes

No dia 16 de novembro, há uma hora da tarde, enquanto eu voltava da escola para casa, pequenos flocos de neve começaram a cair. Estávamos caminhando todos em grupo.

Uma de nós chamou:

— Está mesmo nevando ou eu estou apenas sonhando?

A outra estava sonhando:

— Não vai demorar muito até que alguém vai escorregar no gelo.

— Salve, viva a neve!

E assim caminhamos com um sorriso nos lábios. Todos estavam sorrindo naquele dia, olhando para a primeira neve. Mas depois das 4 horas da tarde desapareceu.

Meus amigos protestaram:

— Por que temos que esperar novamente?!

— Não, nós não concordamos!

O gatinho foi o primeiro a notar

Sentei-me no sofá com um livro. Havia vozes que vinham da outra sala — era minha irmã falando com seus amigos.

Ao meu lado, meu gato estava sentado. De repente, o gato se levantou e correu para a cozinha. Não prestei atenção nele, pois o livro estava interessante.

Fiquei sentado e continuei lendo. Então minha leitura foi interrompida pelo miado do gato e pela voz de minha irmã:

— Irenka, venha depressa.

Eu corri.

— Veja.

Olhei e para alegria estava saltitante. Lá, fora da janela, flocos de neve brancos estavam voando. No chão e no parapeito da janela havia uma cobertura branca de neve.

O inverno está chegando

Em lençóis sujos e manchados, o outono está deitado.

Atenção! Adiante! Armem-se com lâminas afiadas em pingentes de gelo para matar um velho senhor de três meses de idade. O outono está morrendo. Ele está soluçando alto. Está chorando lágrimas espessas e pesadas de saudade. Ele está lacrimejando desesperadamente, sacudindo os ramos das árvores. Com raiva impotente, derruba as últimas folhas, roxas de dor. Seu rosto sem sangue, com pele de pergaminho e olhos queimados de febre, está cercado por cabelos de geada cinza. Com um olhar infinitamente triste, ele está abraçando o passado e está gemendo em voz alta, jogando os restos das lembranças com seus dedos gordos.

Atenção! Não deixe que ele nos apanhe... Ele está apenas espalhando a lama de neve. É seu último golpe de morte, ele ataca a harpa estilhaçada nos corações umas cem vezes e algemado pelos grilhões da impotência, está se arrastando de quatro, deixando para trás um manto de gelo.

Ele se agachou no chão nu e treme sob a explosão gelada trazida pelo opressor de prata, o inverno, que está acelerado em seu corcel Ford.

A collage of school supplies including a fountain pen, a ruler, a pencil, and a photograph, overlaid with a grid pattern. The background is a warm, golden-brown color with a grid of dark blue lines. The fountain pen is in the upper left, the ruler is in the lower left, the pencil is in the lower right, and the photograph is in the center. The number '11' is in the upper right.

11

A ESCOLA

Aos oito anos, Henryk Goldszmit começou a estudar na escola primária Augustyn Szmurła, na Rua Freta, em Varsóvia. Sobre esta experiência, mais tarde ele escreve, “esmagaram um aluno lá”, referindo-se à humilhação que viu quando um colega de sala foi achincalhado pelos professores. Ao experienciar algumas situações de castigos corporais nas escolas, fez da escola a sua adversária. Mais tarde, entre os anos de 1886-1897, Henryk se mudou para o colégio masculino, no bairro de Praga, em Varsóvia.

Figura 9 - Ginásio masculino do bairro de Praga/Varsóvia.



Fonte: Museu Praga Judaica, 1894.

Mesmo que Korczak não tenha uma boa relação com a escola nos seus primeiros anos escolares, assim mesmo ela não ficava de fora dos temas escritos pelas crianças e adolescentes, uma vez que estava bastante presente entre eles e por isso era tema recorrente nas publicações do *Mały Przegląd*. O próprio editor-chefe advertiu os problemas com a escola, a relação com os professores e tutores na primeira chamada do jornal em setembro de 1926.

Contudo, à medida que a escola era tema de artigos, novos críticos leitores foram surgindo no decorrer dos anos, como podemos ver na carta publicada em 2 de fevereiro de 1934, assinada por Henryk.

O direito à educação

Meus amigos me diziam que *Mały Przegląd* está se tornando cada vez mais uma revista séria. Todavia, eu não concordo com isso. Enquanto o jornal crescia também era acometido de uma terrível doença: os artigos se tornaram folhetins, cada vez mais difícil de ver resultados.

No último número de “*Mały Przegląd*” havia um monte de artigos sobre questões escolares. Contudo, percebi que apesar de sua aparente seriedade, caracterizavam-se de certa incompetência.

– Pode-se passar de ano sem apanhar? - pergunta Ida e responde: “não”.

– Passar uma cola ou ficar calado? - perguntam Jadzia e Tosia. E assim, não sabem se devem passar uma cola ou ficar calados?

Eu concordo com a Ida. Bater não pode. Porém, há pessoas que trabalham sob o chicote e sem ele não trabalhariam.

A nossa escola é somente para os ricos. Não importa se querem estudar. Têm que estudar.

Os pobres, se eles tiveram tido sorte — como eu tive — podem estudar de graça. Se eles não conseguiram — não importa se querem ou não querem estudar: eles não vão conseguir. Então aqueles que estudam — estudam sob o chicote — para ter uma nota, para o exame nacional.

E, compreensivelmente, toda a natureza da escola está voltada para a educação obrigatória para uns e a inacessibilidade para outros. É compreensível que os estudantes passam cola uns ao outros nos exames, que há trapaça nos testes, que a ciência não se baseia no raciocínio, mas na memorização sem sentido.

Vamos ver um artigo de “Zyga Grodna” intitulado “Cirurgia”. Eu considero este artigo amador e modesto. Limitando seus sonhos a uma prova, a um fato isolado e não a aprender a refletir sobre isso é um erro terrível.

Noemi de Brześć, cuja tragédia testemunhamos recentemente, está admirando o professor. Eu penso que nenhuma pessoa pelo menos decente, não se tornaria um professor do ensino médio para preparar os jovens para o exame nacional, para atenderem somente à vontade dos pais e das mães.

Só há uma saída, uma grande mudança: somente aqueles que se deixam aprender têm o direito de aprender. Desaparecerá então a necessidade de chicote, passando com cola nos exames.

Estou afirmando isso sobre os fatos. Temos uma turma de autoeducação. Vêm aqueles que querem. Não há notas, por isso não precisa colar nos exames.

Eu exijo dos jovens que digam: se eles sentem-se capazes de mudar o mal existente?

Ou talvez eles pensem que o status quo é bom? Então pergunto:

Para que servem as notas, ou colas nos exames e estudos?

Será que nas turmas de semi-internatos, a abolição das notas seria uma saída?

Será que aqueles que querem aprender poderiam ter o direito de aprender?

Henryk se mostra bastante crítico da forma como a escola trabalha e classifica os conteúdos ensinados. Sobre isso, é importante destacar que a formação de um senso crítico também era um dos propósitos do jornal *Mały Przegląd*, arguidos muitas vezes pelos próprios editores adultos. A seguir, podemos encontrar outros artigos com temática semelhante, como estes retirados da edição de setembro de 1930.

Primeiro dia de aulas

Segundo ano

– Então, você vai repetir de ano? Lolek – Sim, vou. Fiquei no primeiro ano. - Isso foi justo? Lolek: - Digo que não foi justo. - E por quê? Lolek: - Porque o Icek passou e eu não. Aronek e Jankiel:- Ele estava animado dizendo; “Icek vai ficar e eu vou passar!” E perdeu. Lolek: -Não, não foi assim! Eu nem estava tão animado. Só pensava assim, porque quando chegamos no primeiro ano, Icek também não sabia nada. A professora nos ensinou a contar até cem. Quando ela me-perguntou quanto é 10 vezes 10, eu não lembrei. Deu-me uma nota ruim.

Uma vez um diretor chegou. Estava verificando o conhecimento das contas, mas eu não tinha que responder, mesmo que já soubesse isso. Segunda vez, ele chegou na aula de polonês. Estávamos lendo. As palavras eram difíceis. Todos os alunos liam por muito tempo, mas eu li pelo mais longo tempo. Por exemplo, tive que ler “Lolek”. Então, estava contando as letras; L e o, será Lo, l e e – le, Lolek e ainda mais k. E fiquei.

Hoje fiquei triste na minha antiga sala de aula. Chegaram novas meninas e meninos. Uma começou a chorar, porque não queria estudar junto com os meninos.

Sem sapatos.

-Pensei que hoje poderíamos entrar na escola com sapatos, portanto não trouxe chinelos. Mesmo que era o primeiro dia, eles não me deixaram entrar com sapatos. Então, tirei os meus sapatos e entrei só com as meias. A diretora leu os nomes dos novos colegas e disse para irmos para a sala.

Auto-organização

- Aronek esqueceu: a diretora primeiramente leu uma lista de normas. Depois, falou sobre as novidades do novo ano. Disse que a nossa escola é a mais limpa de toda a Polônia. Só então ela nos disse para ir à sala. A aula parecia que costumava ser sempre a mesma; um púlpito de madeira, dois quadros, as paredes um pouco brancas e um pouco...não sei que cor é esse... azul, mas vamos dizer que é verde. E nas paredes algumas imagens. A professora nos disse que temos que escolher um líder do jeito que foi no ano anterior. Como representantes da turma, escolhemos dois meninos e uma menina. Tínhamos três fileiras na sala, então cada um escolheu uma para verificar a higiene de cada um - a limpeza das unhas, orelhas, mãos e colarinhos, bem como observar quem está sujo. Depois, escolhemos dois meninos para verificarem se nossos sapatos estão guardados e se trazemos chinelos para usar na sala. Além disso, uma menina foi escolhida para conferir blocos e cadernos, outra para organizar brincadeiras durante os intervalos e uma terceira para emparelhar todos na fila.

Depois, chegou o professor de religião da primeira classe. Ele disse: - a senhora foi gentil... Nossa professora saiu. Ele teve a primeira aula conosco. Estava explicando como Moisés cruzou o Rio Jordão. Em seguida, tocou o sinal. A professora chegou e pediu para guardarmos os chinelos, canetas e a borracha.

Problemas com os pais

Era 12:50. O Professor entrou na aula, conversou por cinco minutos como fossemos colegas. E saiu. Depois, entrou de novo. E assim por diante. Entrava por cinco minutos e saía por quinze. Ele estava fazendo isso porque havia pais no corredor com quais tinha problemas. E quando ele saía, a sala de aula virava uma bagunça. O menino que mexia com todos era um valentão. Estava batendo em todos. Amanhã, vamos ter a mesma aula.

Bagunça

- Não sabíamos onde se encontrava a nossa sala. No primeiro andar havia mães. Os meninos perguntaram ao zelador da escola. Ele gritou: - vão para o terceiro andar! Então fomos lá. Não havia professores. Alguns rapazes brincavam de pega-pega, os outros montavam cavalinho em seus amigos e ainda outros estavam brigando. Eu fui até a porta. Vejo que alguns dos rapazes mexeram na maçaneta. Virei o parafuso, tirei a maçaneta e coloquei-a no banco de trás e assim a porta não abriu mais. Escondi o parafuso no bolso. O professor chegou. As portas não se abriam. Quando pressionou mais, a maçaneta caiu. Consertem a maçaneta - ele mandou. E logo saiu, porque precisava cuidar das outras três classes. Os rapazes correram para a porta. Posso ver que todo mundo é capaz com os seus.

Vou devolver a maçaneta - pensei. Se eles são tão espertos, deixe-os consertar. Porque eles vão quebrá-la e eu serei o responsável por isso.

Eles foram para a segunda classe e encontraram o professor.

– Vocês acham que podem fazer tudo o que gostem no primeiro dia de aula?!

Alguns malandros conseguiram fugir da aula. O professor veio até nós. Verificou se tínhamos mãos, colarinhos e unhas limpas. Eu não coloquei meu colarinho e tinha unhas compridas. Felizmente, o professor não se aproximou de mim e do Abramek.

Brasil

Um bom país

Queridos amigos, estou aqui. Graças a Deus estou bem. Se vocês me vissem agora, provavelmente não me reconheceriam. Estou muito grande.

Vou encaminhar uma folhinha de aroeira pra vocês. Coloquem ela no sol, ela vai abrir. Depois coloquem ela num livro e fechem.

Agora vou escrever para vocês sobre a minha nova escola. Ela tem mil estudantes. Aqui não tem pré-escola. As escolas só tem 5 séries que correspondem aos 8 anos na Polônia. A nossa escola parece um palácio. Cada turma tem seu espaço para brincar. Em cada sala há piano e outros instrumentos musicais. Além disso, há um auditório para as crianças, onde a cada semana elas

fazem uma apresentação de teatro. Na escola também tem um grande parque, onde brincamos.

As pessoas aqui são boas. Certa vez, no caminho para escola, um menino me atacou e quis me bater. Ao ver isso, seu irmão mais velho veio correndo e encheu o irmão mais novo de porrada. Penso que se fosse na Polônia, um rapaz maior, era capaz ainda de ajudar seu irmão a bater em mim, porque sou judia. Aqui não há ódio aos judeus.

O Brasil talvez seja 20 vezes maior e mais bonito que a Polônia. A pouco tinha carnaval. Todas as pessoas estavam nas ruas dançando fantasiadas. A música tocava e as pessoas derramavam perfumes como se fosse água, jogavam serpentinas e outras coisas que vocês precisam conhecer.

Querida Salu! Peço que escreva pra mim. Mande uma carta pra você, mas esqueci de colocar o endereço. Somente escrevi no envelope: Varsóvia, Mokotów e seu nome.

Envio meus cumprimentos a todos os meus amigos e à professora do Ensino Fundamental nº 28.



12

OS PROFESSORES

Janusz não era propriamente um amigo dos professores, nem escrevia muitos textos para exaltar os méritos deles. Mas, estava interessado no que as crianças pensavam a respeito dos seus professores. Dessarte, desde os primeiros números do jornal, instigava as crianças a escreverem sobre as escolas e sobre seus professores. Em 1929, o jornal *Mały Przegląd*, publicou uma série de artigos sob o título *prima aprilis* que tratou das brincadeiras na escola por ocasião da data de primeiro de abril – Dia da Mentira.

Dia da Mentira

III

Nós nos divertimos muito no Dia da Mentira do ano passado. Compramos um talco para espalhar no ar e espirar – atchim. A nossa primeira aula era de história. A professora percebeu que o ar não estava muito bom na sala de aula. Ela se sentou à mesa e começou a fazer a chamada. A professora, tendo mencionado alguns nomes, começou a espirrar, as meninas riram.

Durante o recreio, o atual 6º ano, alfinetou um pedaço de papel num colega com um menino desenhado e a seguinte frase escrita: ele é um noivo.

Na segunda aula, organizamos um museu da natureza, porque era aula de biologia. Juntamos alguns galhos e umas palhas e colocamos numa garrafa como um buquê. A mesa – empurramos para longe da janela, e lá colocamos uma caneca transparente com florezinhas de salgueiro e vários outros raminhos. Era nosso aquário. Viramos a lata de lixo de cabeça para baixo. A professora nem ficou zangada, ela riu conosco. Depois ela quis desenhar uma planta no quadro, mas em vez do giz havia um pedaço de queijo.

Na terceira aula de geografia, viramos a mesa de cabeça para baixo, nos pés da mesa colocamos toalha da mesa de plástico, uma menina ficou de baixo da toalha de mesa de plástico. A professora, surpresa que a mesa parecia diferente, mexeu na toalha da mesa e em seguida nossa amiga saltou. A princípio, a professora se assustou depois riu também.

Na quarta aula, colocamos a lata de lixo sobre a mesa, a vestimos com um sobretudo, um chapéu e colocamos um guarda-chuva quebrado. A professora de polonês, ao ver essa figura, gritou: Por favor, desça da mesa: eu já estou farta dessas pegadinhas. Depois a professora olhou bem para o nosso personagem (ela era um pouco cega) e viu que era uma pegadinha nossa e deu risada da sua própria confusão.

III

O dia 1º de abril é dedicado às pegadinhas e às charadas. Nesse dia tudo é permitido fazer. Nos reunimos no vestiário e depois decidimos nos esconder (o vestiário é adjacente à sala de aula e você pode ver e ouvir tudo pelas frestas).

Com todas as pastas e mochilas escondidinhas no vestiário. Sino, o professor entrou na sala de aula. Olhou surpreso para a classe vazia e silenciosa e foi embora.

De repente, ouvimos os passos da coordenadora.

Pegamos as pastas e mochilas rapidamente nos sentamos nas carteiras como se nada tivesse acontecido.

A coordenadora e o professor entraram. Levantamo-nos. O professor olha para nós. A coordenadora olha para o professor. Nós gritamos: Dia da Mentira! Começamos a rir. A coordenadora e o professor riram também.

Anos mais tarde, a editora do Jornal, Naomi, após ler algumas cartas, resolveu emitir sua opinião a respeito do que pensava sobre os professores e assim escreveu.

Professores

Estou escrevendo impressionado com os nossos professores – e em geral, pelas correspondências dos alunos que surgiu na nossa caixa de correio. Li duas cartas e fiquei impressionada com seu tom de amabilidade. Fiquei impressionado com os professores que tem tantos afazeres escolares e não-escolares, respondem as perguntas mais banais.

Novamente penso no relacionamento mútuo entre professores e estudantes. Cada um de nós conhece diferentes tipos de professores. Eu normalmente não tenho grande respeito por eles, crítico dou risada, falo mal. E parece que cada um de nós faz um pouco disso. No entanto, os covardes somos nós, que esperamos deles atos heroicos, quase sobre-humanos: não podem errar, nem pecar. Podemos ter dor de cabeça, ser rudes, estarmos preocupados com os nossos problemas, impacientes ou tristes. Eles não; eles devem ter paciência, tolerância e serem bondosos.

Nós podemos não fazer as atividades ou não vir a escola. Eles vêm frequentemente pra escola, mesmo com febre. Nós queremos que eles cantem como “gênios” – mas eles devem escutar as nossas respostas mais estupidas. Fora isso, eles precisam atender o diretor e os pais. Pelo fato de não sermos responsáveis; eles também são responsáveis por nós. Precisam atender as ordens do diretor que vem da secretaria da educação.

Eles precisam resistir aos ataques dos pais e até da sociedade como um todo. Todo mundo quer se meter na educação e dar suas opiniões. Enfim, eles precisam atender a tudo isso.

É uma profissão difícil, mas muito importante. É preciso fazer com que os alunos saibam sobre tudo o que aconteceu no passado. Não podem ensinar como grandes estudiosos e escritores pensaram no passado, sem antes estudar para nós ensinar.

Há diferentes tipos de professores: alguns isolados na aldeia da Polésia e isolados do mundo, lutam contra o analfabetismo em condições deploráveis. Eles são, sem exagero, os pioneiros da cultura. A escada do conhecimento sobe cada vez mais alto e no último degrau dela estão os professores que possuem os conhecimentos mais complexos e difíceis. Quando eu penso, sobre a escala do alfabeto até a teoria da relatividade. Eu sinto profundo respeito pela palavra: professor.

Salek de Lublin, publicou em 1935, sobre a postura dos professores em seu último dia de aula do ginásio, o dia da entrega dos certificados finais, que a partir de então representaria uma vida nova, fora da escola.

Os frutos

Tivemos uma última aula de língua polonesa. Durante a aula — cochichamos — talvez venha o nosso professor e entregue os nossos diplomas.

O tempo estava bom. O professor estava perto da janela e provavelmente também pensava que essa aula não fazia mais sentido para ninguém. Pois, de repente,

ele se virou para nós, pediu que fechássemos os livros e começou a perguntar a todos, o que iríamos fazer depois da formatura.

Um disse que vai frequentar o ensino médio na cidade porque o pai dele é secretário municipal. O segundo revelou que irá à escola de artesanato em Łomża. O terceiro irá a Palestina; o quarto para a casa do tio que dará trabalho no seu comércio, etc. Eu, com mais dois amigos, decidimos ir a Varsóvia.

Eu estava sentado na mesa e sonhava com a capital. Sabia que o diploma será bom, mas será que é suficiente? O sinal tocou. O professor disse adeus para nós. Entrou o nosso professor representante com os certificados na mão. Lentamente os colocou na mesa e com uma voz séria começou a falar:

— *Hazorym be'dyma, berina ikeoru!!!*

Pausa. Silêncio. O professor começou a explicar o significado desse provérbio; que não se trata apenas de semear e colher, mas do trabalho em geral. Aqueles alunos — falava o professor — que trabalharam durante todo o ano, estudaram, fizeram as lições de casa, agora vão colher os frutos do seu trabalho pelos seus diplomas. Todavia, aqueles que por longo tempo não fizeram nada, que ficaram ociosos, importunaram pessoas, perturbaram nas aulas — verão seus frutos serem miseráveis. Apesar disso — terminou — não devemos nos preocupar muito, pois com boa vontade podemos superar todas as dificuldades.

E começou a distribuir os diplomas. 15 diplomas distribuídos — nenhum som de choro. Que estranho! Mas logo apareceram resultados ruins e houve choro, gritos, espasmos das meninas, reclamações e desespero.

O nosso professor nos desejou boas férias e foi embora. O bate-papo começou.

— Isso não é tão terrível. No ano passado, até 15 pessoas reprovaram — disseram os estudantes que acharam as frutas doces, conforme as palavras do professor.

— Eu adoraria comer alguma fruta doce — gabava-se Jakób que repetia o ano.

— Heniek, você tem um certificado cheio de dezenas, coloque-o na água e você terá água de frutas.

— Estes são frutos morais — respondeu Heniek — Você pode emoldurá-lo para admirá-lo na parede, morrendo de fome, porque eles não dão nenhuma proteína ao nosso corpo.

Nós ficamos no fundo do poço por um longo tempo (não mais este da sabedoria, mas o do quintal), brincando e revelando nossos planos para o futuro. O mundo se aproximou de nós e ficou atrás o velho, antigamente verde, o portão da escola.

Quando dei por mim, me senti como um homem que tinha perdido um amigo e ainda não tinha encontrado outro.



13

A EMIGRAÇÃO

Ao escrever um livro, cujo título trata das cartas enviadas para Varsóvia, escritas na língua polonesa, conseqüentemente algumas delas vão tratar dos processos de emigração, uma vez que cartas de outros países somavam-se a cada ano, dada a intensificação do antissemitismo que repercutia na acentuada necessidade de deixar o país. Assim, escolhemos algumas cartas encaminhadas de diferentes países por crianças que mesmo distantes, continuavam colaborando com seus escritos, como foi o caso de Rosa e Lonia, que escreveram contando como foi sua viagem ao Brasil, o estabelecimento e a escola em Porto Alegre.

Querida Cesia!

Informamos que estamos bem de saúde graças a Deus. A viagem para o Brasil foi muito interessante. O Brasil é muito difícil. Assim que entramos no navio, começamos a ficar com enjoo. Três dias ficamos deitados completamente imóveis, sem comida e sem nada - nem mesmo a cabeça se podia levantar.

No quarto dia estava um pouco melhor, então subimos ao convés e podemos ver diferentes vistas do mar. Durante a noite, a música tocava e os mais velhos dançavam. Quando estava nublado, esperávamos por livros. Passamos os dias assim até chegarmos à capital de Brasil, Rio de Janeiro. Lá nós embarcamos num segundo navio. Esse navio menor foi completamente para outro lado. Eles só davam comida duas vezes por dia, o espaço era pequeno e sujo, na cozinha, eram as pessoas negras que preparavam a comida na sujeira. Dormir era ainda pior do que comer. Graças a Deus isso já passou. Agora estamos indo na escola! Estamos nós familiarizando com uma nova língua. Quando nos lembramos da nossa partida de Varsóvia, lamentamos e choramos porque sabemos que não vamos nos ver mais. Carrego uma

culpa tão grande porque não consegui me despedir de todos os meus amigos. Nossa escola está localizada em uma única sala. Há muitas crianças. As aulas começam às 9 horas e terminam às 12 horas. Mas durante todo esse tempo não há nenhuma pausa. Estamos na escola como se estivéssemos em uma prisão. Daí você já pode imaginar que escola é, você pode vir a hora que quiser. Nós estamos no 3º ano. Não ganhamos nenhuma lição para fazer em casa, isso nada nos agrada. No começo, não sentimos tanta falta, mas agora sentimos saudades da escola e dos amigos.

E então, quais são as principais diversões em Varsóvia agora? São as mesmas das outras cidades menores?

Bem, aqui é a mesma coisa. Rio de Janeiro é uma cidade divertida para passar um tempo, mas aqui em Porto Alegre é muito triste. Temos que abraçar todos na escola, conhecidos e estranhos. Temos que beijar nosso tutor e de longe todos os professores. Também temos que cumprimentar o inspetor e as senhoras da limpeza.

Nós nunca teríamos acreditado que estivéssemos tão distantes de vocês. Pedimos que se vocês aprenderem versos bonitos na escola, escrevam num pedaço de papel e mandem pra nós, ou recortem algumas coisas do jornal *Mały Przegląd* e também nos encaminhem. Escrevam quem reprovou e quais são as professoras que estão dando aulas pra vocês neste ano.

Gieni e Ida mandam um abraço. Ficamos esperando pela resposta.

Obs [do jornal]. Da redação. Das três cartas de Rosa e Loni, escolhemos uma para publicar no jornal. As três cartas serão entregues como lembrança para Cesia.

As cartas do Brasil foram encaminhadas nominalmente para umas das editoras do jornal, à monitora Cesia e uma delas foi publicada no jornal na primeira sexta-feira de dezembro de 1928.

Minhas lembranças

(...)

Finalmente chegou o grande dia – 7 de setembro! - chegamos (navegando) em Londres.

A bordo do navio havia vários jogos, brincadeiras e concertos, e os oficiais me apresentaram todas as repartições do navio. Eu tinha comigo um diário fantástico, emoldurado em couro, chamado: “Minha viagem para o exterior”, onde tentava escrever diariamente. Contudo, passava alguns dias e eu esquecia, outros, quando não acontecia algo interessante eu deixava as folhas vazias.

Quando chegamos a Londres, aí sim – quanta multidão por aqui! Foi por pouco que um carro não bateu em nós. Me assustei, achei que minha mãe seria atropelada. Porém, o guarda sinalizou travessia e atravessamos a rua sem nenhum acidente. A Guarda em Londres é muito educada com seus capacetes gigantes abotoados embaixo do queixo, e os punhos brancos com listras azuis nas mangas. A polícia londrinense não carrega revólveres. Pensei que era algo extraordinário. Perguntei a um deles, se não tinha medo de andar sem nenhum revólver, caso acontecesse alguma coisa. Respondeu-me que não, que as pessoas sempre se comportam e por isso não há muitos homicídios ou latrocínios como em Nova York, onde a polícia anda armada.

Fomos ao cais e vimos o nosso navio com carga de roupa e leite que estava se preparando para dar partida à Grécia.

Aproveitamos também para ir até a Torre de Londres onde ficam guardadas as jóias da Coroa Britânica e na porta os vigias estavam vestidos como se fossem a uma festa à fantasia.

Scotland Yard é uma organização maravilhosa que administra o Museu do Crime. Se eu pudesse passar o ano inteiro lá, assistindo as exposições de vários delitos, desde martelos de ferro até anéis que portavam veneno. Umas cordas e uns revólveres, uns bastões e várias máquinas mortíferas – Nossa, que coleção!!!

A mãezinha – assim como as donas têm por hábito – foi fazer compras. É uma loja que se chama “Wolność” (Liberdade) que na verdade não é tão americana, e há muitas coisas orientais e bonitas. Também há o grande magazine Selfridges e que parece completamente inglês: lá, servem chá aos clientes – parece ser meio americano. Anunciam que tem todos os tipos de produtos – “desde agulhas até elefantes”. Uma vez um cliente pediu: - “1/4 de plugas” – e eles providenciaram.

Em Londres, por pouco não enlouqueci por causa do trânsito. Imaginem – tem que andar pelo lado esquerdo da rua. Cada vez quando partíamos de carro, eu fechava os olhos porque parece que a toda hora iríamos bater em alguém.

De Londres fomos a Paris. Eu queria chegar em Paris voando num grande aeroplano da empresa Handley Page Aircraft Company, mas mamãe não queria, portanto, fomos pela ferrovia e depois, no canal, pegamos o navio, e novamente pela ferrovia até Paris, onde até as crianças falavam francês. Eu não entendi quase nada e conseguia dizer apenas: parlez-vous (você fala?) e merci (obrigado), mas só isso não ajudou muito.

A pessoas em Paris nem de perto são tão corteses como os londrinos, dão risadas dos guardas que usam barba e uniformes azuis-marinhos. Naturalmente, nem todos têm barbas, porém nunca vi um sem bigode. Em geral, são gentis, mas, a multidão de pessoas amassou o carro em que estávamos para deslocar-se até o hotel e quebraram os para-brisas. Papai enfureceu-se e quando chegamos no Hotel Crillon, me carregou nos ombros para atravessar a multidão, dois agentes da guarda impediram as pessoas para deixarem mamãe passar.

Em Roma, tivemos uma audiência particular com a santidade máxima, o Papa que conversou comigo e apertou minha mão, me deu benção especial e uma medalhinha de prata que vou guardar até o fim da minha vida. Também nos encontramos com Senhor Mussolini que também apertou minha mão e agradeceu. Não faço ideia porque isso, penso que eles me viram no cinema e me acharam engraçado.

De Roma partimos a Brindisi e lá embarcamos no navio para Pireu, uma cidade portuária. O mar estava bravo... Me alegrei, quando nossa viagem de navio acabou. Em Atenas, aonde chegamos depois de uma hora de trem, pensei que seríamos assassinados pela multidão, contudo aquilo era só a maneira deles expressarem sua alegria e apreciação pela carga da comida, leite e roupa. Posso escrever um livro sobre as coisas que eu vi em Atenas. Na Acrópole, chegou uma multidão de pessoas, rezei lá, também rezavam outras pessoas, soprava um forte vendaval com areia e poeira.

De Atenas, depois da distribuição da roupa e do leite às várias organizações filantrópicas e orfanatos, partimos a Budapeste, Viena, Berlim, Genebra e de novo a Paris.

Ai, que tempos gostosos! Ganhamos muitos presentes. Enviamos à casa 6 (Dom Sierot) vários pacotes de presentes, recebidos de várias pessoas dos vários lugares. Navegamos para a América em 11 de novembro – ficamos no bom e velho Los Angeles. Somente agora passadas cinco ou seis semanas, me dei conta de quanta coisa maravilhosa aconteceu.

Tel-Aviv

Quem chega à Palestina, visita principalmente Tel- Aviv. As ruas e quadras são muito bonitas e até o barulho dos carros e carinhos é agradável ao ouvido. Tel-Aviv é a única cidade em todo o mundo, que é tudo completamente em hebraico: o prefeito da cidade e os funcionários públicos, policiais e comandantes da polícia - todos eles são judeus. Todos os anúncios e letreiros acima das farmácias, lojas e hotéis são em hebraico. Todos os regulamentos governamentais são em hebraico. Não existem palavras para descrever quão bonita e legal é esta cidade. Venha e veja por si mesmo.

Szachar - estudante do segundo ano da escola Real em Tel-Aviv.

De Varsóvia para o México

12 de novembro

Vou lembrar deste dia por muito tempo, porque partimos de Varsóvia. Na estação ferroviária havia muitos familiares e amigos. Vieram também umas amigas da minha irmã mais velha. Dos meus amigos veio um único, o Jurek.

Despedimo-nos cordialmente de todos. Recebemos um monte de presentes para a nossa viagem, chocolates, dois enormes buquês de flores e uns livros. Estou sentado no vagão da segunda classe do expresso internacional Moscou-Varsóvia-Berlim-Paris. Temos que abrir os bombons, porque a alfândega vai tomar de nós na fronteira.

Está tarde. No vagão há camas dobráveis que durante o dia servem como bancos. Não dormi até a uma hora da manhã. Somente quando o trem partiu de Poznań, adormeci e acordei no território alemão. Ao entrar nas cabines, os funcionários dizem Guten Morgen (Bom dia). Aqui as estradas de asfalto são lisas como um tapete – as casas das aldeias são erguidas com tijolos a vista. Muitas casas têm antena de rádio. Não consigo ver bem as paisagens, porque o trem está se locomovendo com a velocidade de 80 quilômetros por hora.

Passámos pela estação Frankfurt an der Oder e já estamos em Berlim. Na estação, esperávamos por um familiar que iria nos acolher em sua casa enquanto esperávamos para a próxima embarcação.

Berlim - é uma cidade grande e linda. Há mais de dez mil carros, cem linhas de bonde e cinquenta de ônibus. Carruagens de cavalos não há. Há belos parques, jardins e edifícios de oito andares. Ainda bem que sei um pouco de alemão, senão poderia me dar mal por aqui. Os berlinenses são muito limpos e pontuais. Moram aqui cinco milhões de habitantes, cinco vezes mais do que em Varsóvia. A lista telefônica tem mais de mil páginas de letras minúsculas.

As pessoas são feias e seus pés são enormes. Por exemplo: em uma loja vi uma mulher experimentando sapatos do tamanho 43 e ainda não serviam.

Andei de metrô – trem subterrâneo. Entrámos pela rua abaixo em um andar subterrâneo. Comprámos bilhetes lá. O trem andava por um túnel estreito. Fomos até o Karstadt. É um enorme armazém comercial. Possui doze andares para cima e três para baixo. No térreo, localiza-se a estação de metrô...

O edifício é maravilhoso. Na seção de alimentos, há legumes, presuntos, frutas – poderia se alimentar toda Berlim com tudo aquilo que está ali para vender.

De jeito nenhum usámos uma escada simples e qualquer. Pode-se escolher uma das mais de dez escadas rolantes. Escada rolantes assim são organizadas, que anda sozinha de cima para baixo quando alguém pisar nela. Quando o degrau, no qual se está alcança certo andar, desce-se dela. No último andar mais, há uma floricultura e um terraço, de onde pode-se ver toda Berlim. Prédios como este existem muitos em Berlim, mas há também menores e não tão elegantes. Fizemos compras e fomos para casa, novamente com o trem subterrâneo.

Berlim

Berlim fica lindíssima à noite. Milhares de luzes, outdoors refletindo no asfalto molhado. Os prédios, onde encontram-se os cinemas, são todos iluminados de cima para baixo. Aqui nas ruas não têm nenhum papelzinho, nenhuma pedra sobressaindo e nenhum buraco na calçada. Todas as ruas são pavimentadas e iluminadas.

A moeda é esta: 1 marco alemão divide-se em 100 fênigues e custa 2 zlotys i 20 grosz. Há mais carros privados do que táxis. Na frente de cada casa, há um jardim. Cada prédio tem um elevador e as escadas são pavimentadas. Cada apartamento possui aspirador de pô.

Hamburgo

Estou em Hamburgo, onde chegamos em 4 horas. Viajava conosco a esposa do familiar que nos hospedou em Berlim. Foi a única que se despediu de nós quando partimos de navio. Em Hamburgo, ficamos em um hotel. É uma cidade grande e linda, com dois milhões de habitantes. Atravessam a cidade dois rios: Elba e Alster. Aqui existem muitos belos jardins, fileiras de mansões, entre elas, a do Duque Zeppelin.

No bairro velho da cidade estão localizados canais estreitos e casas velhas acima deles. O edifício da prefeitura é muito bacana. Há um túnel que começa num lado do Elba, segue debaixo da água, debaixo de todo o rio, e termina na outra margem. Chegam ao túnel grandes elevadores de ar que são transferidos para debaixo da terra por canos grandes.

Luzes lindas refletem sobre o rio - parece uma iluminação. Hamburgo é muito mais interessante que Berlim. Várias associações de navegação têm suas sedes aqui, encontram-se também muitas docas portuárias. À noite andam pelas ruas marinheiros bêbados e cantam canções grosseiras. Visitei o Jardim Zoológico de Hamburgo. É um jardim enorme, organizado e uma forma que os animais tenham uma sensação de liberdade. O terreno destinado aos ursos brancos, é caracterizado por uma paisagem polar, e os papagaios lindos e atrevidos estão como se fossem numa floresta subtropical. Vi pinguins preto e brancos - que aves engraçadas. Parecem senhores vestidos de casaca e quando os assustamos, afastem-se lentamente com esmero. As azas deles são muito curtas para que possam voar. São belas as zebras listradas em sua forma parecidas com cavalos.

Cangurus cinzas pulam de forma engraçada. Andar não podem, porque suas pernas da frente são mais curtas do que as de trás. Vi girafas com pescoços mega compridos. Quando querem pegar algo do chão, precisam baixar a cabeça e estender as pernas para os lados. Grandes elefantes cinzas têm trombas longas e presas brancas brilhantes.

Adeus Europa

Despedi-me da Europa ao bordo do navio Rio Panuco. O porto não se encontra no litoral, contudo na beira do Elba, mas o rio é tão largo que os navios livremente chegam ao porto. Rio Panuco é um pequeno e belo navio. Possui somente primeira e segunda classe. As camas estão fixadas uma em cima da outra. Há espaço para fumantes e um clube onde joga-se cartas ou leitura.

Dentro do porto há enormes guindastes que levam mercadorias a bordo. Os marinheiros vestem chapéus com o nome da associação Ocean Linie escrito. No total, há um capitão, cinco oficiais e vinte marinheiros.

Na segunda classe, há doze garçons e um oberstewart (o comandante). No porto um cargueiro, aparentemente é um polonês, pois gritou: Do widzenia! (em polonês: Até nos vermos!)

A bordo estão quase exclusivamente alemães. Há também uns húngaros, búlgaros, franceses e belgas. Poloneses também tem alguns. Muito simpáticos. O mar é lindo. Atravessámos o Canal da Mancha, passámos por Boulogne. Aqui embarcou mais um polonês. Ultrapassaram-nos muitas embarcações. Passámos ao lado de uma ilha inglesa (Wight). À tarde estivamos em Southampton.

O mar

Teve uma tempestade no Atlântico. O navio balançava tanto que parecia que ia virar de ponta pro ar. Fiquei três dias vomitando, sem comer, nem saber se era dia ou noite. Na mesma posição encontravam-se outros passageiros. Estavam deitados nos seus quartos e queixavam-se: “Ah, que este maldito navio afunde logo e que isso tudo acabe!”

Depois de três dias já podia ir ao bordo, mas precisava deitar-me numa espreguiçadeira. Depois de cinco dias fiquei sano, mas o mar continuava inquieto. Outros passageiros ainda passavam mal.

As refeições duravam muito tempo porque toda hora as cadeiras se afastavam das mesas e era preciso esperar até a próxima onda para elas regressarem as mesas e podermos continuar comendo. As mesas eram fixadas com parafusos. Mesmo assim, muita coisa caía e se quebrava. Por causa desta tempestade, atrasamo-nos dois dias. Passámos pelos Açores. Têm um farol lá. Depois o mar acalmou-se. O tempo melhorou.

30 de novembro – calor. O sol brilhava. A bordo estenderam um pano. Ontem à noite teve um baile na primeira classe. Exibiram as bandeiras de todos os países, a polonesa também. Os passageiros dançavam e bebiam champanhe.

Preciso atrasar meu relógio, senão a meia noite irá cair no pôr do sol. Teve um baile de máscaras. Fantasias lindíssimas. Do mastro caiu um marinheiro e quebrou seu braço.

6 de dezembro – Hoje, para o café da manhã, serviram laranjas verdes, as quais come-se somente por causa do suco. É preciso colocar açúcar, apertar com uma colher e tomar o suco. Elas são muito grandes, poderia espremê-la num copo inteiro ou mais. Passou do nosso lado um navio comercial. Vimos baleias. São enormes e sopram água até um metro de altura. Novamente, foram organizados dois bailes. O último na ocasião de chegada à América.

Um calor horrível. Foi aberta a piscina da embarcação – é pequena e rasa. De vez em quando, a água salgada nojenta entra na boca. É mesmo gostoso mergulhar em água fria durante os calores de dezembro. Nós passámos por uma ilha. Tinha poucos habitantes. Crescem só palmeiras e grama. Ao lado de uma das ilhas havia um navio vazio. As Ilhas Bahamas pertencem à Inglaterra.

Na última noite, tivemos jantar e baile de despedida. O calor continua terrível. A cada quinze minutos eu tirava uma peça de roupa, até ficar só de bermuda de ginástica. Navegávamos muito lentamente, porque o capitão não quer chegar ao porto no domingo, pelo fato de que nos fins de semana, custa para mais caro para o navio aportar.

Havana

10 de dezembro – Ainda está noite, mas as estrelas empalideceram. Dá para ver o porto. Há um farol. Saí com a mãe, a Gienia e a Fredzia e mais umas dezenas de passageiros. Chegámos ao litoral com uma lancha. Assim que saímos do barco, fomos rodeados por moleques bronzeados cubanos, oferecendo coisinhas para comprar, comprarmos algumas coisas.

Havana é menor do que Varsóvia, mas têm carros lindos que nunca tinha visto em Varsóvia. Os cubanos e as cubanas são pretos. Muito lindo é o parlamento. Existem muitas manufaturas de charutos. A riqueza é devida aos charutos e a riqueza devido a sua beleza.

Vimos um bairro maravilhoso com pequenos palácios, como se fossem “As mil e uma noites”. Descrever simplesmente não dá. Eles pertencem aos fabricantes de charutos.

Fazia bastante calor, mas eles vestem-se de maneira muito quente. Dizem que estão ainda no inverno. Imagino o que será aqui no verão. Os senhores compravam charutos. Nós também levámos um pacote para o paizinho. 25 charutos, custavam um dólar. Em Varsóvia, um charuto custa 3 złoty. Fotografámo-nos com uma mansão ao fundo, depois regressámos para o porto e o navio.

Lá estavam estacionados navios: um alemão, um francês, um americano e um espanhol. Todo o dia doía-me a cabeça, era tão quente. Vimos peixes voadores. São muito pequenos. De vez em quando pulam em cima da água e escondem-se de novo. Em Havana embarcaram dois cubanos.

Para o México

Está muito quente e no navio tudo é de ferro e lata. Me queimo quando toco qualquer coisa. A mãe já arrumou os travesseiros na mala, porque amanhã vamos chegar no destino. Eu botei o cobertor debaixo da cabeça. Chegámos à Vera Cruz. Antes de nós deixarem descer, verificaram todos os papéis. No porto esperava o paizinho. Fizeram também uma revisão.

Vera Cruz é um porto muito grande, mas a cidade é suja e feia. Calor, então tudo é construído para que o ar possa circular. Os mexicanos são muito gentis. No nosso hotel, toda a parede é virada para a rua, aberta: os bondes também têm os lados abertos.

O nosso hotel chama-se México (leia: Méhico). É o mais elegante da cidade, mas é também muito sujo. Acomodaram-se aqui todos os amigos que fizemos no navio. Do Rio Panuco, desceram quase todos os passageiros, somente uns ainda vão até Tampico.

Em cima das camas há mosquiteiros pendurados contra mosquitos. A moeda é esta: 1 peso – 100 centavos e é igual aos 4 zloty e 40 grosz. As frutas são muito baratas. Os sapatos limpa-se na rua.

13 de dezembro – planejávamos partir hoje, mas andar no dia 13, sexta-feira é bem perigoso. Os trabalhadores ferroviários estão de greve, então fomos com uma outra linha. O trem é muito feio. Ao andar vi cactos, palmeiras, campos e nelas tropeiros montados a cavalo com chapéus grandes.

A estrada é linda. Atravessa-se montanhas e túneis. Nos túneis fecha-se as janelas. Embarcámos de tarde e chegámos de manhã à Cidade de México. Terminou a viagem.

Cartas da Palestina

I.

Meus queridos!

Não fiquem zangados comigo por não ter escrito há tempo. Já vou explicar por que isso aconteceu.

Saí de Varsóvia na segunda-feira, - estava viajando toda a semana. Vocês almoçaram 7 vezes e jantaram 7 vezes e eu ainda estava indo e indo.

Primeiramente, viajei pela ferrovia por uma parte da Polônia, depois pela Tchecoslováquia, Áustria e Itália. Em Trieste, embarquei no navio e novamente pela Itália, perto da Albânia e Grécia, até o porto na Palestina. Mas o mar estava violento, inquieto, ondas tão grandes levantavam o navio que não conseguimos chegar a Jaffa, e por isso a viagem demorou mais um dia, desembarcamos no porto de Haifa. O navio não pôde chegar exatamente ao porto, porque a água lá é muito rasa. Então, eles nos buscaram de barco.

Noite escura, a chuva está caindo. Não pensem que a chuva é como a de vocês. Grandes, fortes e pesadas gotas batem, latejam, golpeiam as paredes do navio. Com tanta chuva, um homem gordo fica molhado em um minuto, um garoto pequeno em meio minuto. Então esta chuva bate nos barcos e eles vão e vêm, os barcos são conduzidos por árabes. Eles falam tanto!!! Mesmo que quatro frotas brigassem, não haveria tanto barulho como fazem esses árabes. Eles gritam, rugem e carregam ferozmente as nossas malas e nós mesmos para o barco. Escuro, um aguaceiro e um grito feroz de boas-vindas à Palestina.

Mas no dia seguinte o sol estava lindo, esquentava como em maio, o mar azul e estranho, um mundo estranho. Judeus policiais, judeus condutores nas ferrovias, judeus são funcionários nos correios, judeus pedreiros constroem casas, judeus nos campos. Letreiros hebraicos em todos os lugares. Árabes de todas as cores de pele: preto, marrom, amarelo e vermelho. Vestidos de formas diferentes, mas principalmente com os pés descalços. E essas pernas!

Ańdzia e Josek podem ficar com ciúmes, porque aqui ninguém manda lavar os pés. Camelos com expressões estúpidos trabalham com seriedade e dignidade. Mas os burros pequenos são os mais numerosos - eles carregam pessoas, sacos, cestos pesados e caixas. Lamento muito não poder enviar laranjas para vocês. Depois da última tempestade, ficaram mais baratas e hoje se pode comprar por um centavo. Pensa só: com um pão de Varsóvia, se pode obter 10 laranjas aqui. E a halva aqui custa três vezes menos do que em Varsóvia, então os trabalhadores a comem com pão. Só custa muito tempo para essas laranjas e tangerinas crescerem. É preciso esperar seis anos antes que a árvore plantada dê frutos para comer. Frydman, que antigamente quando criança morava em Varsóvia, agora um jardineiro alto, me mostrou quanto trabalho é preciso para uma arvorezinha crescer bem. Ainda lá, onde ele trabalha é bom, porque tem água. Eles precisaram cavar 60 metros para debaixo da terra e perfurar, antes que a água saísse. Mas nos lugres onde não tem água, a compram e carregam devagarinho, como um tesouro para não derramar, como o vinho mais caro. No entanto, após 6 anos, quando a arvorezinha está coberta de frutas, ela fica dourada de laranjas. Uma pequena árvore tem mais laranjas do que a maior macieira na Polônia. Estou saudando todos e quem quiser, me escreva.

II.

Aqui na nossa aldeia, em Ben-Shemen, celebra-se lindamente o Shabat Shalom. Todos as 150 pessoas sentam-se ao redor da mesa na maior sala de jantar. Está quase escuro, mas não se acendem as luzes. Abre-se uma parede para um quarto adjacente, onde alguém está tocando violino e piano. Silenciosamente. Todos estão ouvindo e sentados calmamente, embora na mesa estejam postos

cestos de laranjas e halva. Mais tarde em coro, num único som, todos cantam não em voz alta. Pequenos e grandes, meninas e meninos. O professor conta um conto de fadas sobre um menino que procurava luz. Conta lindamente, como se não falasse sozinho, mas como se três pessoas apresentassem a estória. Depois, música e canto de novo. Está completamente escuro agora. O sábado já passou, mas a noite ainda é livre, então, se acendem todas as luzes e se pode dançar um pouco mais até o jantar - a polca palestina, e naturalmente “hore”. Mas é apertado dançar numa sala pequena, então, em vez de um grande círculo, eles dançam separadamente entre 2 ou 3 pares. Mas pra que uma grande sala de dança, quando se precisa dela só para os 2 meses de chuva e pelos 10 próximos meses se pode dançar lá fora, no campo, na rua à beira-mar. E agora estão se banhando no mar - calor - na praia durante o dia é muito quente, mas à noite faz frio e por isso é chamado aqui de inverno. E depois do sábado, eles vão para a escola com boa vontade. É difícil ser preguiçoso aqui - todo mundo trabalha. E as crianças veem como os adultos trabalham duro. Eu vou nas aulas da I e II classe, porque é mais fácil para mim entender o que eles dizem em hebraico. Na primeira classe, o mais velho tem 6 anos e meio. Agora estamos confeccionando nas aulas chapéus e máscaras para a festa de Purim. Você pode não querer fazer, mas não pode ser preguiçoso. Há xadrez e damas na prateleira. Quem acabou o trabalho, joga xadrez. Este é o jogo favorito deles. Gostei muito dos seus trabalhos: desenhos recortados, vitrais e calendários. Enquanto a professora explica na primeira classe o que significava a neve na foto de Binem Heller, um menino de 7 anos gritou:

– Que bom que não temos essa neve! O que seriam das amendoeiras? Não teríamos amêndoas.

As crianças do jardim de infância ganharam uma boneca. Elas ficaram muito felizes. Chamaram a boneca de Sara. Tive que contar a eles sobre vocês: em que casa vocês moram e quais brinquedos vocês têm. Uma menina de quatro anos desenhou esta boneca e eu estou mandando o desenho para vocês. Estou morando em Ein-Harod, há uma semana em uma casinha, é uma casa de madeira sem piso. Pássaros e insetos entram voando através dos buracos na parede e corajosamente governam nosso quarto com toda ousadia. As portas nas casas de aldeia não têm fechaduras, nada nunca se fecha e nunca nada se perde. Pela janela se pode ver o céu, assim, com que você sonhou, Pinkus - diferente de todo mundo. Um azul profundo durante o dia e cheio de estrelas à noite. Às vezes, antes de adormecer, se pode ouvir os gritos dos chacais. Choram como crianças pequenas, ou os guizos dos camelos voltando às aldeias árabes. Quando vem uma caravana (uma longa fila de camelos), um burrinho anda sempre na frente e conduz todos. É por isso que se diz:- Burro na frente.

III.

Realmente não sei como explicar isso para vocês. Se eu escrever que aqui tudo está florescendo verde e colorido, talvez vocês se lembrem das nossas arvorezinhas de sabugueiro, quando germinam na primavera. Ou dos nossos vasos de flores na sacada em maio. Não, aqui, floresce outra coisa o ano todo, tomates, rabanetes, laranjas e muitas outras plantas até duas vezes por ano. Agora os prados estão vermelhos de papoulas, o campo está azul de flores. Aqui, o cereal é verde e no pomar, os damascos rosas florescem nas árvores. Não é à toa que as árvores crescem tão rápido, pois têm um ano inteiro para isso, não como em nosso lugar, durante a curta primavera e

verão. Os cactos, que vocês têm em vasos, são altos aqui, como um humano adulto. Os árabes fazem uma cerca espinhenta com eles - o maior ladino não se atreveria passar por ela. Mas quando o vento está soprando, ele espalha os espinhos afiados do cacto e frequentemente machuca os olhos dos árabes. E também por isso que eles são grandes porcalhões. Há muitos árabes cegos.

Vou falar agora sobre as crianças judias. Elas são grandes, saudáveis e fortes. Porque também bebem óleo de peixe. A maioria bebe 10 gramas duas vezes por dia e vocês deveriam beber 15 gramas uma vez e apesar disso deixam de fazer.

Quase como cuidam das crianças, cuidam dos animais. Aqui é bom para as vacas, galinhas e abelhas. O estábulo e os galinheiros são espaçosos, claros e limpos. Como as galinhas são lavadas, alimentadas, mimadas e tratadas aqui! Mas não pensem que essa galinha está chocando seus lindos, grandes e brancos ovos.

As pessoas olharam o que e como uma galinha faz para chocar um pintinho e construíram uma máquina enorme. Coloca-se 600-800 ovos numa caixa grande, aquece, vira, guarda os ovos e, após três semanas de trabalho exata, 500-700 ou mais pintinhos saem dos ovos.

Vocês escreveram na última carta sobre os ensaios para uma apresentação na festa de Purim. Aqui em Purim dura 3 dias. Então tive tempo para ver como eles celebram na cidade e no campo. Quando ouvi os tiros de pistolas e munições de revólveres, fiquei um pouco triste. Lembrei-me de Josek e Heniek, os quais para não cair na tentação de atirar, me deram seus revólveres para guardá-los e eu os tranquei em uma gaveta.

IV.

- Temos colmeias no jardim. Muitas. Gosto de ver como se lida com elas. Uma senhora cuida das abelhas - Rache! é o nome dela, - ela me empresta a máscara e me fala sobre as abelhas. Conta coisas interessantes, às vezes, muito engraçadas. Mais e melhor do que nos livros da escola. Essas abelhinhas são tão inteligentes. Pelo cheiro, usando só o aroma, vão encontrar o caminho para sua colmeia a uma distância de três quilômetros. Elas chegaram até aqui por conta própria. E como reconhecem as cores! Se você despejar água fresca nas caixas de cores diferentes e colocá-las na janela, as abelhas nunca vão chegar às pretas. Elas gostam mais do amarelo e do azul e o preto as irrita muito. Não se chega até elas com um avental preto - elas ficam muito bravas. O pior é quando não há flores suficientes no campo e no jardim, quando sentem que não terão tempo suficiente para preparar as reservas de mel para o inverno. Então elas ficam furiosas. E no outono, as pessoas são mais picadas por elas. E elas não tem pena, cravam um ferrão essas abelhas zangadas - dói e incha. Depois de soltar o ferrão elas se encolhem até as entranhas e morrem. - Tem seu castigo.

Uma vez, Rachel me disse: - as abelhas viviam selvagens num país quente, na Índia. Moravam livremente nos galhos das árvores. E quando foram trazidos para a Europa, começaram a ser criados em ocas e em colmeias escuras.

Mas agora as pessoas pensam: - Por que tiramos o sol das abelhas?

Estão construídos cada vez mais estábulos melhores, chiqueiros e galinheiros- com janelas, se cuida mais

dos animais. Então os cavalos trabalham melhor, as vacas produzem mais leite, as galinhas põem mais ovos. Por isso fazem janelas nas colmeias também para que as abelhas tenham o sol a que estão habituadas na sua terra natal. E as abelhas são mais saudáveis, fortes, trabalham melhor e não ficam tão irritadas quando moram em colmeias claras.

Para Rachel também será mais confortável, porque quando ela olha pela janela, já sabe se está tudo bem na colmeia. Não tem que abrir a colmeia, afinal isso irrita as abelhas. Mesmo porque a colmeia não pode ser aberta por mais de 2 minutos, é difícil ver tudo.

O Navio

Morávamos numa casa de veraneio. Todas as minhas amigas se reuniam na nossa vila para brincar. Havia Eitka, Maniusia com o irmãozinho e Judyta que morava com a gente na vila. Um dia desses, estávamos planejando de que poderíamos brincar.

Havia duas carroças um pouco mais adiante, uma ao lado da outra. Decidimos brincar de navio.

Brincamos de navio com destino à África. As carroças se transformaram em navio e nós estávamos viajando. Aí um menino chegou. Josek, muito mais velho do que nós e concordou em ser o comandante.

Durante a viagem, foram muitas as aventuras. O comandante puxou um cepo e empurrou para a gente. Isso era uma baleia. Saltamos do navio e começamos a fugir. Maniusia estava se afogando, tivemos que salvar ela, continuamos nadando e a baleia continuou nos perseguindo.

E então, (apareceu o cachorro do síndico), imaginamos que ele era o cachorro do tripulante e matou a baleia. Depois, nos deparamos com uma rocha e o navio naufragou. Chegou um bote para nós salvar, sentamos e ficamos circulando até um navio chegar para nós levar daqui. Finalmente, o navio chegou. (Josek puxou a segunda carroça) e finalmente embarcamos no outro navio.

Enfim, chegamos à África. Fomos atravessar o deserto, quando fomos atacados por animais selvagens e tivemos que lutar contra eles. Quando chegamos às aldeias, não conseguimos nos comunicar com as pessoas. Em seguida, voltamos à Polônia trazendo um elefante domesticado. (O cachorro foi nosso elefante). Já estávamos perto do destino, quando o navio naufragou novamente e voltamos nadando para a Polônia.

E assim acabou a brincadeira.

Lido

Se algum de vocês chegar por volta das 10 horas, na rua Rivadegli Schiavoni, próximo à praça de São Marcos, em Veneza, terá uma vista estranha. Você verá milhares de pessoas, despidas com pacotes debaixo do braço, correndo para a estação Vaporino. Uma pessoa ingênua pode pensar que está ocorrendo uma manifestação, uma colônia de nudismo ou algum evento semelhante. Bem, não é isso. Todo mundo está indo para o Lido.

Lido é uma ilha a dez minutos de Veneza viajando com Vaporetto, com uma praia badalada - um dos lugares favoritos de Croesus de todo o mundo. Embora eu ainda não seja um desses senhores, a compra de uma

passagem me dá o direito de invadir o quartel-general dos milionários. Lá vamos nós... O Vaporetto não é muito espaçoso, tem um convés inferior e outro superior, mas a multidão é enorme. Sol e água... é magnético, que atrai a sociedade internacional. As conversas, como em toda Veneza, ocorrem em todas as línguas possíveis. A cada momento, gargalhadas irrompem, a jovem fraternidade se regozijando em suas vidas. A estrada passa pelo Canale Grande. Devido ao baixo nível da água, o Vaporetto dirige pelo zigzague mais amplo ao longo de duas fileiras de corrimão que apontam para lugares mais profundos. Passamos por palácios ainda magníficos, erguendo-se dos dois lados do canal. Eles apresentam uma visão um pouco engraçada. Isso parece como que um elegante cavalheiro de smoking entrou em uma tigela de água. Vocês imaginam um palácio alto imerso na água. Não só isso: existem trilhos das portas luxuosas que conduzem diretamente para a entrada do canal.

Aparentemente, um turista que esteve aqui uma vez perguntou se houve alguma inundação recente em Veneza. Nós estamos lá no local. Ouve-se um barulho terrível. O navio está reduzindo. Agora, um dos trabalhadores da marina está jogando uma corda no Vaporetto, o condutor a prende a uma estaca de ferro e o barco é rebocado até a costa.

– Saia...

A multidão variporetto é derramada como uma onda larga. Todo mundo se apressa em uma direção diferente. Fui deixado sozinho.

– Quo vadis, Davide? – me pergunto.

Há um bonde no Lido, mas prefiro ser um vagabundo a pé. Então, estou caminhando ao lado de um beco largo, ricamente florido. Existem praias à esquerda e hotéis à direita. São os belos palácios que são as verdadeiras maravilhas da arquitetura. Seria bom conhecer ainda mais Lido, porém, a medida que o meio-dia se aproxima, torna se mais e mais calor. Vou para a praia então. Aqui, no entanto, surge uma dificuldade de natureza financeira. Há muitas praias e os preços também são muito altos. Depois de uma longa busca, finalmente encontro uma pequena praia, onde posso relaxar a um preço acessível por três liras a hora. Bem, o que posso fazer?

Momentos depois, o correspondente italiano de *Mały Przegląd*, veste o traje de banho para continuar a viagem. Logo no início, ele concluía que a praia do Lido é muito diferente de lugares semelhantes à beira do rio Vístula. Nós, estamos acostumados em despir se num banheiro e depois corremos felizes para a praia, expondo nossos corpos pálidos aos raios do sol, como se fosse pela primeira vez. Os grupos são formados, jogando futebol com entusiasmo e outros jogos não menos sérios. Aqui, no entanto, toda a vida está delimitada às áreas das cabines extensas, correspondendo a um quatinho com um alpendre, que se estendem por três fileiras ao longo da praia, paralelas à costa do mar. Os preços destas cabines variam dependendo da posição: o primeiro custa mais, depois o segundo, finalmente o terceiro mais barato. Também decide voluntariamente em que lado queria ficar no Lido. Por exemplo, uma cabana na primeira fila na praia perto do Hotel Excelsior custa apenas vinte liras (10 PLN) por hora. Bem, cada família aluga uma cabine assim, e raramente vai além de recinto dela. Enfim, cada macaco no seu galho.

Por ora o Lido está quieto e calmo. Vamos adiante: cada cabana é uma nova família como diz um velho provérbio. É preciso agora ter muito cuidado para não pisar em nenhum ser humano deitado na areia olhando devotamente para o sol. Está ficando cada vez mais quente. Valeria a pena um banho. Ah, certo, existe um mar... Então vamos dar uma olhada nele também. Que decepção. Acontece que é simplesmente água que sobe e desce (aqui deveria haver uma descrição maravilhosa de como o sol brinca alegremente com as ondas, mas desejo poupar aos leitores tormentos desnecessários. Entro o píer, isto é, uma ponte de concreto, ao longo de 50 m, que leva ao mar. Um momento de hesitação, então salto na água. Nessa ocasião, meu corpo tomou contato com o mar pela primeira vez.

Se eu fiquei muito satisfeito com ele, não direi isso. Em primeiro lugar, bebi alguns litros de água salgada, em segundo lugar, as ondas começaram a balançar-me e quase me perdi, ou melhor, quase boiei para Riga. Somente agora eu entendi o grande tormento pelo qual os judeus passaram - ao cruzar o Mar Vermelho.

No entanto, não é hora de banhar quando a obrigação chama. Eu me vesti e prossegui. Desta maneira chego ao hotel Excelsior, o maior do Lido, onde está acontecendo uma exibição de filmes. É difícil descrever todo o esplendor deste hotel. Isso pode parecer o palácio das mil e uma noites. Este hotel poderia servir de tema para inúmeras romances. Pois aqui hospedam-se todas as personagens famosas que aparecem no Lido. E então, no ano passado, foi aqui que Jan Kiepura, Marta Eggerth, Marjon Davies, Kay Francis e um bando inteiro de artistas italianos passaram.

Também havia os milionários. Então eu vi com os meus próprios olhos, Randolphe Hearst, a quem pertence a maior parte da imprensa americana. Ele ocupava um apartamento de seis cômodos, pagava trezentas liras por dia (150 zlotys) e, além dos seus próprios criados, tinha à disposição dois copeiros, duas empregadas e duas cozinheiras. O Creso Segundo, o rei americano do óleo, Bloch, mantinha contato telefônico constante com a América.

A variedade de pessoas que se espalhavam pelo saguão do hotel Excelsior era enorme. Então vimos algumas excêntricas francesas, constantemente desfilando com maiô e um enorme cachorro ao seu lado, alguma americana com um macaco no ombro e outras criaturas humanas, com as quais Deus não poupou dinheiro, mas poupou com a mente deles. Toda esta irmandade leva uma vida despreocupada, a crise para os poucos deles não existe... Sai fora. Quão levemente é respirar depois da atmosfera abafada do hotel. O anoitecer já está caindo. O disco do sol dourado se esconde no fundo do mar. Há silêncio. É fofo... O homem começa a sonhar. Sonha que a crise não existe, mas que o mundo é para todos...

Viagem para a América do Sul

Por fim, ancoramos em Buenos Aires. Buenos Aires é uma cidade maravilhosa, grande e bonita. O lugar mais bonito de Buenos Aires é provavelmente o Parque de Palermo, que possui fontes coloridas com muitas flores lindas, palmeiras, em geral, um milagre. De Buenos Aires, viajamos de trem por 78 horas até La Paz, capital da Bolívia. La Paz é a capital mais alta do mundo chamada de “telhado do mundo” localizada nas terras altas,

rodeada por montanhas (Andy - Cordillera) com um tom de rosa. Uma dessas montanhas é chamada de Illimani e tem um topo nevado. Quando o sol está se pondo, você pode ver seu topo prateado com um brilho vermelho e amarelo. Branco e índio vivem na Bolívia. As mulheres indígenas se vestem de uma forma extraordinariamente colorida: vestem vários lenços com fundo plissado, um sobre o outro e cada um de uma cor diferente, vermelho, verde, centaurea, amarelo, laranja, etc. As blusas têm cores diferentes. No verso, lenços coloridos. A moradora de La Paz quando tem um filho pequeno, coloca nas costas em um saco colorido. Eles também carregam itens para vender nessas bolsas. Eles têm tranças longas, pretas e lisas e na cabeça usam bolas altas. Vou para a escola. Eu fui para o meu quarto ano. Agora há férias e verão aqui. No meu grupo, há meninas de oito a dez anos e meio. Estou apenas no meio porque tenho 9 anos. Estou aprendendo espanhol e inglês. Sim, a Bolívia é um país muito interessante e exótico! -

Domingo em Paris

- Nove horas da manhã. Em meu requintado apartamento, no quarto andar da pensão de Madame Bonnet (tout confort! - com todo o conforto!), há um silêncio imperturbável. Me desculpem - perturbá-los pelo meu leve ronco. Afinal, o domingo é apenas um em uma semana e, embora, não reste muito pouco tempo antes dos exames, às vezes também é preciso dormir! Fui subitamente despertado, dos meus felizes esquecimentos dos grandes volumes de roteiros ainda não lidos, por uma batida brusca na porta. A batida foi tão forte que foi impossível fingir por mais de dois minutos que não se

ouviu nada. Portanto, murmurei não muito alto e num tom não muito encorajador: -Entre! A porta se abriu e Kai ficou na entrada. O Kai é pequeno em altura e tem os olhos enviesados. Ele é chinês e um dos rapazes mais simpáticos que eu conheço. Realmente gosto muito dele. Mas desta vez eu não tive o menor desejo de vê-lo. Deixe-me em paz - rosnei antes que ele pudesse abrir a boca. - Quero dormir e pronto.

Kai me olhou gentilmente e com um encolher de ombros, dirigiu-se de volta a porta.

Espere! Para onde você vai? – Gritei.

Se você quiser dormir, durma! Me retrucou.

...Mas a sonolência já me havia deixado completamente. Diga-me! Por que você veio aqui? - perguntei, deslizando hesitantemente uma perna para fora do edredom.

Vamos conhecer Paris! - sugeriu Kai sem nenhuma iniciativa.

– Tinha vergonha de admitir, mas na verdade, além do Bairro Latino, ainda não vimos nada. Era a mais pura verdade. Kai e eu estávamos ambos em Paris, pela primeira vez. Cada um de nós, ao chegar, se instalou imediatamente no Quartier Latin, o bairro estudantil de Paris e quase não metemos o nariz para fora de casa durante todo o inverno.

Explicaram-nos que toda a vida estudantil estava centrada nesse maravilhoso bairro boêmio. Tínhamos tudo aqui: universidade, cafés, cinemas, amigos - o que mais precisa um estudante para ser feliz? A propósito, viver em Paris e não saber nada sobre a cidade - é uma vergonha. Portanto, a princípio, não me importei com a

proposta da Kai. Mas mais por decência do que por convicção - disse: Está bem... Mas, porém, temos que estudar....Kai olhou para mim com pena, depois se dirigiu novamente para a porta.

Espere, idiota! - eu rugi - Para onde você vai novamente? Você quer estudar - Kai explicou suavemente. Kai, como convém a um chinês, nunca se zanga. Ele é sempre irritantemente educado e, ao mesmo tempo, tem o hábito insuportável de levar a sério tudo o que é dito. Assim, rapidamente, e de maneira nada parecida com os costumes chineses, contei-lhe o que pensava dele e com uma agitada pressa comecei a me vestir. Após dez minutos já estávamos descendo as escadas do quarto andar da pensão. No primeiro andar encontramos Atylla e Ilonka, que vinham ao meu encontro. (Atylla e Ilonka são húngaros - daí seus nomes estranhos para os nossos ouvidos). Conheciam Paris - ou melhor, não o conheciam - assim como nós, portanto, quando souberam do propósito do nosso passeio, ficaram felizes e se juntar a nós.

- Por onde começamos? - Perguntei.

- Do café da manhã - respondeu Kai brevemente.

- Ainda não comi nada e estou com muita fome. Aceito por unanimidade - anunciou Atylla. Depois de um tempo estávamos em um pequeno "bistrô" no balcão e bebíamos - de pé, porque era mais barato - café branco e os pãezinhos mais saborosos do mundo - croissants. Depois de sair do bistrô, paramos indecisos.

Vamos ao Jardim do Luxemburgo - sugeriu Ilonka.

Que bobagem! Nós o conhecemos como a palma de nossa mão! - Protestei. O Jardim de Luxemburgo está

localizado no Bairro Latino e estudamos frequentemente pelos seus becos. Mas Ilonka insistiu e tivemos que dar lugar a ela, como única menina do grupo. Passeamos por vielas inundadas pelo sol de junho, vimos crianças lançando pequenos veleiros na lagoa, e com a permissão silenciosa de Ilonka, saímos novamente para a rua. Não muito longe do jardim há o café mais popular do Quartier Latin, que todo parisiense conhece, nem que seja por sinais de propaganda: Chez Dupont tout est bon (no Dupont - este é o nome do proprietário do lugar - aqui tudo está bom). Ao ver o olhar ansioso lançado por Atylla no agora café, eu disse apressadamente: Proponho agora pegar o metrô e ir para o Louvre.

Você está louco? - Ilonka ficou indignada - Você não pode ir ao Louvre com uma perna só. Para ver realmente algo, você tem que ir lá todos os dias durante alguns meses!

Portanto, como nunca conseguiremos fazer isso, vamos dar uma olhada nos salões dele. Pense, Ilonka, como vai se apresentar diante de sua família em Budapeste e admitir que não esteve no Louvre! O argumento foi devastador. Depois de um tempo, já estávamos sentados no metrô, nos dirigindo ao Louvre.



14

AS FORÇAS
ARMADAS

A ascensão do nacionalismo após a I Guerra Mundial aumentou o desejo pela expansão dos governos e territórios e da defesa dos mesmos, fazendo com que cada vez mais cidadãos civis tivessem interesse pelo alistamento na carreira militar para a defesa da nação e da pátria. Destarte, a atuação das forças armadas não ficou de fora do jornal *Mały Przegląd*, como a demonstração das forças aéreas em Varsóvia no distrito de Pole Mokotowski e a marcha do exército em frente ao Grande Teatro. Ademais, encontramos um artigo do correspondente da Escócia, Teodor Lewitte que escreveu sobre a celebração pela paz, ocorrida em 11 de novembro de 1937, realizada por 4 mil estudantes na Universidade de Edimburgo.

A semana de L.O.P.P.*

*** Forças aéreas da Polônia - uma organização para-militar que funcionou na Polônia até a Segunda Guerra Mundial.**

Acordei e em seguida olhei para fora da janela. A manhã estava bonita. O céu, como se estivesse preparado para uma grande festa, se desfez das nuvens, mesmo as mais leves. O fundo azul-cristalino lembrou a primavera.

Na manhã de setembro tão lindo fui com a delegação da nossa escola para o bairro de Pole Mokotowski.

A multidão de pessoas, crescia a cada minuto no aeroporto. As arquibancadas já estavam lotadas. A polícia pedestre teve problemas com a manutenção da ordem. Cada um pressionava para ir mais pra frente, nas primeiros filas, para poder assistir melhor.

Começaram as acrobacias.

O avião, fugindo do grupo de pessoas que o rodeavam, se arrastava em linha reta como uma mariposa grande

na grama verde, depois as suas asas sobiam em direção ao céu, se ouvia o ronco do motor e o avião decolava da terra. Começava a dançar no ar, desenhando círculos e fazendo o contorno do oito, caía como uma folha levada pelo vento e em seguida voltava a subir.

Em seguida esvoaça tão levemente como um borboleta e de novo voava agilmente como um pássaro, só o motor fazia barulho.

O avião deslizava no ar ficando mais baixo, mais perto da terra e finalmente tocava a pista do aeroporto com suas rodas. Os aplausos, os aplausos eram ensurdecedores.

O retorno do exército

Eu me levantei depois das nove horas de manhã. Não consegui vencer para ir à escola, então passei voando diretamente pelo *Plac Teatralny* (Praça Teatral). O céu parecia cinzento, as nuvens estavam pálidas como se fossem congeladas. As nuvens tão pálidas nunca anunciavam algo bom. Não importa. “Há de ser nada”. Porém, a chuva começou a cair sem parar. As pessoas abriram os guarda-chuvas.

Enxugando o rosto com um lenço, corri da *Rua Senatorska* até *Plac Teatralny*. Lá estava um policial perigoso e ameaçador. Talvez ele não me deixe entrar? Mas, sem nenhum problema, deixou.

Tropas militares começaram a marchar em frente ao edifício de Grande Teatro. As delegações com estandartes ficaram perto de colunas dos edifícios teatrais, as delegações de jovens ficaram nos terraços do primeiro andar do teatro.

Às 12:30, o prefeito da cidade Stefan Starzyński saudou as tropas. Depois de posicionarem as armas, os militares foram presenteados com as flores, cestas decorativas e um quadro que retrata a entrega do bastão para o Marechal Śmigły-Rydz.

Uma chuva de flores caiu sobre as tropas que retornavam à capital.

11 de novembro em Edimburgo

(Correspondência da Escócia)

O dia 11 de novembro é celebrado de diferentes formas nos diferentes países. Isso depende não somente da situação daquele país ou estado no tempo de cessar-fogo, mas também do caráter nacional e da atual situação política. O desafio que escolhi foi descrever a tomada de atitude dos jovens acadêmicos na Escócia em relação à ideia de paz e aproximação internacional.

No dia 11 de novembro, no maravilhoso pátio da Universidade de Edimburgo juntaram-se 4000 estudantes para honrar com três minutos de silêncio a lembrança dos mortos nos campos de batalha, adicionando um tijolo ao monumento de construção pela paz. Os 4000 estudantes de gênero feminino e masculino são representantes de diferentes raças, nacionalidades e religiões. Começando com ingleses, escoceses, galeses e irlandeses, e todas as raças negras desde os mais claros aos muito escuros, como chineses, indianos, árabes e americanos e todos os representantes da Europa (do norte ao sul, do leste ao oeste), todos estão em pé com as cabeças elevadas, unidos pela alma da fraternidade e igualdade, alma de comunhão e liberdade.

O reitor da universidade em sua roupa solene e todos os professores usando togas e barretes ficaram em pé na frente do magnífico prédio em silêncio. Finalmente, ressoou o tiro de um canhão, saindo do castelo antigo dos Reis da Escócia e com este sinal levantamos as cabeças e durante três minutos ficamos braço a braço em completo silêncio. Novamente, ressoou o tiro de canhão e no palco apareceu o reitor da universidade, e ao lado dele um alto padre escocês que fez uma saudação para nós. Uma vez mais as paredes antigas da universidade escutaram as palavras fortes, mas simples que manifestaram o sentido de amor fraternal nos corações dos ouvintes.

O azul sem manchas do céu, os dourados raios do sol de novembro estranhamente harmonizaram-se com o som puro de um conteúdo muito simples e claro para todos. E talvez por causa desta companhia misturada, o verdadeiro encontro dos jovens do mundo todo, talvez exatamente esta mobilização me influenciava, que eu me senti ser alguém diferente, uma pessoa melhor, que pela primeira vez entendi o sentido da frase “alma elevada”. Novamente acreditei na paz mundial e no fato, que todo mundo é irmão, que o mal passará, o mundo se constituirá em gentileza, fraternidade, liberdade e igualdade. A palavra “paz” significará solidez infinita e a palavra “guerra” de uma vez por todas será eliminada.

O curso dos meus pensamentos foi interrompido com uma palavra “amém” dita pelo padre. Quatro soldados do exército escocês em seus vestuários nacionais tomaram as gaitas de foles e ressoaram os sons da marcha fúnebre do exército de Reino Unido. Os nossos ouvidos, que não eram habituados a escuta das gaitas de foles, pressentiram alguns rangidos numa melodia flutuante e poderosa.

E um pouco assim, com um pouco de medo de que novos perigos interrompesse a homenagem de paz.

Novamente os músicos das gaitas de foles tomaram seus instrumentos e começaram as palavras do hino inglês “God save the King”. O que é interessante é que a primeira palavra que aparece no hino da potência mais poderosa é exatamente “God” - Deus.

A curta homenagem da academia terminou. As pessoas começaram a movimentar-se, aumentaram as conversas e discussões. Cada um de nós pregou na lapela uma flor de papoula vermelha com uma inscrição: peace (paz). Estas palavras, pois, florescem nas covas das centenas de soldados da Grã-Bretanha, mortos nos campos das grandes batalhas. Vermelho com longo caule, cresce hoje em dia, na terra dos túmulos, espalhando-se no mundo todo e o seu vermelho, o símbolo de sangue derramado, não chama a vingança, mas traz a memória que basta de massacres, basta de ódio – que este seja o último vermelho.



15

**FÁBULAS,
IMAGINAÇÃO
E FANTASIA**

Adepto da escrita, literatura e teatro, Janusz Korczak também buscou na fábula, na imaginação e na fantasia uma forma das crianças e adolescentes não deixarem de sonhar por um mundo melhor do que aquele que elas já conheciam, ou como verbalizamos em algum momento, uma forma das crianças e adolescentes “esperançarem” suas vidas. Nos artigos publicados pelo jornal, especialmente aqueles publicados por pseudônimos, como o da “caixa mágica” escrito sob o pseudônimo de Paul Roger consta que eram fábulas escritas pelos próprios editores do jornal, que visavam sobretudo, passar diferentes conhecimentos de uma forma cativante aos seus leitores, os quais reverberassem nas emoções possibilitando que sonhassem, mas que também trouxessem sabedorias às suas vidas.

Passeio noturno

Fomos fazer um passeio durante a noite. Fomos à floresta. De longe, víamos uma nuvem escura. Do outro lado, a lua estava brilhando lindamente. Começaram a surgir as luzes das cabanas. Por fim, a parede negra da floresta. Ela parecia arrepiante. Eram 8 horas e deveríamos estar de volta à meia-noite. Quando entramos na floresta, pensei que era um sonho. Tive uma impressão meio estranha. Medo, mas agradável. Eu aconcheguei-me na minha amiga e fechei os olhos. Talvez algum bandido surja e dispare algum tiro? Chegamos à clareira, começamos a cantar. Sentei-me no cobertor e escutei as canções. A lua nos espiava entre as árvores. Começamos a dançar. Rememoramos o livro sobre as ninfas e deusas das águas (rusalki). Talvez agora as ninfas estejam rapidamente boiando. Continuamos nossa jornada. De repente, avistamos uma linda e pequena colina. Sentamo-nos e cantamos de novo. Os pássaros, acordados pelos nossos gritos, choramingavam baixinho. Finalmente fomos para casa. Pegamos os biscoitos,

tiramos os casacos e fechamos os olhos. As árvores ainda deliravam na minha cabeça. Eu não me arrependo nenhum um pouco porque fiz uma viagem noturna, embora estive com medo.

Salmon

a captura de Belzebu

Quando Salmon decidiu construir um santuário para o Senhor, ele reuniu os velhos e sábios de Israel e assim falou:

– Eu trouxe enormes rochas para estabelecer os alicerces do templo. E agora me digam, com o que devo cortar as pedras para torná-las lisas, já que Deus ordenou através de Moisés:

– Não as alisem com ferro.

E os velhos disseram:

– Ouvimos dizer que há um bichinho no mundo, que Deus criou às vésperas de sábado e que tem um poder milagroso. Ele consegue rachar rochas com a força do seu pequeno corpo. Agora é preciso procurar esse bichinho e quando o senhor o colocar em cima de uma rocha, a rocha irá rachar-se em um instante. Não foi o que Becalel fez?

Em seguida, o rei pergunta:

– E onde está este bichinho Szamir?

– Nós também não sabemos – responderam os velhos. Talvez os demônios saibam.

Então o rei dirigiu-se aos demônios:

- Onde vive Szamir?
- Não sabemos - responderam.
- Talvez o nosso rei Belzebu saiba. Ele vive na montanha da escuridão.

Nessa montanha tem um poço, coberto por uma enorme pedra e selado com o selo do Belzebu. Sempre que o Belzebu volta de suas viagens à terra, examina primeiro o selo se está intacto, depois quebra-o, remove a pedra e mata sua sede. Em seguida, cobre o poço de novo, sela-o e vai embora. É assim que ele sempre faz.

Salmon chamou o seu comandante leal Bnaja ben Jehojada e deu a ele um amuleto de ferro com o poder milagroso e um anel sagrado. Instruiu-o em como tratar disso e mandou-o trazer Belzebu a todo custo. Bnaja ben Jehojada foi para a montanha indicada. O poço estava selado. Belzebu não estava lá. Bnaja cavou apressadamente um buraco profundo abaixo do poço, conectou-o ao poço através de um cano, e assim trouxe toda a água do poço para o buraco. Depois colocou vinho no poço e fechou o buraco com areia. Em seguida, subiu numa árvore para esperar Belzebu.

E aí vem Belzebu. Ele era horrível. Tinha pés de galinha, uma barba de cabra e uma chama de fogo jorrava das suas narinas. Bnaja ficou assustado. No entanto, ele confiou no talismã que o rei lhe tinha dado. Belzebu aproximou-se do poço e descobriu que o selo estava intacto. Ele rolou a pedra e já queria beber, quando de repente sentiu que em vez de água, havia vinho. Belzebu ficou com raiva.

Não bebeu. Sentou-se em uma pedra, zangado, contorcendo-se. Mas, finalmente, ele foi dominado pela sede e empanturrou-se de vinho, ficou bêbado e adormeceu. A montanha estava tremendo – tão alto era o ronco de Belzebu.

Quando o Bnaja ouviu isso, saltou da árvore e algemou Belzebu.

Belzebu despertou. Olhou bem, minhas mãos estão algemadas. Ficou furioso e tentou rompê-las. Aí a Bnaja gritou:

– Eu te exorcizo em nome do Senhor.

Belzebu ficou em silêncio e obedientemente seguiu Bnaja.

Caixa mágica

Uma história semi-fantasiada

Quando eu tinha oito anos, os meus livros preferidos eram os contos mágicos. Ficava horas sentado entre os livros, dos quais conhecia cada palavra, de cor e salteado. A história da Cinderela me fazia chorar de pena e rir de alegria, tanto na décima leitura quanto na primeira. A qualquer hora do dia ou da noite, eu poderia ouvir os contos das incontáveis aventuras do Pequeno Polegar ou de João e Maria. Eu sonhava com as fadas que apareciam nos meus sonhos e devaneios. Às vezes, deitado na cama com os olhos bem abertos, eu pensava como seria bonito se, de repente, uma fada esbelta de cabelos loiros aparecesse diante de mim e dissesse com uma voz melodiosa:

– Diga-me menino, quais são seus três maiores desejos. Prometo-te que todos eles serão realizados.

Quando meus sonhos chegavam nesse ponto, a minha cabeça começava a matutar intensamente. Pois era necessário decidir o que pedir à boa fada. Obviamente, em primeiro lugar, uma nova bola de futebol. A velha estava furada e meu pai nunca teve dinheiro para uma bola nova. O segundo desejo também era evidente por si só: um monte de chocolate e de bolos com cobertura. E, claro, garantir boas notas na escola! Mas rapidamente cheguei à conclusão de que havia ainda muitas outras coisas que eu não havia incluído nos três desejos. Como: alguns novos selos; para que papai começasse a ganhar mais dinheiro; para que mamãe não adoecesse com tanta frequência... E agora: do que desistir e em que insistir? Após uma hora de reflexão e enrolação na minha cama, cheguei à conclusão de que seria melhor se nenhuma boa fada viesse e me pedisse para expressar meus maiores desejos. Entretanto, isto não significa que nos recantos mais íntimos de minha alma infantil não havia uma crença feroz em gnomos, duendes, elfos e anões.

Numa certa manhã de verão – bom pra estar no campo – meus pais saíram para um passeio, confiando-me aos cuidados da empregada Marcysia. Uma simpática garota, porém, sem nenhuma justificativa, ela decidiu que naquele dia era mais interessante e agradável passar seu tempo com uma amiga que morava na vizinhança em vez de cuidar de um “fedelho insuportável” e, como resultado, eu tive total liberdade de fazer o que queria durante todo o dia. Encantado com esta possibilidade, saí correndo do apartamento sem terminar meu café da manhã – e em frente a varanda, de repente paralisei:

diante de mim havia um gnomo, o mais real e o mais autêntico do mundo! Vestindo roupas pobres, com a barba por fazer e sujo, não muito mais alto do que eu. Numa das mãos segurava um pequeno pacote e com a outra, quando me viu, fez algum tipo de movimento como se fosse me saudar ou esconder seu rosto do sol. Eu fiquei tão comovido que não consegui pronunciar uma palavra. Assim, por alguns minutos estivemos frente a frente – eu e o gnomo – se olhando bem de perto. Enfim, perguntei com uma voz trêmula:

– O senhor é um feiticeiro, não é? Oh, você pode me dizer qualquer coisa, eu não direi nada a ninguém!

O estranho abriu bem os olhos, deu um passo para trás e coçou a cabeça como se estivesse confuso. Mas, depois de um tempinho seu rosto se iluminou.

– Mas se sua mãe sair e me ver...

– Não há ninguém em casa – eu lhe asseguro. – Até Marcysia saiu. Me fala, por favor, quem é o senhor!

Imediatamente, eu o convidei para sentar-se na varanda, servi-lhe um prato de morangos e depois, sem qualquer dificuldade, o gnomo me confessou que era o príncipe do país de Rosika e que seu nome era Roland. Por muitos anos, nada haveria de impedir-lhe sua felicidade. No entanto, recentemente, a tia dele, a fada Mimosa, decidiu conquistar o seu país. Então, durante a noite, ela o atacou com o seu poder mágico e atçou um feitiço convertendo-o em penas e penugens. Todos os cidadãos de Rosika, aterrorizados pela tia maligna, vieram para o lado dela e escafederam com o antigo rei pelos quatro ventos.

– E agora – acabou Roland, endireitou orgulhosamente seu pequeno semblante – o propósito da minha vida é voltar para Rosika e recuperar o meu antigo poder.

Eu o escutava prendendo meu fôlego. Minhas bochechas queimavam de emoção, minhas mãos tremiam. Uma palavra de Roland e eu estaria disposto a segui-lo e ajudá-lo a defender o seu trono. Mas, o gnomo não estava me oferecendo essa oportunidade. Quando não sobrou um único morango sequer no prato que lhe entreguei, ele se levantou do banco e anunciou solenemente:

– Ouça-me, garoto, você me mostrou mais coração e compreensão do que qualquer homem durante minha jornada até agora. Quero recompensá-lo por isso... Mas precisamos entrar em um quarto para que ninguém possa nos ver...

Comovido e ansioso, eu levei o convidado para dentro do quarto. Após dar uma rápida olhada em todos os objetos da casa, Roland sentou-se em uma cadeira e lentamente começou a desenrolar seu pequeno pacote. Depois de algum tempo, ele tirou uma pequena caixa. Colocou-a cuidadosamente sobre a mesa e disse-me:

– Agora, querido menino, deixe-me por alguns minutos. Devo lançar alguns poderes para tornar o meu presente útil para você. Você deverá voltar quando eu o chamar.

Assim, após alguns instantes, impacientemente esperando, olhei através do buraco da fechadura e fiquei surpreso por não ver mais o gnomo na cadeira ao lado da mesa. Finalmente, após mais alguns instantes, ouvi Roland me chamar. Roland estava sentado à mesa, como havia estado quando o deixei e segurava misteriosamente a caixa em suas mãos.

– Aproxime-se – disse suavemente. – Veja, eu lhe dou a caixa encantada. Qualquer coisa que você desejar, basta inclinar-se sobre ela e sussurrar o seu desejo e ele se realizará imediatamente. Agora devo ir — acrescentou ele, levando o pacote já amarrado sob o seu braço.

Encantado, eu olhava para o gnomo. Então agora eu poderia pedir não só os três desejos como imaginei em meus sonhos mais loucos, mas todos os que me vem à mente. É claro que não tinha dúvidas sobre o poder mágico de Roland, mas eu queria experimentar o poder da caixa na sua presença, só por precaução. Mas o gnomo não queria nem me ouvir falar sobre isso.

– Tal tentativa destruiria tudo! – declarou com firmeza. Ele pressionou o chapéu rasgado sobre suas orelhas, apertou mais forte o pacote e se foi num instante.

Eu fiquei sozinho. Não largando o precioso presente das minhas mãos, sentei-me na varanda. É claro, meu primeiro pensamento foi tentar o poder mágico da caixa. De acordo com as instruções de Roland, inclinei-me sobre a caixa e depois de pensar por um minuto, sussurrei:

– Quero uma barra de chocolate meio amargo com nozes!

A caixa nem cedeu: abri cuidadosamente a tampa. Consegui abri-la sem qualquer dificuldade, revelando-se seu interior sujo. Repeti a tentativa mais uma vez, novamente sem sucesso. Depois de dez minutos eu desisti das nozes, e depois das outras cinco tentativas eu só pedi um biscoito pequeno. Mesmo o doce mais medíocre não saiu da caixa. Quando Marcysia retornou de sua visita à vizinha, ela encontrou-me afogando em lágrimas, agarrado à caixa mágica com toda minha força.

Ela me encheu de perguntas e é claro, não consegui nenhuma resposta de mim. Foi naquele dia que eu deixei de acreditar em gnomos.

Por fim, eu esqueceria sobre a coisa mais importante. Quando os meus pais voltaram do passeio, notaram em seguida pela falta do relógio de ouro e algumas outras bugigangas da casa. Eu contei aos meus pais tudo nos menores detalhes. Eles riam tanto que até esqueceram da falta do relógio. E eu me encontrava sentado no canto, todo vermelho, chorando pela perda da minha crença em fantasias...



16

OS ANIMAIS

Sob o olhar das crianças, a vida dos animais estava constantemente referenciada nos escritos de *Mały Przegląd*, especialmente quando se encontravam muito próximos dos seus interlocutores, a quem muitas vezes eram estendidos os seus laços de amizade. Como podemos ver nos artigos abaixo. Entre as cartas, consta a crueldade para com os animais, como essa que ocorreu com a cachorra Sonia, mãe de Dziakuś, morta pelo seu próprio dono, sob a custódia de seus amigos.

Da triste morte da cachorra Sonia, publicado em maio de 1927, também encontramos a fábula do peixe voador, quando em agosto de 1939, foi publicada a história do peixe que suplicou ao Deus Jupiter por barbatanas para pelo menos uma vez na vida sentir a sensação dos pássaros.

Da vida dos cachorros

Aconteceu em Otwock. Comecei a escrever em agosto. Amik e Sonia são cachorros dóceis. Mas Kruk e Dziakuś são maus. Kruk é bravo e quieto: quando ele está prestes a morder, ele vem se esgueirando. Dziakuś não morde, porque tem apenas dois meses e meio de vida, mas quando alguém chega, ele late muito. Eu gosto mais de Amik, da Sonia e de Dziakuś do que de Kruk. O zelador é uma pessoa ruim porque ele matou Sonia, e quando os cachorros vão para o canil, ele os espanca sem piedade.

Há quatro cachorros em nosso quarteirão. O primeiro se chama Kruk. Ele é um cachorro grande preto com um pescoço branco. Esse cachorro é sorrateiro e preguiçoso. Ele é da raça vira-lata. A segunda é uma fêmea - seu nome é Sonia. Ela é de cor marrom. Esta é pequena, é uma cachorrinha pinscher. Suas orelhas são grandes. O terceiro é o filho de Sonia, que se parece com Kruk.

Seu nome é Dziakuś. Ele tem apenas dois meses e meio de vida. Dziakuś cavou um buraco e quando o perseguem, ele escapa para dentro da sua cova. O quarto é Amik, uma mistura de cães e lobos. Ele é de cor caramelo. Ele tem face e pernas gordas. Todos estes cachorros gostam muito uns dos outros. Kruk passa o dia todo preso em uma corrente; enquanto Sonia, Amik e Dziakuś ficam soltos.

Todos os dias Sonia vem e pula em cima de mim. Eu gosto de os acariciar. Uma vez, ao pé da casa do zelador, ouvi um grito estridente. Em seguida avistei uma coisa estranha: Amik estava deitado de costas, de um lado Kruk e do outro lado Sonia e Dziakuś. Kruk estava mordendo Amik, enquanto Sonia e Dziakuś estavam rosnando terrivelmente. A filha do zelador deteve Kruk e amarrou-o. Kruk saltou para dentro do canil e adormeceu.

Há dois cachorros na outra vila: Brytan e Lord. Eles vêm ao nosso condomínio e chamam Kruk com o latido. Kruk que fica deitado no corredor escuro de passagem, ao escutar, se levanta, lambe seu pelo, abaixa a cabeça e vai ao encontro dos visitantes. Saltitante ele se aproxima da cerca e eles latem, uns para os outros. Hoje, fechei os menores em casa e fui pra perto da cerca para mandar embora o Brytan e o Lord. Conforme eu ameaçava, eles começavam a ceder. Mas Kruk se esquivou de mim e correu de volta. Eu afastei Lord com um martelo. Em seguida, fiquei cercado pelos dois lados. Eu comecei a afastá-los. O filho do zelador sai e acorrentou o Kruk. À noite, pedi ao zelador que liberasse o Kruk e aproveitei para passear pelo bairro com ele. Na volta quando me aproximei de seu canil - ele pulou em cima de mim e esticou suas patas grandes.

Esta manhã, Sonia estava deitada debaixo de uma árvore, eu comecei a acariciá-la. De repente, Amik veio correndo, então para evitar ciúmes, comecei a acariciá-lo também. A ciumenta Sonia começou a rosnar, por isso eu voltei a acariciá-la e ela se deitou de barriga para cima.

O filho mais novo do zelador é muito mau, ele pegou um pau e bateu na cabeça do Kruk. Hoje vi Sonia sentada no purgatório de Kruk, e Kruk não a deixou ir embora. Mas quando o Kruk se desconcentrou, Sonia fugiu. Kruk estava amarrado, por isso não podia correr atrás de Sonia. O Sr. Mietek colocou Sonia no depósito do prédio. Depois foi para casa. Fui até a janela dele e pedi-lhe que libertasse Sonia. Então, ele me deixou tirar Sonia do depósito. Eu vi sair uma Sonia entristecida. Sonia correu para o canil de Kruk, e Kruk não a deixou sair novamente. Sonia latiu para ele, mostrando seus pequenos dentes brancos. De repente, vi o zelador vindo em direção ao canil com um cordão. Pensei que ele ia bater no Kruk, mas eu estava errado. O zelador deixou Kruk em paz, mas tirou Sonia do canil, fez uma espécie de colarinho de corda e caminhou com Sonia em direção ao pátio. Sonia não queria ir porque definitivamente sabia o que lhe esperava. O zelador devolveu o cordão à filha, tirou uma barra de ferro do galinheiro e foi com Sonia em direção à cerca. Sonia se arrastou pelo caminho, sentindo o que a esperava. Vi a filha do zelador virar a cabeça para longe. Eu perguntei o que seu pai faria com Sonia, mas ela não me respondeu. Achava que o zelador iria matá-la, então me afastei para evitar olhar. Dziakus estava deitado na grama, sem perceber que eles iriam matar sua mãe. Depois de um momento, ouvi um estalo que partiu os ossos. Cheguei ao lugar onde o zelador

tinha matado Sonia e vi Sonia deitada amarrada a uma árvore. A cabeça dela estava esmagada e o sangue estava jorrando de seu focinho. Ela ainda abanava seu rabo. O zelador levantou a cabeça dela, depois foi para um terreno baldio ao lado e cavou um buraco debaixo de um pé de ameixa. Ele voltou aonde havia matado Sonia, pegou-a pela perna traseira e caminhou em direção ao buraco. O zelador a jogou na cova e a enterrou. Todos fomos embora. O Kruk estava forçando a corrente e se soltasse ele morderia todos. Estava com sangue nos olhos. Até eu tinha medo de me aproximar dele. No fim do dia, Kruk correu com o nariz pressionado sobre o chão porque queria encontrar o túmulo de Sonia. Dois cachorros vieram correndo em direção ao nosso condomínio - Brytan e Lord, e eles morderam Kruk. O Kruk ficou irritado, pois suas feridas eram muito dolorosas. Dziakuś não se importava nada com sua mãe. O Kruk, após três horas de busca, encontrou o túmulo de Sonia, até mesmo começou a desenterrá-lo, mas foi expulso dali. Uma vez andando pelo condomínio, vi a zeladora sentada em um tronco e as meninas estavam de pé ao seu lado. Eu perguntei: Por que o zelador matou Sonia? e ela respondeu: “Eu não podia alimentá-la, afinal, tenho que alimentar o Kruk, o Amik e o Dziakuś de qualquer maneira”. A seus pés estava Amik. Eu comecei a acariciá-lo e ele tentou agarrar minha mão.

Um dia, ouvi um cão ladrando do lado de fora da cerca. Eu olhei na direção dela. Vi Brytan e Lord chamando por Kruk. Corri os olhos para ver onde estavam Dziakuś e Kruk e tentei afastar Brytan e Lord. O Kruk se levantou, avermelhou seu pelo, caminhou lentamente em direção

à cerca, levantou-se e com suas enormes patas alcançou a cerca. Os três cachorros, Brytan e Lord de um lado e Kruk do outro começaram a latir uns para os outros. O Dziakuś começou a latir também, de vez em quando pulando em cima de mim, depois pulando em cima de mim e ladrando para Brytan e Lord. Eu estava dizendo ao Dziakuś: “Dziakuś, leve-o daqui!” e ao Kruk: “Kruk, não se mexa! Pare de se mexer!”. Eu joguei uma pedra pela cerca, para que Brytan ou Lord se afastassem. Eu poderia atingi-los com ela. Os cachorros mantiveram uma distância decente. Eu coloquei um cipó na cerca para que quando Brytan se aproximasse, eu o atingisse, mas Brytan se aproximou e pegou meu cipó. Eu o manipulei e aproveitei para pegar uma mão de areia e jogar nos olhos de Brytan, ele fugiu e começou a latir pro Kruk. Me chamaram para o café da manhã. Enquanto caminhava em direção à varanda, vi Brytan indo embora. Eu senti medo porque o Brytan morde. Mas quando passou o susto, bati com o pé no chão e Brytan fugiu. Entrei pela varanda. Atrás de mim, o Dziakuś, de vez em quando, olhava e ladrava em direção ao Brytan e Lord. Sentei me na varanda, Dziakuś correu atrás de mim. Comecei a comer. O Dziakuś estava me observando. Joguei-lhe um pedaço de pão, ele comeu e lambeu-o. Joguei um pouco de suco de cereja no chão. Tomei meu café da manhã e saí com Dziakuś. O Kruk não ladrava mais em direção a Brytan e Lord.

Um dia, Lord veio correndo em direção do nosso condomínio. O filho do zelador notou isso e atirou-lhe uma varra grossa, mas falhou e não acertou. Eu não me afastei um pouco com meu estilingue, e disparei, Lord virou a cauda, e acertei sua orelha, rosnava, e fugia o mais rápido que podia. Caminhei em direção a casa do zelador.

Eu vi Amik acorrentado e uivando. Comecei a acariciá-lo e fazer cócegas. Em seguida, me afastei em direção à nossa varanda. Junto à varanda estava o Dziakuś. Após o almoço, saímos para passear.

Peixe voador

Existe um tipo de peixes, que pode voar por algum tempo porque eles estão equipados com um aparelho respiratório. Às vezes, eles pulam da água e voam para as árvores, quase sempre coqueiros. De onde vieram os “peixes voadores”? Conta a lenda que:

Há muitos, muitos séculos atrás, nenhum peixe tinha o privilégio de respirar na terra. Só na água os peixes se sentiam bem, mas quando algum deles subia sua boca acima do nível do rio ou mar, logo sentia que estava perdendo o fôlego. A situação parecia insuportável para um peixe jovem e ambicioso. Não conseguiam entender por que os pássaros e os demais animais podem viver e respirar na terra e o mesmo era impossível para os peixes. Fixava o olhar invejoso na superfície da água por horas e com certa inveja observava os pássaros com asas habilitadas cortando o ar. Finalmente um dia ousou e fez um grande pedido ao próprio Júpiter.

– Senhor todo poderoso Júpiter – suplicou, dobrando suas pequenas barbatanas em sinal de oração – nunca te pedi nada. Hoje, pela primeira vez na minha vida, estou suplicando por uma coisa: faça com que eu possa voar como um pássaro no ar. Dê-me asas, Senhor!

Júpiter cumpriu o pedido suplicante. De repente, o peixinho notou que suas pequenas nadadeiras se ampliaram

e se alargaram até atingir o comprimento do seu corpo. Contente, alargou suas novas nadadeiras - asas, e para sua alegria indescritível - ascendeu no ar. Ah, que prazer finalmente escapar da água terrível! O peixinho olhava com orgulho para os pássaros que cruzavam seu caminho. Não precisa mais invejá-los, porque agora posso voar no ar tanto quanto eles!

Quando sentiu-se cansado, pousou em uma árvore. Fez mais alguns círculos e, um pouco cansado, decidiu que já havia voado o bastante pela primeira vez. Inebriado na alegria, ele voltou para o rio.

Na água, o primeiro peixe voador do mundo olhava com desprezo para seus antigos companheiros. Afinal, nenhum deles podia voar! Portanto não falava com ninguém, levantando orgulhosamente a boca. No dia seguinte, subiu no ar novamente, mas naquele dia não pode contar com tanta sorte quanto no dia anterior. Porque de alguma forma, uma enorme ave de rapina o avistou e o perseguiu até o deixar cansado. Caindo de cansaço, finalmente encontrou abrigo na água que tanto desprezava. Mas, aqui descobriu que também não estava completamente seguro. Porque seus antigos inimigos peixes, vendo-o exausto do voo, o atacavam mais ferozmente do que o normal, quando tinha que ficar constantemente atento.

A cada dia, o “peixe voador” se sentia mais infeliz e cansado. Enquanto voava, aves de rapina o perseguiam, quando voltava para a água, seus eternos inimigos peixes, dos quais não tinha força para defender-se, o atacavam.

Finalmente, o peixinho decidiu-se e fez novamente um pedido a Júpiter.

– Senhor todo poderoso Júpiter - tire minhas asas, para eu não ficar atentado a flutuar no ar. Não me deixe ser diferente de todos os meus irmãos. Desfaça o seu presente, Senhor!

Houve silêncio por um tempo. De repente, bem próximo do seu ouvido, o peixe ouviu uma voz fraca, embora poderosa:

– Saiba, peixe orgulhoso e insolente, que quando eu lhe dei asas, sabia perfeitamente que se tornariam uma maldição. Mas você mereceu essa lição porque não poderia agradecer com o que era destinado para sua família. Agora mantenha o que você pediu como punição!

E desde então, existem peixes voadores no mundo, que ocasionalmente emergem da água e respiram da mesma forma que todas as criaturas que vivem na terra.



17

REI MATEUZINHO I

Na fábula *Król Maciuś Pierwszy* (Rei Mateuzinho I), Korczak tratou do parlamento infantil quando as crianças protagonizaram o exercício da gestão democrática por meio da participação em assembleias, brigadas e conselhos. Após a morte dos pais, Mateuzinho se viu obrigado a governar um país com apenas 10 anos de idade. Inicialmente sentiu-se acuado pelos parlamentares adultos, mas mesmo criança, precisava enfrentá-los. Com ideias ousadas, enfrentara vários dilemas especialmente com o mundo adulto. O livro, também conhecido como uma espécie de *Peter Pan* polonês destina-se a um público de diferentes idades.

Para Rogoź (2013), Rei Mateuzinho I é a obra de Janusz Korczak com mais reedições nos últimos anos, também adaptada para filmes, séries e espetáculos televisivos, além de ser traduzido para diversas línguas, como russo, alemão, francês, italiano, hebraico e inglês. Desta obra, traduzimos alguns fragmentos:

Maciuś levantava sozinho as sete horas da manhã, se levava, se vestia e limpava seus sapatos. Adquiriu esses hábitos do seu bisavô, o valente Rei Paulo, o virtuoso.

Arrumado, Maciuś tomava um copo de óleo de bacalhau e sentava-se para tomar o café, que não poderia demorar mais do que dezesseis minutos, trinta e cinco segundos. Esse era o tempo de refeição do grande avô de Maciuś, o generoso Rei Juliusz Cnotliwy. Depois disso ele se dirigia ao trono da sala, onde regularmente fazia bastante frio para atender os ministros. Na sala do trono, não havia aquecimento porque a bisavó de Maciuś, a espartinha Anna Nabożna, quando ainda criança quase morreu asfixiada pelo calor da lareira, se salvando por pouco. Depois do susto, por precaução, a lareira foi retirada e a sala ficou sem aquecimento por todos esses anos.

Maciús sentado no trono, sentindo frio até os dentes, via os ministros se perguntarem: O que está acontecendo com nosso país? Esse momento não era nada agradável porque todas as notícias eram ruins.

O ministro das relações exteriores perguntava quem estava a fim de se mexer e quem queria brigar com os inimigos - Maciús não entendia quase nada do que se estava passando.

O ministro da guerra, contava quantas fortalezas foram derrubadas, quantos canhões foram destruídos e quantos soldados foram baleados.

O ministro dos transportes solicitava quais novas locomotivas deveriam ser compradas (Korczak, 2017, p. 7).

Diferente de um conto de fada, o livro não é somente destinado às crianças, ainda que possa ser lido para elas, mas, destinado aos mais diversos públicos e, por conta disso, talvez tenha seus encantos particulares a partir do imaginário de cada leitor. Uma obra que além de despertar nos adultos o olhar dos pequenos sobre o mundo governando por soberbos, desperta nos adultos os sonhos, as vontades e as curiosidades dos tempos de crianças que adormeceram e, portanto, ficaram esquecidas.

Janusz Korczak demonstrava grande habilidade no manejo das sensibilidades infantis, e por vezes, percebemos em seus escritos, quando ele mesmo preferia acreditar nas fábulas ao invés de se debater com as dificuldades do dia a dia, ou pelo menos, fazia uso delas para tornar a realidade mais leve, a exemplo da peça *Dakghar*, quando as perseguições dos nazistas se intensificavam.

O educador se aproveitou da literatura para dar às crianças oportunidades de sonharem, mas também de refletir sobre as condições humanas, ilustradas em alguma medida nas publicações de *Mały Przegląd*.

Anedotas e particularidades são descritas com bastante precisão por aqueles que passaram por *Dom Sierot*. Algumas delas são trabalhadas pelo diretor Andrzej Wajda no filme *Korczak*, a exemplo de quando uma criança tenta vender o seu dente de leite que ainda não caiu para o doutor por 50 groszy (50 centavos).

O parlamento infantil, palco central em *Rei Mateuzinho I* também é retratado pelo filme. Importante destacar que a obra possibilitou a ascensão dos direitos das crianças e assim contribuiu na ideia das crianças como sujeitos de direito durante o século XX¹². “Não há crianças, há pessoas” - era uma frase recorrente do educador ao afirmar que as crianças eram mais do que crianças, elas eram antes de mais nada seres humanos e só por isso, mereciam ser tratadas como tal.

12 Declaração de Genebra (1924); Declaração dos Direitos da Criança (1959); Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança (1989). No Brasil, temos a Constituição Federal Brasileira (1988); o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) e a Lei 11.525 (2007).



18

**A INFÂNCIA
DE HENRYK GOLDSZMIT**

O pai, nascido em Lublin, na região leste e a mãe em Kalisz, do outro lado da capital; ambos quando jovens, foram morar em Varsóvia para estudar e tentar uma carreira profissional. Os pais de Janusz se conheceram em Varsóvia, onde seus filhos nasceram e viveram em um prédio que não existe mais na rua Bielańska, perto da rua Długa. Janusz Korczak ou Henryk Goldszmit conforme consta em sua certidão de nascimento, sempre usou duas datas para comprovar sua idade porque como já mencionamos nem seu pai tinha certeza se ele havia nascido em 22 de julho de 1878 ou 1879.

Como consta em alguns de seus escritos, a exemplo de “Rei Mateuzinho I”, o menino Henryk teve uma infância bastante solitária e os livros foram seu refúgio, onde ele pôde encontrar e procriar suas ideias e entre elas, uma reflexão sobre a não demonstração e a falta de afeto, despertando desde muito cedo uma preocupação com as crianças de rua, justamente por elas também desconhecerem os laços afetivos intrafamiliares. Desta sua preocupação, buscou desenvolver uma filosofia de educação, pautada nos escritos de Jean Jacques Rousseau e Johann Heinrich Pestalozzi em que sublinhava a atenção para com os pequeninos, dando especial atenção aos afetos e emoções.

Henryk não era um menino próximo do seu pai, acreditava que ele se preocupava apenas em garantir o provimento dos bens materiais, mas negligenciava o relacionamento íntimo com a família, especialmente na questão do apoio emocional e espiritual. Henryk estava com onze anos quando acompanhou pela primeira vez seu pai a um hospital psiquiátrico. Depois de alguns anos, escrevera em seu diário: “Fiquei apavorado com o hospital doido, ao qual meu pai foi encaminhado várias vezes. Então, eu sou filho de um louco? Eu tenho uma carga genética hereditária relacionada à loucura? Várias décadas se passaram e até agora, esse pensamento me incomoda” (KORCZAK, 1958, p. 82).

Em 1896, após a morte do pai, consequentemente perdeu o conforto material da casa em que vivia. Korczak junto com sua mãe e irmã precisaram se mudar para uma casa mais simples. O jovem que gostava de literatura desde cedo, começou a trabalhar como professor, dando aulas de reforço para as crianças que precisavam. Aos 20 anos, ingressou na escola de medicina da Universidade de Varsóvia. Korczak frequentou a escola polonesa, num período em que a cidade de Varsóvia se encontrava sob o domínio da Monarquia Russa. A língua russa era forçosamente ensinada nas escolas públicas, era também a língua das repartições públicas, dos escritórios, da polícia e do exército. Em 1901, resultante do seu olhar sensível para com as crianças de rua, Korczak publicou seu livro de estreia "As crianças de rua" (tradução nossa).

Em contrapartida, o menino Henryk era muito próximo da sua mãe, cuja memória se estendia desde a infância quando caminhava de mãos dadas com ela no Parque *Saski*, um jardim não muito longe da sua casa, na região central de Varsóvia. Filho de uma mãe progressista, Korczak nutria imenso amor pela mãe, que depois de ficar viúva e com pouco dinheiro abriu sua casa para receber alunos das escolas públicas e privadas, onde anunciou que além de hospedar os estudantes, ajudaria nas lições e deveres de casa. Korczak viveu muitos anos com sua mãe. A morte dela, em 1920, foi um grande martírio para ele porque sentia-se culpado pela sua morte. Sua mãe Cyclopedia, fora infectada pelo tifo, doença que Korczak trouxe do período em que esteve em confronto com os bolcheviques (1919-1920). Ao retornar para casa doente, a mãe com o intuito de cuidar do filho, contraiu a doença e não resistiu.

Durante o curso de medicina, trabalhou como pediatra no Hospital Infantil Bersonów e Baumanów, onde se mostrava empático com seus alunos e com as crianças hospitalizadas, demonstrando que a sensibilidade humana era necessária para se conectar com as pessoas, especialmente com aquelas que se encontravam em situações de fragilidade.

Figura 10 - Hospital Infantil Bersohn e Bauman.



Fonte: Nawroski, 2019.

Desta empatia para com as crianças e preocupado com a saúde delas, o doutor Korczak advertiu em 1926, já no primeiro número de *Mały przegląd* um artigo sobre a epidemia da escarlatina, como podemos ver:

Escarlatina

A escarlatina é uma doença que os adultos raramente contraem, mas as crianças sim. A doença pode ser leve ou fatal. Nos hospitais, em Varsóvia, há quase 1000 crianças que têm escarlatina e em casa provavelmente muito mais. A escarlatina é uma doença contagiosa e se muitas pessoas contraem uma doença contagiosa imediatamente, se fala em epidemia. Agora temos a epidemia da escarlatina e se escreve nos jornais o que tem que se fazer para não ficar doente e nem contrair a doença.

Não queremos discutir nos primeiros números com os jornais para adultos, só vamos fazer algumas referências sobre o que eles publicam. Sim, as vacinas são muito importantes, também é importante manter as mãos limpas, lavar as mãos ao sair da escola ou ao voltar da rua ou do passeio; é importante enxaguar a boca e escovar os dentes; é importante limpar cuidadosamente o nariz. É importante não pegar nada do chão, na rua ou no jardim - e não pôr as coisas desnecessárias na boca. Os estudiosos provaram que um homem com fome fica infectado e doente mais facilmente, e nas escolas há muitas crianças com fome. Ninguém se preocupa com a alimentação das crianças que têm fome. Estudiosos provaram também que o homem necessita de ar fresco e em muitas escolas é muito apertado, poucas janelas e mesmo no intervalo não há lugar para brincarem. - E mesmo se o dia for muito bonito não se vê excursões e passeios. - Ninguém diz para fazer mais passeios e menos trabalhos durante a epidemia. O homem feliz e contente está mais imune à peste, mas quem só se aborrece, pode ficar doente mais cedo. Então deve haver mais entretenimento e lazer agora. Porque as crianças sempre devem estar alegres e ainda mais quando há epidemia. - Sobre isso, os jornais para adultos esquecem de escrever, então, o nosso dever é lembrá-los.

Korczak foi um incentivador das crianças como sujeitos de direitos, sobretudo da educação e saúde, e da propagação do conceito de infância em tempos de guerras. Em *Rei Mateuzinho I* trouxe à tona os direitos das crianças e adolescentes, especialmente ao mostrar que as crianças pensam e por só isso já merecem ser ouvidas. Em tempos de Guerras, tentou trazer por meio da literatura, do teatro e da escrita a esperança ou o "ato de esperançar" para que os sonhos das crianças não morressem. O menino Henryk Goldszmit, desde muito pequeno, foi um assíduo leitor, (talvez para

amenizar a ausência do pai), leu Fausto de Goethe, Victor Hugo, Henryk Sienkiewicz e Karol Marx – de quem tomou a categoria proletários para nomear seus pupilos de pequenos proletários de Varsóvia (NAWROSKI, 2019).

A ascendência judia de Korczak não lhe privou de fazer da língua polonesa, a sua língua, como a principal dos seus escritos. Contudo, suas ações pedagógicas se dividiam de um lado com as crianças judias atendidas pelo *Dom Sierot*, sob a administração de Stefania Wilczynska e de outro, as crianças polonesas atendidas pelo *Nasz Dom* administrado por Maryna Falska.

Em muitas passagens do jornal *Mały Przegląd*, criticou a sistematização da organização das escolas e a ação de alguns professores e rabinos, tomando como experiência a sua própria vivência de aluno na escola primária, onde compreendeu que eram desumanos os castigos aplicados pela escola, sobretudo aqueles que viu na sua primeira passagem pela instituição. Das vivências e sobrevivências nas guerras, tornou sensível a luta pelo direito das crianças, especialmente aquelas, vítimas das catástrofes, suprimindo minimamente as faltas (dos pais, irmãos, avós, escolas, professores, casa, amigos, animais e vizinhos). Em meio as faltas, as organizações de *Dom Sierot* e *Nasz Dom*, juntamente com Stefania Wilczyńska, Maryna Falska e Maria Podwysocka procuravam de alguma forma estarem atentas às crianças que de tudo precisavam, e entre estas atenções, o jornal *Mały Przegląd* foi um instrumento pedagógico de atenção, escuta, leitura e escrita. Hoje, o jornal nos mostra como as crianças, em sua maioria judias, viam o mundo no período entreguerras.

O jornal *Mały Przegląd* serviu de material auxiliar às escolas, de leitura, de politização e sobretudo da conscientização social sobre os problemas sociais que as crianças enfrentavam no período entreguerras. Durante a leitura das cartas, podemos ver com o passar dos anos, a complexidade dos conteúdos emitidos nas cartas. Se inicialmente as cartas eram mais curtas e, postadas com mais intensidade dos

arredores de Varsóvia, com o passar do tempo, os rementes se tornavam mais distantes, com cartas da Austrália, México, Brasil, China, Uruguai, Bolívia, Palestina, além de outros países da Europa, o que também demonstra uma grande onda de emigração. A paz em tempos de guerras era almejada, e assim a cada novo número do jornal *Mały Przegląd*, mais leitores e cartas eram acumuladas, recheadas de alegrias, tristezas, angústias, sonhos e medos, mas que, ao serem publicadas, regozijavam seus autores.

Figura 11 - Janusz Korczak (o quarto de cima pra baixo) entre os tutores da Colônia de Férias Wilhelmówska para crianças polonesas.



Fonte: Museu de Varsóvia, 1908.

REFERÊNCIAS

DĄBROWSKA, Izabela Edyta. **Uczelnia Jańskiego w Łomży**. Idea społeczeństwa dziecięcego w ujęciu Janusza Korczaka (na przykładzie systemu wychowawczego Domu Sierot). 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

GOŁĄB Marcin; SĘKOWSKA, Zuzanna; NASZ Dom (1919–2019). **Pedagogiki społeczne, miasto i dzieciństwo w praktyce Naszego Domu**. Fundacja Bęc Zmiana, Warszawa. 2019.

KICIŃSKA, Magdalena. **Pani Stefa**. Wydawnictwo Zame: Wołowiec, 2015.

KORCZAK, Janusz; **Król Maciuś Pierwszy**. Wydawnictwo Wilga. Seria z Niezapominajką, 2017.

KORCZAK, Janusz. **Como amar uma criança**. Prefácio de Bruno Bettelheim. São Paulo, Paz e Terra, 1986.

KORCZAK, Janusz. **Diário do Gueto**. São Paulo, Perspectiva, 1986.

KORCZAK, Janusz. **O Direito da Criança ao Respeito**. São Paulo, Perspectiva, 1984.

KORCZAK, Janusz. **Quando eu voltar a ser criança**. São Paulo, Summus, 1981.

KORCZAK, Janusz. **Pisma wybrane**. Nasza Księgarnia. Warszawa. 1978.

KORCZAK, Janusz. **Dzieci ulicy**. Fundacja nowoczesna Polska. 1930.

KORCZAK, Janusz. **Prawidła życia: Pedagogika dla dzieci i młodzieży**. Fundacja nowoczesna Polska. 1930.

MARKOWSKA-MANISTA, Ursúla, & ZAKRZEWSKA-OLEDZKA, Dominika. La pedagogía de Janusz Korczak y los métodos de trabajo participativo con los niños por sus derechos humanos. **Sociedad & Infancias**, 3, 2019, p. 295-313.

NAWROSKI, Alcione. Little proletarians in Warsaw: from practices of Janusz Korczak to theories of Paulo Freire. **Revista Brasileira Estudos Pedagógicos**. Brasília, v. 100, n. 256, p. 543-557, set./dez. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.100i256.4482>. Acessado em 23 de junho de 2023.

NÓVOA, António. A imprensa de Educação e Ensino: concepção e organização do Repertório Português. In: CATANI, Denise Bárbara; BASTOS, Maria Helena Câmara (Orgs.). **Educação em Revista: a imprensa pedagógica e a História da Educação**. São Paulo: Escrituras, 2002. p. 11-31.

PESTALOZZI, Johann Heintich. **How Gertrude Teaches her Children**. London: Ebenezer Cooke. 1894.

PIAGET, Jean. **Dokąd zmierza edukacja**. Warszawa: PWN. 1977.

ROGOŹ, Michał. Książki Janusza Korczaka na polskim rynku wydawniczym. **Toruńskie Studia Bibliologiczne**, [S.l.], v. 6, n. 1 (10), p. 41-68, 2013.

ROUSSEAU, Jean. Jacques; **Emilio ou Da educação**. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1995.

ROUSSEAU, Jean. Jacques; **Emile or Concerning Education**. Extracts containing the principal elements of pedagogy founding the first three books. Boston: D. C. Heath & Company. 1889.

RUDNICKI, Zbigniew; **Korczak na marginesach. Czytając Pamiętnik Starego Doktora**. Poznań: Wydawnictwo Naukowe – UAM, 2013.

WITKOWSKA-KRYCH, Agnieszka. **Mniej strachu - ostatnie chwile z Januszem Korczakiem**. Warszawa: Wydawnictwo Akademickie Dialog, 2019.

FILME

KORCZAK, Direção: Andrzej Wajda: Prod. Janusz Morgenstern, Regina Ziegler, Daniel Toscan du Plantier, Willi Segler: IMDb. Varsóvia, 1990 (113 min.).

JORNAIS

Pamiętnik sieroty. Nr. 277. 9.X.1926

Pamiętnik sieroty. Nr. 283. 15.X.1926.

Pamiętnik sieroty. Nr. 290. 29.X.1926.

Pierwsza Poczta. Nr. 277. 2.X.1926

List z Warszawy i trzy listy z Brazylii. Nr.332. 2.XII.1926.

Sławne dzieci. Nr.332. 2.XII.1926..

Miesiąc Sieroty. Nr.63. 4.III.1927.

Wiosna. Nr. 98. 8.IV.1927.

Z życia psów. Nr. 143. 27.V.1927.

Pożegnanie. Nr. 179. 1.VII.1927.

Rzeczy o które ludzie pytają. Nr. 5. 11.I.1928

Tel-Awiv. Nr 109. 06.VIII.1928.

Moje Pamiętniki. Nr. 4. 11.VIII.1928.

Prima Aprilis. Nr. 88. 29.III.1929.

Nocna Wycieczka. Nr.312. 15.XI.1929.

Z Warszawy do Mexika. Nr. 94. 4.IV.1930.

Pierwszy dzień szkolny. Nr. 262. 19.IX.1930.

Brazylia. Nr. 146. 29.V.1931

Sprzedawcy uliczni. Nr. 132. 15.05.1931.

Kartki z pamiętnika. Nr. 132. 15.05.1931.

Okręt. Nr. 92.1.IV. 1932.

Salmon. Pojmanie Belzebura. Nr. 188. 8.VII. 1932

Rodzice a my. Nr. 27. 27.I.1933.

Pierwszy śnieg. R.8, nr 1. 6.I.1933.

Nauczyciel. Nr. 19. I. 1934.

O prawo do nauki. Nr.33. 2.II.1934.

Jaśmin. Nr.253. 6.IX. 1935.

Owoce. Nr 23. 14.VI. 1935

LIDO. Nr. 176. 21.VII.1935

Egzotyka. Nr. 239. 23.VIII.1935.

Konduktorski but. Nr 286. 11. X. 1935.

Historja jednej Złotowki. Nr. 194. 3.VI.1936

Tydzień L.O.P.P. Nr. 42. 15.X.1937

Powrót wojska. Nr. 42. 15.X.1937

11-ty listopada w Edinburgu. 364. 24.XII.1937.

Nieprawda, że dawniej było lepiej. Nr. 49. 18.II.1937.

Czarodziejskie pudełko. Nr. 182 1.VI.1938.

Trzeba pracować. Nr.35, 2. IX. 1938

Kubek Zimnej wody dla Dyci z Zamościa. Nr. 3.II. 1939.

Dzieci o przyjaźni. Nr. 55. 24.II. 1939

Latająca ryba. Nr. 34. 25.VIII. 1939

Niedziela w Paryżu. Nr. 223. 11.VIII. 1939.

Mój zwykły dzień Setni. Nr. 244. 1. IX. 1939.

ÍNDICE REMISSIVO

A

amizade 57, 58, 88, 119, 189
antissemitismo 65, 142
arte 64

C

cartas 13, 14, 15, 38, 48, 49, 51, 54, 58, 79, 80, 103, 137, 142, 143,
144, 151, 189, 206, 207
comportamento 97
conflitos 34
crianças 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 24, 25, 26, 27, 30, 31, 32, 33,
34, 35, 47, 48, 49, 51, 54, 58, 63, 64, 65, 66, 68, 69,
74, 75, 79, 80, 85, 87, 88, 95, 96, 97, 99, 100, 102,
104, 106, 108, 109, 110, 112, 114, 116, 117, 118, 122, 126,
132, 135, 142, 143, 145, 158, 159, 160, 171, 179, 189,
198, 199, 200, 202, 203, 204, 205, 206, 207

Czar 18, 87

D

diários 29, 30, 31, 34, 38, 44, 64
direitos 19, 68, 117, 200, 205

E

educação 13, 16, 19, 20, 21, 25, 26, 34, 62, 63, 87, 88, 114, 127, 128,
137, 138, 202, 205, 209
emigração 141
ensino 133, 209
entreguerras 12, 13, 14, 16, 26, 108, 206
esperança 37, 38, 78, 79, 205
Estrela de Davi 24, 88
estudantes 12, 13, 43, 59, 77, 128, 132, 137, 140, 173, 175, 203

experiências 31, 48

F

fábulas 14, 38, 109, 179, 199
Falska 19, 20, 21, 25, 87, 88, 206
família 16, 20, 26, 48, 102, 106, 165, 166, 171, 196, 202
felicidade 42, 45, 79, 83, 184

G

guerra 18, 21, 50, 87, 94, 107, 108, 176, 199
Gueto de Varsóvia 24, 63, 82

H

histórias 19, 27, 59
honra 67, 72
humanidade 84

I

independência 19, 21, 32
infância 16, 117, 159, 201, 202, 203, 205
inocência 16
intelectuais 13

J

judeus 13, 30, 48, 54, 65, 67, 68, 74, 93, 133, 147, 156, 166
justiça 19, 64, 65

L

liberdade 25, 34, 119, 150, 175, 176, 183
literatura 26, 31, 32, 179, 200, 203, 205

M

mulher 21, 26, 27, 113, 148

O

orfanato 16, 24, 25, 26, 27, 33, 58, 63, 64, 68, 69, 74, 88,
100, 101, 102, 104

órfãos 94

P

paz 120, 169, 173, 175, 176, 177, 191, 207

pedagogia 208

pedagógica 13, 14, 25, 32, 88, 209

pobreza 104

Polônia 13, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 26, 47, 68, 72, 108, 130, 132, 133,
156, 157, 163, 173

professores 20, 48, 63, 126, 131, 134, 135, 137, 138, 143, 176, 206

progresso 114

psicologia 116

R

refugiados 17, 18

república 21, 47

revolução 18

S

Segunda Guerra Mundial 173

silêncio 83, 84, 120, 167, 168, 175, 176, 182, 196

soldados 24, 176, 177, 199

solidariedade 68

sonhos 14, 128, 182, 183, 186, 199, 205, 207

V

Varsóvia 12, 13, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 24, 25, 26, 27, 31, 32, 42, 48,
50, 51, 52, 53, 54, 60, 62, 63, 67, 72, 74, 79, 82, 85,
87, 88, 96, 98, 99, 100, 126, 133, 139, 142, 143, 147,
148, 154, 156, 157, 173, 202, 203, 204, 206, 207, 209

vida 14, 18, 20, 21, 26, 30, 31, 32, 34, 36, 38, 42, 54, 68, 87, 90, 95,
99, 102, 107, 108, 116, 117, 120, 138, 146, 165, 167, 169,
185, 189, 190, 194

violência 18

www.pimentacultural.com

Cartas para Varsóvia

*Escritas
de Crianças
no Entreguerras*